15 Apóstolos

Washington Luis Lanfredi Dias dos Santos

15 Apóstolos



Dedicado a
Isabela minha
Linda filha e minha
Adorável esposa
Gabriela.

Índice

Introdução _____ 05

André _____ 06

Simão Pedro _____ 12

Bartolomeu _____ 25

Tiago Maior _____ 33

João _____ 41

Tiago Menor _____ 52

Judas Tadeu _____ 58

Simão Zelote _____ 65

Judas Iscariotes _____ 72

Mateus _____ 84

Felipe _____ 94

Tomé _____ 104

Matias _____ 115

Paulo _____ 120

João Batista _____ 137

Introdução

Esse livro vai contar a historia dos apóstolos de Jesus. Quando vamos para a igreja sempre escutamos falar dos 12 apóstolos e geralmente é muito resumido, então neste livro vai ser mais detalhista sobre suas vidas. Inclusive sobre Matias que se tornou o décimo terceiro apóstolo após a saída de Judas Iscariotes. E também vou acrescentar João Batista e Paulo que foram grandes apóstolos mesmo sem terem recebido esse titulo.
Os apóstolos foram escolhidos no meio de seus discípulos que é uma palavra derivada do latim que significa aluno e que segue os princípios de um Mestre, seja de Moisés (Jo 9.28), ou de João Batista (Mt 9.14), ou dos fariseus (Mt 22.16), mas de um modo preeminente se dá a qualidade de discípulo, ou em geral aos que seguiam Jesus Cristo (Mt 10.42), ou de um modo restrito aos Apóstolos (Mt 10.1). Jesus tinha em uma época de sua vida 70 discípulos.
Apóstolo é uma palavra derivada do grego que significa enviado, dando a idéia de ser representada a pessoa que manda.
O apóstolo também é um delegado e um embaixador. Jesus escolheu doze apóstolos e os enviou para diversos lugares para pregarem a chegada da "Boa Nova". Nos Evangelhos Lucas diz-nos que o nome apóstolos foi dado aos doze por Jesus Cristo (6.13), e em mais quatro passagens o emprega a respeito dos discípulos (9.10, 17.5, 22.14, 24.10).

André
O primeiro escolhido de Cristo

André que é a tradução do grego Andreas, que significa "varonil", também conhecido como o Afável, foi o primeiro a receber de Cristo o título de Pescador de Homens e tornou-se o primeiro a recrutar novos discípulos para o Mestre.

Nascera em Betsaida da Galiléia.

Ele era fisicamente forte, homem devoto e fiel. (Mc 1.29).

Era o mais velho, em uma família de cinco filhos sendo ele próprio, o seu irmão Simão, e três irmãs.

O seu pai Jonas ou João, agora falecido, tinha sido sócio de Zebedeu no negócio de secagem de peixes em Betsaida.

André e Pedro ambos jovens haviam seguido o pai no negócio da pesca se tornando pescadores.

Quando se tornou um apóstolo, André estava solteiro, mas vivia com o seu irmão casado, Simão Pedro.

Ambos eram pescadores e sócios de Tiago e de João, os filhos de Zebedeu.

No ano 26 d.C., quando foi escolhido como apóstolo, André tinha 33 anos, um ano completo a mais do que Jesus, e era o mais velho dos apóstolos.

André junto com seu irmão Simão Pedro era um discípulo de João Batista (João 1.35).

No evangelho de Mateus diz que quando Jesus caminhava junto ao mar da Galiléia, ele saudou a André e a Pedro e convidou-os para se tornarem discípulos (Mt 4.18,19).

Isso aconteceu no dia seguinte àquele em que João Batista viu o espírito santo descer sobre Jesus.
Então João Batista apontou para André e mais um de seus discípulos e disse: "Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1.36).
André e o outro discípulo ouviram que João Batista falou e seguiram Jesus (Jô 1.37).
Jesus notou a presença de André e perguntou-lhe: “Que procurai?” e André respondera: "Rabi, onde moras?" Jesus respondeu: “Vinde e vede” assim levou-o a casa onde ele se hospedava e passou a noite com ele (Jô 1.38-39).
André foi logo à procura de seu irmão, Simão Pedro, a quem disse: "Achamos o Messias..." (Jo 1.41). Por seu testemunho, ele ganhou Pedro para o Senhor.
A partir daí os dois irmãos se tornaram discípulos fiéis de Jesus.
Numa ocasião posterior, antes do derradeiro chamado ao apostolado, passaram a ser companheiros mais íntimos, e abandonaram todos os seus pertences para seguir Jesus (Lucas 5:11; Mateus 4:19-20; Marcos 1:17-18).
André era um homem de um discernimento interno claro, de pensamento lógico e de decisão firme, cuja grande força de caráter consistia na sua estupenda estabilidade.
A sua desvantagem de temperamento era a sua falta de entusiasmo; muitas vezes ele preferiu fazer elogios ponderados aos seus companheiros a encorajá-los.
André e outro discípulo chamado Filipe apresentaram a Jesus um grupo de gregos (Jo 12.20-22).

Por este motivo podemos dizer que eles foram os primeiros missionários estrangeiros da fé cristã.
Mesmo nunca tendo sido um pregador eficiente, André fazia um trabalho pessoal eficaz, sendo o missionário pioneiro do Reino, visto que, enquanto primeiro apóstolo escolhido, imediatamente trouxe até Jesus o seu irmão, Simão, que depois se tornou um dos maiores pregadores do Reino.
André era o principal apoio da política adotada por Jesus, de utilizar o programa de trabalho pessoal como um meio de treinar os doze como mensageiros do Reino.
André é mencionado nos evangelhos como estando presente em diversas ocasiões de importância, como um dos discípulos mais próximos de Jesus (Marcos 13:3; João 6:8,João 12:22); os Atos dos Apóstolos apenas o mencionam uma única vez (Atos 1:13).
É sempre citado entre os quatro mais importantes, junto com Pedro, João e Tiago, sendo seu nome mencionado explicitamente três vezes: por ocasião do discurso sobre a consumação dos tempos de Jesus, na primeira multiplicação dos pães e dos peixes.
Excetuando a oratória, ele era igual aos seus companheiros em quase todas as aptidões imagináveis.
Jesus nunca deu a André um apelido, uma designação fraternal. Contudo, tão logo os apóstolos começaram a chamar a Jesus de Mestre, eles também designaram André com um termo equivalente a chefe.
No começo da vida pública de Jesus ocuparam a mesma casa em Cafarnaum. Segundo as Escrituras esteve sempre próximo ao mestre durante sua vida pública.

André era um bom organizador e um administrador ainda melhor. Era um dos quatro apóstolos que formavam o círculo interno, mas ao ser designado por Jesus como dirigente do grupo apostólico, André teria de se manter junto aos seus irmãos, ao passo que os outros três usufruíam de uma comunhão mais estreita com o Mestre. Até o fim, André permaneceu como o deão do corpo de apóstolos.

De todos os apóstolos, André era o melhor conhecedor dos homens.

Ele sabia que conflitos estavam germinando no coração de Judas Iscariotes, mesmo quando nenhum dos outros sequer suspeitava de que algo estava errado com o tesoureiro deles; mas ele nada disse a ninguém sobre os seus temores.

Estava presente na Última Ceia, viu o Senhor Ressuscitado, testemunhou a Ascensão, recebeu graças e dons no primeiro Pentecostes e ajudou quando duas mil almas foram acrescentadas ao Reino, graças principalmente à pregação energética e inspirada de Pedro, André disse ao seu irmão: "Eu não poderia ter feito isso, mas estou contente de ter um irmão que o fez". Ao que Pedro respondeu: "E se não fosse tu, que me trouxeste ao Mestre e, não fosse a tua perseverança em me manter junto a ele, eu não estaria aqui para fazer isso". André e Pedro eram exceções à regra, provando que mesmo irmãos podem conviver em paz e trabalhar juntos de um modo eficiente.

Logo depois da ascensão celeste de Jesus, André começou a escrever um registro pessoal de muitos dos feitos e dos ditos do seu Mestre que partira.

Depois de Pentecostes, Pedro estava famoso, mas nunca se tornou irritante para o irmão mais velho passar o resto da sua vida sendo apresentado como o "irmão de Simão Pedro".

O grande serviço de André para o Reino foi o de aconselhar a Pedro, a Tiago e a João a respeito da escolha dos primeiros missionários que foram expedidos para proclamar o evangelho do Reino, e também o de aconselhar a esses primeiros líderes sobre a organização dos assuntos administrativos do Reino. André tinha o grande dom de descobrir os recursos ocultos e os talentos latentes dos mais jovens. Entre grandes ameaças e perseguições, ele estabelecia a Fé na Palestina, passando provavelmente por Cítia, Épiro, Acaia e Hélade.

Para Nicéforo ele pregou na Capadócia, Galácia e Bitínia, e esteve em Bizâncio, onde determinou a fundação da Igreja local e apontou Eustáquio como primeiro bispo. Finalmente esteve na Trácia, Macedônia, Tessália e Acaia.

Foi na Grécia, segundo a tradição durante o reinado de Trajano, que André viveu seus últimos dias na Cítia, ao norte do mar negro. Mas um livreto intitulado: Atos de André (provavelmente escrito por volta do ano 260 dC) diz que ele pregou primariamente na Macedônia e foi martirizado e crucificado em Patros da Acaia, cidade na qual havia sido eleito bispo, por ordem do pro cônsul romano Egéias.

Diz ainda, que ele foi Atado, não pregado, a uma cruz em forma de X, símbolo religioso que ficou conhecida como a cruz de André.

Dois dias inteiro foi o tempo que levou para que esse homem robusto expirasse na cruz e durante essas horas trágicas ele continuou efetivamente a proclamar as boas-novas da salvação do Reino do céu.

Embora que a evidência generalizada deste tipo de martírio não seja anterior ao século catorze. Suas relíquias foram transferidas de Patros para Constantinopla (356) e depositadas na igreja dos Apóstolos (357), tornando-se padroeiro desta cidade. Quando Constantinopla foi invadida pelos franceses no início do século treze, o Cardeal Pedro de Cápua trouxe as relíquias à Itália e as colocou na catedral de Amalfi. Anos mais tarde, decidiram levar seus restos mortais para a Escócia, onde fora escolhido padroeiro, mas o navio que os transportava naufragou em uma baía que, por esta ocorrência, passou a ser denominada de Baía de André. É honrado como padroeiro da Rússia e Escócia e no calendário católico é comemorado no dia 30 de novembro, data de seu martírio.

Depois da morte de André foram feitas cópias de seu registro particular, e elas circularam livremente entre os primeiros instrutores da igreja cristã. Essas notas informais de André, subseqüentemente, foram editadas, corrigidas, alteradas e tiveram acréscimos até que formassem uma narrativa suficientemente contínua da vida do Mestre na Terra. A última dessas poucas cópias alteradas e corrigidas foi destruída pelo fogo em Alexandria, cerca de cem anos depois que o original fora escrito pelo apóstolo.

Simão Pedro
O príncipe dos apóstolos

Os escritores do novo testamento usaram quatro nomes diferentes com referência a Simão.
Um é o nome hebraico Simeon (At 15.14), que pode significar "ouvir".
O Segundo era Simão, a forma grega de Simeon.
O terceiro nome era Cefas palavra aramaica que significa "rocha".
O quarto nome era Pedro, palavra grega que significa "Pedra" ou "rocha"; os escritores do novo testamento se referem ao discípulo com estes nomes mais vezes do que os outros três.
Segundo a Bíblia, seu nome original não era Pedro, mas Simão. Nos livros dos Atos dos Apóstolos e na Segunda Epístola de Pedro, aparece ainda uma variante do seu nome original, Simeão. Cristo mudou seu nome para כיפא,Kepha (Cefas em português, como em Gálatas), que em aramaico significa "pedra", "rocha", nome este que foi traduzido para o grego como Πέτρος, Petros, através da palavra πέτρα, petra, que também significa "pedra" ou "rocha", e posteriormente passou para o latim como Petrus, também através da palavra petra, de mesmo significado.
A mudança de seu nome por Jesus Cristo, bem como seu significado, ganhou importância de acordo com a Igreja Católica, quando Jesus diz: "E eu te declaro: tu és kepha e sobre esta kepha edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão nunca contra ela."
Pedro, assim como seu irmão André, antes de seguir Jesus, tenha sido discípulo de João Batista.

Simão era pescador. Teria nascido em Betsaida e morava em Cafarnaum. Era filho de um homem chamado João ou Jonas e tinha por irmão o também apóstolo André.

Quando Simão juntou-se aos apóstolos, ele tinha trinta anos. Era casado, possuía três filhos. O seu irmão, André, e a mãe da sua mulher viviam com ele. Simão e André eram "empresários" da pesca e tinham sua própria frota de barcos sendo sócios de pescaria dos filhos de Zebedeu.

Sua esposa era de uma família rica e moravam numa casa própria, cuja descrição é muito semelhante a uma villa romana, na cidade "romana" de Cafarnaum.

A esposa de Simão era uma mulher muito capacitada. Durante anos ela trabalhou satisfatoriamente como membro do corpo feminino e, quando Pedro foi expulso de Jerusalém, ela o acompanhou em todas as suas jornadas às igrejas, bem como em todas as suas excursões missionárias.

Convertido, despontou como líder dos doze apóstolos, foi o primeiro a perceber em Jesus o filho de Deus. Junto com seu irmão e os irmãos Tiago e João Evangelista fizeram parte do círculo íntimo de Jesus entre os doze, participando dos mais importantes milagres do Mestre sobre a terra.

Simão era muito conhecido por todos os seus amigos como sendo um companheiro impulsivo e errático. É bem verdade que, mais tarde, Jesus deu importância nova e de maior significado ao apelido, conferido de uma maneira tão imediata.

Segundo o relato no Evangelho de Lucas, Pedro teria conhecido o Mestre havia a algum tempo, quando

André o apresentou como o segundo dos apóstolos, naquele momento Jesus deu a Simão o nome de Pedro (João 1:28),e o fez com um sorriso, para ser uma espécie de apelido.
Jesus quando este lhe pediu que utilizasse uma das suas barcas, de forma a poder pregar a uma multidão de gente que o queria ouvir.
Pedro, que estava a lavar redes com Tiago e João seus sócios, concedeu-lhe o lugar na barca, que foi afastada um pouco da margem.
No final da pregação, Jesus disse a Simão que fosse pescar de novo com as redes em águas mais profundas. Pedro disse-lhe que tentara em vão pescar durante toda a noite e nada conseguira, mas, em atenção ao seu pedido, fá-lo-ia.
O resultado foi uma pescaria de tal monta que as redes iam rebentando, sendo necessária a ajuda da barca dos seus dois sócios, que também quase se afundava puxando os peixes.
Numa atitude de humildade e espanto Pedro prostrou-se perante Jesus e disse para que se afastasse dele, já que é um pecador. Jesus encorajou-o, então, a segui-lo, dizendo que o tornará "pescador de homens".
Nos Evangelhos Sinóticos o nome de Pedro sempre encabeça a lista dos discípulos de Jesus, o que na interpretação da Igreja Católica Romana deixa transparecer um lugar de primazia sobre o Colégio Apostólico.
Simão não era tanto um sonhador, mas ele não gostava de descer das nuvens do êxtase e do entusiasmo dos seus deleites teatrais, para o mundo da realidade simples do dia-a-dia.

Encontramos o relato do evento no Evangelho de (Mateus 16, 13-19) Jesus pergunta aos seus discípulos em Cesaréia de Filipe (depois de se informar do que sobre ele corria entre o povo): "E vós, quem pensais que sou eu?".

Simão , respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16.15-16). Jesus respondeu-lhe:

“Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim Meu Pai que está nos céus.

Também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei Minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus. E o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16, 16-19).

O Evangelho de João, bem como o de Lucas, também falam a respeito do primado de Simão dever ser exercido particularmente na ordem da Fé, e que Cristo o torna chefe: Jesus disse a Simão (Pedro): "Simão, filho de João, tu Me amas mais do que estes? "Ele lhe respondeu: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Jesus lhe disse: "Apascenta Meus cordeiros". Segunda vez disse-lhe: "Simão filho de João, tu Me amas? - "Sim, Senhor”, disse ele, “tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta Minhas ovelhas". Pela terceira vez lhe disse: "Simão filho de João, tu Me amas? Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara “Tu Me amas?” e lhe disse: "Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo". Jesus lhe disse: "Apascenta Minhas ovelhas.

Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; Eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça.
Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos.
Mais do que em (Mt 16, 17-19) esse texto é mais claro no que se refere ao primado que Cristo confere a Pedro no próprio seio dos apóstolos; um papel de direção na Fé.
Era um homem de contrastes.
Alguns versículos adiante leram: "E Pedro chamando-o à parte, começou a reprová-lo..." Era característico de Pedro passar de um extremo ao outro.
Ao tentar Jesus lavar-lhe os pés no cenáculo, o imoderado discípulo exclamou: "Nunca me lavarás os pés." Jesus, porém, insistiu e Pedro disse: "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (Jo 13.8,9).
Na última noite que passaram juntos, ele disse a Jesus: "Ainda que todos se escandalizem, eu jamais!" (Mc 14.29).
Entretanto, dentro de poucas horas, ele não somente negou a Jesus, mas praguejou (Mc 14.71).
Este temperamento volátil, imprevisível, muitas vezes deixou Pedro em dificuldades.
Simão Pedro era um homem impulsivo, um otimista. Ele havia crescido dando a si próprio a indulgência de ter sentimentos fortes; estava constantemente em dificuldades, porque persistia em falar sem pensar. Essa espécie de descuido também trazia complicações, umas após outras, para todos os seus amigos e condiscípulos, tendo sido o motivo para o Mestre, muitas vezes, haver chamado suavemente a sua atenção.

A única razão pela qual Pedro não entrava em maiores complicações, por falar sem pensar, era que, desde muito cedo, ele aprendera a conversar sobre muitos dos seus planos e esquemas com o seu irmão, André, antes de aventurar-se a fazer propostas em público.
Pedro dominava a narrativa dos evangelhos. Éra o primeiro a falar, éra o primeiro a agir. Éra impulsivo, tempestuoso, talentoso, entusiástico, extremista e extrovertido. Porém, com tudo isso, Pedro se mostrava uma pessoa humilde e sensível.
Uma leitura cuidadosa dos Evangelhos e do primitivo segmento de Atos tenderia a apoiar a tradição de que Pedro foi figura preeminente da igreja primitiva.
Pedro sempre foi mencionado como o primeiro dos apóstolos em todas as passagens do novo testamento e um membro do circulo interno de Jesus com Tiago e João.
Daqui em diante Pedro é o mais notável dos doze apóstolos. Percorreu toda Galiléia ao lado de Jesus como seu discípulo, ouviu todas as parábolas, assistiu a todos sos milagres, e provavelmente hospedou Jesus em sua casa pois sempre Jesus voltava para Betsaida.
Simão foi o apóstolo escolhido para liderar os primeiros propagadores da fé cristã pelo mundo.
Jesus, além de muda-lhe o nome, o escolheu como chefe da cristandade aqui na terra (Mt. 16: 18-19).
O livro de Atos acentua as viagens de Paulo, mas Pedro também viajou extensamente. Ele visitou Antioquia (Gl 2.11), Corinto (2Co 1.12) e talvez Roma.
Pedro sentiu-se livre para servir aos gentios (At 10), mas ele é mais bem conhecido como o apóstolo dos judeus (Gl 2.8).

À medida que Paulo assumia um papel mais ativo na obra da igreja e à medida que os judeus se tornavam mais hostis ao Cristianismo, Pedro foi relegado a segundo plano na narrativa do novo testamento.
Ele foi o primeiro entre os apóstolos a confessar, de todo o coração, reconhecer a combinação da humanidade e da divindade em Jesus.
Ele é mencionado, mais do que qualquer outro discípulo, e estava ao lado de Jesus na Transfiguração, na cura da filha de Jairo, na agonia do Jardim das Oliveiras.
Ele ajudou a organizar a Ultima Ceia e teve um papel relevante na Paixão.
Quando o Mestre foi preso ele cortou com espada a orelha direita do escravo do Sumo Sacerdote Malchus, tendo um de seus momentos controvertidos.
Enquanto Jesus pendia na cruz, Pedro estava provavelmente entre o grupo da Galiléia que "permaneceram a contemplar de longe estas coisas" (Lc 23.49). Em (1Pe 5.1), ele escreveu: "...eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo..."
Depois da morte de Jesus, Pedro, muitíssimo abalado recebeu do senhor Jesus uma mensagem de renovação e de confiança (Marcos 16:7).
Porque negou intempestivamente ao Mestre, negando a Jesus três vezes, como havia predito Jesus e depois chorou amargamente caindo em si e, com o apoio compassivo e sensível de André, ele tomou de volta o caminho das redes de pescaria, voltando a viver como pescador, enquanto os apóstolos permaneciam estáticos à espera de saber o que viria depois da crucificação.

Quando ficou totalmente seguro de que Jesus o havia perdoado e de que tinha sido recebido de volta ao aprisco do Mestre, o fogo do Reino queimou de um modo tão brilhante dentro da sua alma, que ele se tornou uma luz grande e salvadora para milhares de almas na escuridão.

Após a ressurreição, Pedro foi a tumba com outro discípulo (provavelmente João) logo após ter sido informado por uma das mulheres.

A primeira aparição do Cristo Ressuscitado foi perante Pedro antes dos outros discípulos quando estava só , junto ao mar Tiberíades entregando-lhe a chave da igreja (João 21:3), dando a Pedro o famoso comando: " alimente meu rebanho ....cuide do meu rebanho....alimente o meu rebanho".

Varias vezes imediatamente após a Ressurreição, Pedro é inquestionavelmente o líder dos apóstolos.

Ele sugeriu que os apóstolos procurassem um substituto para Judas Iscariotes (At 1.15-22) depois da Ascensão, presidindo a assembléia dos apóstolos que escolheriam Matias para substituir Judas Iscariotes.

Apareceu para explicar a manifestação do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 2:14),fazendo seu primeiro sermão e peregrinou por várias cidades.

Embora 120 seguidores de Jesus tenha recebido o espírito santos no dia do Pentecoste, a Bíblia registra as palavras de Pedro (At 2.14-40).

Ele e João foram os primeiros a realizar um milagre depois do Pentecoste, curando um paralítico na Porta Formosa (At 3.1-11).

Em seu primeiro discurso se converteram mais de 3 mil almas. Curou o coxo na porta do templo.

Pedro começou a pregar ousadamente. Pessoas eram curadas. Pedro e João foram enviados a Samaria porque muitos irmãos se converteram. Eles oravam por eles para que recebessem o Espírito Santo.

Também em Samaria, um homem chamado Simão ofereceu-lhe dinheiro para que lhe vendesse o poder de dar o Espírito Santo às pessoas (Atos 8: 01).

Passou por Lida onde curou Enéas, ressuscitou Dorcas que era discípulo em Jope.

Em Cesárea teve uma visão que deveria visitar Cornélio, um centurião da corte Italiano. Foi quando Jesus lhe revelou a salvação dos gentios.

Três anos depois ocorreu o primeiro encontro entre Pedro e Paulo em Jerusalém (Gálatas 1:18).

Encontrou-se com São Paulo, em Jerusalém, e apoiou a iniciativa deste, Paulo de Tarso, de incluir os não judeus na fé cristã, sem obrigá-los a participarem dos rituais de iniciação judaica.

Embora Pedro e Paulo tivessem temperamento e educação muito diferentes, até mesmo em teologia, eles trabalharam juntos e harmoniosamente, nos seus últimos anos, para a edificação das igrejas.

Ele continuou o seu apostolado em Jerusalém e seus esforços missionários inclusive viagens a cidades pagãs como Antioch, Corinto, e eventualmente Roma.

Ele fez referência a Cidade Eterna na sua primeira Epístola fazendo notar que ele estava escrevendo da Babilônia (nome dado a Roma pelos primeiros cristãos).

Pedro foi o instrumento para trazer o evangelho a todos. Batizando o pagão romano Cornélius.

Após o encontro com Paulo, foi preso por ordem do rei Agripa I, e depois de solto da prisão em Jerusalém

quando um anjo o livrou da prisão o apóstolo teria viajado até Roma e aí permanecido até ser expulso com os judeus e cristãos pelo imperador Cláudio, época em que haveria voltado a Jerusalém para discutir sobre a circuncisão onde ocorre o primeiro concílio (Atos 15), e discutir sobre os rituais judeus em Jerusalém.

Houve um grande conflito entre Paulo e Pedro (Gálatas 21:11). Pedro submeteu-se ao apóstolo mais novo ficando para sempre seu amigo (II Pedro 3:15)

A Bíblia atesta que após esta reunião, Pedro ficou em Antioquia (como o seu companheiro de ministério, Paulo, afirma em sua carta aos gálatas).

Então sendo encaminhado à Roma durante o reinado de Claudio, onde passou a viver. Ali fundou e presidiu à comunidade cristã, base da Igreja Católica Romana.

Sendo o fundador, junto com Paulo, da Igreja de Roma, considerada a única comunidade cristã do mundo fundada por mais de um apóstolo e a única do Ocidente instituída por um deles, sendo concedido a Simão o título de Príncipe dos Apóstolos.

Esse título é um tanto tardio, visto que tal designação só começaria a ser usada cerca de um século mais tarde, suplementando o de Patriarca (agora destinado a outro uso). Pedro foi o primeiro Bispo de Roma. Essa circunstância é importante, pois daí provém a primazia do Papa e da diocese de Roma sobre toda a Igreja Católica; posteriormente esse evento originaria os títulos "Apostólica" e "Romana".

No Concilio de Jerusalém a sua orientação foi para que a Nova Igreja convertesse a todos e se tornasse universal.

Por esta razão desde antiguidade a comunidade de Roma (chamada atualmente de Santa Sé pelos católicos) teve o primado sobre todas as outras comunidades locais (dioceses); nessa visão o ministério de Pedro continua sendo exercido até hoje pelo Bispo (segundo o catolicismo romano), assim como o ministério dos outros apóstolos é cumprido pelos outros Bispos unidos a ele, que é a cabeça do colégio apostólico, do colégio episcopal.

A sucessão papal (de Pedro) começou com São Lino (67) e, atualmente é exercida pelo papa Bento XVI.

Os católicos consideram Pedro como o primeiro Bispo de Roma, sendo por isso o primeiro Papa da Igreja Católica.

Escreveu duas epístolas: uma dirigida aos cristãos judeus dispersos da Ásia menor.

O Novo Testamento inclui duas epístolas cuja autoria é atribuída a Pedro: A "Primeira epístola de São Pedro e a Segunda epístola de São Pedro".

Segundo o Novo Testamento e, mais especificamente, os quatro Evangelhos.

A tradição da Igreja Católica Romana afirma que depois de passar por várias cidades, Pedro haveria sido martirizado em Roma no tempo do grande imperador Nero (a data real do martírio, de acordo com um cruzamento de datas feito por alguns arqueólogos, seria 13 de outubro de 64 d.C) onde pediu aos carrascos para ser crucificado de cabeça para baixo (João 21.18, 19), por se julgar indigno de morrer na mesma posição de Cristo Salvador em volta de 64 d.C a 67 d.C.

Dia 29 de junho foi feito o traslado dos restos mortais de Pedro e Paulo para a estada dos mesmos nas Sebastião durante a perseguição do imperador romano Valeriano em 257.

E, no dia em que teve a vida ceifada, sua esposa foi atirada às bestas selvagens na arena de Roma.

Pedro teria sido sepultado em Roma na Colina onde é o hoje o Vaticano.

Desde a Reforma, teólogos e historiadores protestantes afirmaram que Pedro não teria ido a Roma; esta tese foi defendida mais pro eminentemente por Ferdinand Christian Baur da Escola Tübingen.

Outros, como Heinrich Dressel, em 1872, declararam que Pedro teria sido enterrado em Alexandria, no Egito ou em Antioquia.

Hoje, porém, os historiadores concordam que Pedro realmente viveu e morreu em Roma. O historiador luterano Adolf Harnackafirmou que as teses anteriores foram tendenciosas e prejudicaram o estudo sobre a vida de Pedro em Roma.

Sua vida continua sendo objeto de investigação, mas a partir da década de 1950 intensificaram-se as escavações no subsolo da Basílica de São Pedro em Roma.

Após extenuantes e cuidadosos trabalhos, inclusive com remoção de toneladas de terra que datava do corte da Colina Vaticana para a terraplanagem da construção da primeira basílica na época de Constantino, a equipe chefiada pela arqueóloga italiana Margherita Guarducci encontrou o que seria uma necrópole atribuída a Pedro, inclusive uma parede repleta

de grafitos com a expressa Petrós Ení, que, em grego, significa "Pedro está aqui".
Também foram encontrados, em um nicho, fragmentos de ossos de um homem robusto e idoso, entre 60-70 anos, envoltos em restos de tecido púrpura com fios de ouro que se acredita, com muita probabilidade, ser de Pedro.
Então ficou tradicionalmente reconhecido como provável túmulo do apóstolo, e é autenticado por muitos historiadores. É festejado no dia 29 de junho, um dia de importantes manifestações folclóricas, principalmente no Nordeste brasileiro, e suas relíquias estão debaixo do altar de São Pedro.
Na arte litúrgica da Igreja Católica, Pedro é mostrado como um velho homem segurando uma chave e um livro.
Seus símbolos são: uma cruz invertida, um barco (barco de Jesus) e um galo (tripla negação de Jesus).

Bartolomeu (Natanael)

O apóstolo viajante

Seu nome vem do aramaico, com uma referência patronímica: Bar Talmay - filho de Talmay. Há historiadores que também mantêm uma referência patronímica, mas dá outro significado para o nome: Bar Ptolomeu - Filho de Ptolomeu. Esta última hipótese não é inverossímil, visto que Ptolomeu (suposto pai de Bartolomeu) possuía um prenome grego, e a cultura grega tinha uma grande influência na Judéia da época.

Porem João o dá como Natanael (Jo 1.45). Crê alguns estudiosos que Bartolomeu era o sobrenome de Natanael.

Natanael significa "Deus deu" - o significado desse nome fica claro levando-se em conta que ele vinha de Caná, onde deve ter testemunhado a ação de Jesus nas Bodas de Caná (Jo 2, 1-11).

Sendo Bartolomeu e Natanael a mesma pessoa, o evangelho de João nos proporciona várias informações acerca de sua personalidade.

Jesus chamou Natanael de "israelita em quem não há dolo" (Jo 1.47).

Nascido em Caná, a 14 quilômetros de Nazaré, na Galiléia, e que foi apresentado a Jesus pelo também apóstolo e seu maior amigo Filipe.

Como narra a Bíblia, Filipe comunicou a Natanael (Bartolomeu) que havia encontrado o Messias, e que esse provinha de Nazaré, ao que Natanael responde dura e preconceituosamente: "De Nazaré pode vir alguma coisa boa?" (Jo 1, 46a).

Essa observação é importante indicador das expectativas judaicas quanto à vinda do Messias, então tidas.

No seu primeiro encontro com Jesus, recebe um elogio: "Aqui está um verdadeiro Israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1, 47), ao qual o apóstolo responde: "Como me conheces?". Jesus responde de forma que não podemos compreender claramente somente através das Escrituras: "Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas sob a figueira". Com certeza se tratava de um momento crítico e decisivo na vida de Natanael. Após essa revelação de Jesus, Natanael faz a sua adesão ao Mestre com a seguinte profissão de fé: "Rabi, tu és o filho de Deus, tu és o Rei de Israel".

Ele havia sido associado de Filipe, em vários empreendimentos de negócios, e estava indo ver João Batista com Filipe, quando se encontraram com Jesus.

Quando Natanael juntou-se aos apóstolos, ele tinha vinte e cinco anos e era o segundo mais jovem do grupo.

Era o mais jovem de uma família de sete irmãos, e, sendo solteiro, era o único esteio de pais idosos e enfermos, vivendo com eles em Caná; os seus irmãos e a irmã eram pessoas casadas ou falecidas, e nenhum deles vivia lá. Natanael e Judas Iscariotes eram os dois homens mais bem instruídos entre os doze. Natanael havia chegado a pensar em estabelecer-se como mercador.

Jesus não deu, ele próprio, nenhum apelido a Natanael, mas os doze logo começaram a referir-se a ele em termos que significavam honestidade e sinceridade.

Ele era “sem artifícios” e essa era a sua grande virtude; ele era tanto honesto, quanto sincero. A fraqueza do seu caráter era o seu orgulho; ele era muito orgulhoso, da família, da cidade, da própria reputação e da nação; e tudo isso seria louvável, não fosse levado tão adiante. Natanael, contudo, era inclinado a ir aos extremos nos seus preconceitos pessoais.

Estava disposto a prejulgar os indivíduos em função das opiniões pessoais deles.

Muitas vezes, quando Jesus encontrava-se nas montanhas com Pedro, Tiago e João, e as coisas estavam ficando tensas e confusas entre os apóstolos, quando até mesmo André estava em dúvida sobre o que dizer aos seus irmãos inconsoláveis, Natanael aliviaria a tensão com um pouco de filosofia ou com um lance de humor; e um humor certamente de boa qualidade.

O dever de Natanael era o de cuidar das famílias dos doze. Ele estava freqüentemente ausente do conselho apostólico, pois, quando sabia que alguma doença ou outra coisa fora do ordinário havia acontecido a alguém sob o seu encargo, ele não perdia tempo e corria logo até a casa da vítima. Os doze ficavam sossegados ao saber que o bem-estar das suas famílias estava assegurado nas mãos de Natanael.

O que Natanael mais reverenciava em Jesus era a sua tolerância. Ele nunca se cansou de contemplar a abertura da mente de Jesus e a generosa compaixão do Filho do Homem.

Entretanto, Natanael não era obstinado, mesmo no seu orgulho.

Ele era rápido em reverter os próprios pensamentos, uma vez que olhasse no rosto de Jesus.

O pai de Natanael (Bartolomeu) morreu pouco depois de Pentecostes

Após o Pentecostes, tendo recebido, junto com os demais, o Espírito Santo, que desceu sobre eles em forma de línguas de fogo quando se encontravam reunidos no cenáculo com Maria, Bartolomeu seguiu com o apóstolo Felipe para pregar o Evangelho na Síria e Ásia Menor.

Os dois partiram dali, primeiro pregando juntos, depois, se separando, enquanto visitavam várias cidades individualmente. Mais tarde, outra vez juntos, levaram a muita gente a salvação pela fé em Jesus Cristo. Na Ásia Menor, o apóstolo Felipe se separou mais uma vez de Natanael por algum tempo, levando à conversão os ferozes e selvagens habitantes de Lidia e Misia.

Enquanto isso, Natanael, que anunciava o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo nas cidades dos arredores, recebeu um mandato do Senhor para que fosse ao encontro de Felipe para ajudá-lo.

Acredita-se ainda que ele pregou também na Mesopotâmia, Pérsia e Egito.

Juntos, mais uma vez, Natanael desempenhou, com muito esforço, suas tarefas apostólicas, em unidade de pensamento e ação com Felipe.

Felipe foi seguido por sua irmã, a virgem Mariana, e todos trabalhavam juntos pela salvação das almas.

Durante a passagem por Lidia e Misia, ao difundir as boas novas da Palavra de Deus, sofreram todo o tipo de perseguição, suportaram muitas provações, açoites e tribulações nas mãos dos infiéis.

Apesar de tudo isso, porém, seguiram adiante com a tarefa de anunciar o evangelho e difundir a fé cristã por onde passavam.
Numa das aldeias de Lidia encontraram-se com João, o Evangelista, o Discípulo amado de Cristo, e em sua companhia viajaram par a terra de Frígia. Ao entrar na cidade de Hierápolis, começaram desde logo a anunciar o evangelho de Cristo.
Por esta época, a cidade se encontrava repleta de ídolos que eram adorados por todos os seus habitantes.
Entre estas falsas divindades, havia uma víbora para a qual tinham edificado um templo especial.
Ali se ofereciam alimentos e outros tantos e variados sacrifícios. Esta gente adorava, igualmente, outras serpentes e víboras.
Felipe e sua irmã se protegeram a si mesmos com orações contra os ataques das víboras, e foram ajudados por Bartolomeu e João, o Evangelista que ainda estava com eles neste momento.
Todos juntos venceram a serpente com orações poderosas, e com o poder de Cristo as mataram.
Natanael (Bartolomeu) foi apóstolo e mártir.
Sob muitos pontos de vista, Natanael era o gênio ímpar dos doze. Ele era o filósofo apostólico e o sonhador, mas era o tipo do sonhador prático.
Alternava estações de profunda filosofia com períodos de um raro humor bufão; quando estava com o humor certo, Natanael era provavelmente o melhor contador de histórias entre os doze.
Jesus gostava muito de ouvir Natanael discorrendo sobre as coisas, tanto as sérias quanto as frívolas.

Natanael, aos poucos, foi levando Jesus e o Reino mais a sério, mas nunca encarou a si próprio com seriedade excessiva.
Natanael viu os prodígios operados pelo Mestre, ouviu a sua mensagem, assistiu a sua paixão e glorificação, depois se tornou arauto da Boa Nova, aceitando com o mesmo entusiasmo as conseqüências de um testemunho comprometido.
Os apóstolos todos amavam e respeitavam Natanael (Bartolomeu), e este se dava esplendidamente com todos, exceto com Judas Iscariotes.
Judas não achava que Natanael levasse o seu apostolado suficientemente a sério, e certa vez cometeu a temeridade de ir secretamente a Jesus para lançar uma queixa contra ele.
Jesus disse: "Judas, toma cuidado com o que fazes; não superestimes o teu encargo. Quem entre nós é competente para julgar o nosso irmão? A vontade do Pai não é que os seus filhos devam compartilhar apenas as coisas sérias da vida. Deixa-me repetir: Eu vim para que os meus irmãos na carne possam ter júbilo, alegria e uma vida de maior abundância. Vai então, Judas, e faze bem aquilo que te tenha sido confiado e deixa Natanael, o teu irmão, dar conta de si próprio a Deus".
E a memória dessa fala de Jesus, junto com a de muitas experiências semelhantes, viveu por muito tempo no coração iludido e decepcionado de Judas Iscariotes.
As atividades apostólicas de Natanael não há notícias certas. Uma tradição diz que ele trazia consigo o evangelho Herético de Matias, escrito em hebraico, e o perdeu.

As poucas anotações que restaram da era sub-apostólica e patrística indicam que este evangelho judeu era bastante diferente dos evangelhos gregos gentis de Mateus, Marcos, Lucas e João, assim como eram os tão chamados evangelhos judaico-cristãos heréticos dos Nazarenos, Ebionitas e Hebreus, dos quais só restaram fragmentos.

Diferentemente dos evangelhos gentis, estas tradições consideravam o Espírito Santo como a Divina Mãe de Cristo e não adoravam Jesus como uma divindade, mas como um irmão mais velho e líder da comunidade dos santos de Deus.

Muitas de suas obras são conhecidas através de traduções como O evangelho de Bartolomeu, Pregação de Bartolomeu no Oásis e a Pregação de André e Bartolomeu.

Uma antiga tradição armênia afirma que ele foi para a Índia e lá pregou àquele povo a verdade do Senhor segundo o Evangelho de Mateus.

Depois que naquela região converteu muitos a Cristo, superando extremas dificuldades, passou para a Armênia Maior, onde converteu o rei Polímio, a sua esposa e muitos outros homens, em mais de doze cidades.

Essas conversões, no entanto, provocaram uma enorme inveja dos sacerdotes locais, que, por meio do irmão do rei Polímio conseguiram a ordem de apedrejá-lo, tirar a sua pele e depois crucificado.

Assim chegou ao final de sua vida terrena o apóstolo de Cristo, Natanael (Bartolomeu), sofrendo as mais terríveis dores, para a maior glória do Senhor (por volta do ano 90 d.C.).

Os fiéis que estavam presentes no momento de seu adormecimento em Cristo retiraram seu corpo da cruz, juntando sua cabeça e pele e colocando tudo em um caixão e procederam ao sepultamento que se deu na cidade de Albano (atual Baku) na Armênia Maior.
Através de suas relíquias, os enfermos receberam curas milagrosas, razão pela qual, muitos descrentes foram convertidos para a Igreja Cristã.
Segundo a Igreja Católica, mais tarde suas relíquias foram levadas para a Europa e jazem em Roma, na Igreja a ele dedicada.
Suas relíquias também estariam no Monastério de Backhole na Armenia.
Também outros remanescentes de seu corpo e relíquias estariam em Frankfurt no Main, em Lipari ,Sicília e Benevento na Itália.
O Rei Edward, o Confessor que reinou de 1041 a 1066 é tido como tendo guardado uma relíquia de sua faca.
Ele é o patrono dos padeiros,alfaiates e sapateiros.
Os mercadores de Florença também o chamam de padroeiro.
Ele é na liturgia católica mostrado com uma faca e um pedaço de pele (por causa de sua morte).
Sua a festa é celebrada no dia 24 de agosto.
Um pequeno evangelho é também atribuído a ele.

Tiago (Filho de Zebedeu)
O maior

Segundo o Novo Testamento, Tiago era filho de Zebedeu e Salomé, e irmão do apóstolo João Evangelista.
Tiago nasceu em Betsaida, Galiléia.
Ele era o mais velho dos dois apóstolos filhos de Zebedeu que também foi conhecido como Saint James, the Greater.
Era casado, tinha quatro filhos e vivia próximo dos seus pais, nos arredores de Cafarnaum, em Betsaida.
Tal como o seu pai e o irmão o apóstolo João, era pescador no Mar da Galileia, onde trabalhava com André e Simão Pedro (Mateus, 4, 21-22, e Lucas, 5, 10).
Era um pescador e exercia a sua profissão em companhia de João, o seu irmão mais jovem, e associado a André e Simão.
Tiago, João, André e Pedro seriam, de resto, os primeiros a abandonar tudo para seguirem Jesus como seus discípulos (Mateus, 17, 1 e 26, 37; Lucas, 8, 51),
Depois que Jesus convocou a Simão Pedro e a seu irmão André, ele caminhou um pouco mais ao longo da praia da Galiléia e convidou a "Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes" (Mc 1.19).
Tiago e seu irmão responderam imediatamente ao chamado de Cristo.
Sendo que ele Tiago já estava com trinta anos quando se tornou apóstolo.

No evangelho de Mateus, conta-se que sua mãe, Salomé, em seu orgulho materno, pediu a Jesus que seus dois filhos, Tiago e João, fossem colocados um à direita e outro à esquerda, no Reino de Deus.

Então Jesus perguntou a João e Tiago os repreendendo: "Vós não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber?", Os apóstolos responderam: "Podemos". "Pois bem, isso é verdade, concluiu Jesus, mas dar-vos o primeiro lugar no Reino, isso depende do meu Pai, que está no céu".

Este episódio causou alguma irritação entre os demais apóstolos, pois era uma tentativa óbvia de destacar-se acima do grupo.

E deve mesmo ficar claro que foi a mãe de Tiago e João, por si própria, quem fez o pedido para serem concedidos, aos seus filhos, os lugares à mão direita e à mão esquerda de Jesus.

Quando eles declararam que estavam prontos para assumir tais responsabilidades, deve ser reconhecido que estavam conscientes dos perigos inerentes à suposta revolta do Mestre contra o poder romano e, também, que estavam dispostos a pagar o preço disso.

Tiago e o seu irmão João desfrutavam da vantagem de haver conhecido Jesus antes de qualquer dos outros apóstolos.

Tiago ao acolher o chamado do Cristo, aceitou também entrar num sério processo de santificação, pois nem sempre sabia reagir pelo Espírito Santo à dureza de coração dos que não se abriam ao Evangelho:“Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que digamos que o fogo caia do céu e os

consuma? “Mas Jesus, voltando-se, os repreendeu”.(Lc 9,54).
De tal maneira o coração de Tiago foi trabalhado pela graça do Espírito Santo.
Tiago Zebedeu era um pensador e um planejador bem equilibrado. Junto com André, ele era um dos mais ponderados do grupo dos apóstolos.
Era um indivíduo vigoroso, mas nunca tinha pressa para nada. Tiago foi um excelente contrapeso para Pedro.
Segundo a bíblia é um dos discípulos mais íntimos de Jesus de Nazaré, já que em várias ocasiões onde Jesus só se fazia acompanhar por três apóstolos, era ele escolhido, junto a Pedro e João.
Tiago e João são chamados por Jesus como “Boanerges”, isto é, Filhos do trovão.
Isto se deu pelo fato que caracterizou a índole dele e de seu irmão João: ao chegar Jesus com sua comitiva à terra dos samaritanos, estes lhe interditaram a entrada.
João e Tiago viram, neste fato, uma afronta a Cristo e exprimiram sua indignação com estas palavras: "Queres, Senhor, que mandemos cair fogo do céu sobre esta cidade, para consumi-la?" Jesus, porém os repreendeu dizendo: "Vós não sabeis de que espírito sois! O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar as almas" (Lc 9,54).
A característica que Jesus mais admirava em Tiago era a afeição compassiva do Mestre.
O interesse compreensivo, manifestado por Jesus, para com o pequeno e o grande, o rico e o pobre, exercia uma grande atração sobre ele.

Esse competente apóstolo possuía um temperamento contraditório; ele parecia realmente possuir duas naturezas, ambas de fato movidas por sentimentos fortes.

Em especial, tornava-se veemente, quando a sua indignação chegava inteiramente ao auge. Tinha uma disposição feroz, quando adequadamente provocado e, quando a tempestade chegava ao fim, ele estava sempre habituado a justificar-se e a desculpar-se da sua raiva sob o pretexto de que era uma manifestação de justa indignação.

Excetuando-se por essas perturbações periódicas de ira, a personalidade de Tiago era muito semelhante à de André.

Ele não tinha a circunspecção de André, nem o discernimento dele, sobre a natureza humana, mas era um orador público muito melhor. Depois de Pedro, e talvez de Mateus, Tiago era o melhor orador público entre os doze.

Se bem que não fosse melancólico, Tiago podia estar quieto e taciturno em um dia e muito falante e contador de histórias no outro. Em geral, ele falava livremente com Jesus, mas, entre os doze, durante muitos dias seguidos, ele permanecia silencioso.

A sua grande fraqueza estava nesses intervalos de um silêncio inexplicável.

Tiago é citado entre os testemunhos da terceira aparição de Cristo após a sua morte e ressurreição, nas margens do lago de Tiberíades.

O traço notável da personalidade de Tiago era a sua capacidade de ver todos os lados de uma questão.

De todos os doze, era ele quem chegava o mais próximo de captar a importância e o significado real do ensinamento de Jesus.
Também ele havia sido lento a princípio, para compreender o que o Mestre queria dizer, mas, logo que eles terminaram os aperfeiçoamentos, Tiago estava de posse de um conceito superior da mensagem de Jesus. Era capaz de entender uma gama bastante ampla de naturezas humanas; ele se dava bem com o versátil André, com o impetuoso Pedro e com o seu contido irmão João.
Tiago foi o primeiro mártir entre os apóstolos. Era um dos três mais próximos do Senhor e participou tanto na Transfiguração no Monte Tabor (Mc 9,2-13) com a sua beleza, na qual sobressaía o esplendor da divindade do Senhor como na angústia no horto do Getsêmani (Mc 14,32), por ocasião testemunhou a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), e estava no Monte das Oliveiras, pouco antes da prisão de Jesus, segundo Marcos (3, 17). Assim viu também que o Filho de Deus, para carregar o peso do mundo, experimentou todo o nosso sofrimento e é solidário conosco.
De acordo com Isidoro de Sevilha, em De vita et obitu Sanctorum,após a ascensão de Jesus, teria evangelizado a Espanha, tornando-se seu primeiro evangelizador e depois seu patrono.
Conta-se também que após a morte de Jesus, permaneceu em Jerusalém com Pedro.
As tradições afirmam que ele foi o primeiro missionário cristão na Espanha. Foi o primeiro bispo de Jerusalém, cuja igreja dirigiu entre 42 e 62 d.C.

Embora Tiago e João tivessem os seus problemas tentando trabalhar juntos, era inspirador observar como os dois se davam bem. Não tinham tanto êxito quanto André e Pedro, mas se saíam muito melhor do que era de se esperar, em geral, de dois irmãos, especialmente de dois irmãos tão teimosos e determinados. E, por estranho que possa parecer, esses dois filhos de Zebedeu eram muito mais tolerantes, um com o outro, do que com estranhos.

Eles nutriam uma grande afeição entre si; e sempre haviam sido bons companheiros na recreação.

Contudo, a morte prematura de Tiago modificou muito o temperamento veemente de João, o seu irmão mais novo.

Pouco mais se sabe acerca de sua vida. A sua última aparição no texto bíblico mais aceito é a de que foi o primeiro apóstolo a morrer.

Sendo modesto e pouco dramático, era um servidor do cotidiano, um trabalhador despretensioso; quando compreendeu algo do real significado do Reino, ele não buscou nenhuma recompensa especial.

Quando Jesus perguntou se eles estavam prontos para beber do cálice, eles responderam afirmativamente. E, quanto a Tiago, isso acabou sendo a verdade ao pé da letra , ele bebeu do cálice com o Mestre, visto ter sido ele o primeiro dos apóstolos a sofrer o martírio

Foi preso juntamente com Pedro, e decapitado por ordem do rei Herodes Agripa (At 12,2), cerca do ano 44, quando ele seria ainda bem moço, em Jerusalém.

É, aliás, o único apóstolo cuja a morte vem narrada na Bíblia, nos Atos dos Apóstolos (12, 1-2)

“Ele (Herodes) fez perecer pelo fio da espada Tiago, irmão de João)”.

Tiago viveu a vida na sua plenitude e, quando o fim chegou, comportou-se com tanta dignidade e fortaleza que até mesmo o seu acusador e denunciador, que testemunhou o seu julgamento e execução, ficou tão tocado que se afastou às pressas da cena da morte de Tiago para juntar-se aos discípulos de Jesus.

Centenas de anos mais tarde, provavelmente em 813, o Bispo da região da Galícia, Teodomiro, da cidade de Iria, foi informado da ocorrência de um milagre, nos campos da Via Ária (atual região galega).

Para revigorar esta tradição, no século IX o bispo afirmou ter reencontrado as relíquias do apóstolo e desde aquela época, a cidade que depois mudaria o nome para Santiago de Compostela, tornou-se importante meta de peregrinações, especialmente durante a Idade Média. Segundo os relatos, uma estrela fixa iluminava o local do sepulcro. O Bispo mandou investigar e, após as escavações, foi descoberto o jazigo com o nome do Apóstolo Tiago.

Tiago transformou-se num “símbolo vivo” da resistência cristã aos ataques muçulmanos no território espanhol.

O “Campus Stellae”, que inspirou Compostela, foi imediatamente resguardado pela Igreja Católica.

A mando do Rei Alfonso II, o “Casto”, foi construído um pequeno templo para a proteção da tumba apostólica.

Porém, em 997, o templo foi incendiado pelos muçulmanos. Desta vez, o Rei Afonso III ergueu um novo templo, muito maior do que a capela de pedras construída no reinado de Afonso II.

Santiago de Compostela, então, consolidou-se como um dos três centros de peregrinação cristã na Europa, junto com Jerusalém e Roma.

É meta de numerosas peregrinações de todas as partes da Europa.

Por todos esses séculos, a Catedral de Santiago de Compostela passou por uma série de ampliações arquitetônicas.

O primeiro registro oficial sobre os caminhos dos peregrinos compostelanos são de 1131.

Sua festa votiva de Tiago é dia 25 de julho.

João
O apóstolo "bem-amado"

João filho de Zebedeu, conhecido também como evangelista, nasceu na Galiléia em 6 DC , era solteiro e provavelmente tinha cerca de vinte e quatro anos de idade à altura do seu chamado por Jesus, era filho de Zebedeu e Salomé e era o irmão mais novo de Tiago, o Maior (Mc 1.19).
João era pescador de profissão, consertava as redes de pesca.
João trabalhava com "os empregados" de seu pai (Mc 1.20), trabalhando junto com seu irmão Tiago Maior, e em provável sociedade com André e Pedro.
Os dois irmãos viviam da pesca no Lago Genezaré até serem chamado por Jesus.
João era discípulo de João Batista, porque ele relata todas as circunstancias da vida do Precursor de Jesus e, embora por modéstia, ele esconda às vezes o seu nome em algumas partes do Evangelho que tem o seu nome.
Ao ouvir a pregação dele sobre Cristo como o Cordeiro de Deus, que toma sobre si os pecados do mundo, ele junto com o André o primeiro chamado seguiu Jesus.
No entanto era um pouco mais tarde que ele se tornou discípulo constante do Senhor, quando, após a milagrosa pesca no lago de Genezaré (mar de Galiléia) o Próprio Senhor chamou-o, junto com o seu irmão Tiago e se João seria o mais novo dos apóstolos.
Zebedeu seu pai era uma pessoa abastada, ele tinha vários trabalhadores e era um membro importante da comunidade judaica, tendo acesso ao sumo sacerdote.

A mãe de João, Salomé, é mencionada como uma das mulheres que serviram Jesus com as suas propriedades. Alguns eruditos especulam que a mãe de João era Salomé, que assistiu a crucificação de Jesus (Mc 15.40). Se Salomé era irmã da mãe de Jesus, como sugere o Evangelho de João (Jo 19.25), João pode ter sido primo de Jesus.

Na visão Protestante, a Bíblia indica que Jesus não era filho único de Maria (Mt 12.46; Mt 13.55), porém seria o mais velho e por isso teria a responsabilidade de cuidar de sua mãe após a morte de José.

No entanto, no Evangelho Segundo Mateus está escrito: "Nisso aproximou-se a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e prostrou-se diante de Jesus para lhe fazer uma súplica" (Mt 20,20), parece claro que esta mãe não é Maria, mãe de Jesus, mas outra pessoa, pois, então, o evangelista não escreveria "a mãe dos filhos de Zebedeu", e sim algo como "sua mãe".

Já a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa sustentam que Cristo não tinha irmãos carnais, pois no aramaico, antigo idioma utilizado por Jesus, as palavras que designavam irmãos eram utilizadas indistintamente para primos e outros parentes, devendo ser frisado que Jesus falava aramaico, mas os evangelhos foram escritos em grego, idioma mais rico, o que pode ter gerado esta confusão, no momento da tradução.

Esta suplica contada no evangelho de Mateus, conta-se que sua mãe, Salomé, em seu orgulho materno, pediu a Jesus que seus dois filhos, João e Tiago, fossem colocados um à direita e outro à esquerda, no Reino de Deus.

Então Jesus perguntou a João e Tiago os repreendendo: "Vós não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber?", Os apóstolos responderam: "Podemos". "Pois bem, isso é verdade, concluiu Jesus, mas dar-vos o primeiro lugar no Reino, isso depende do meu Pai, que está no céu".

Mesmo sido levemente repreendido por Jesus essa idéia causou uma indisposição e inveja com os outros discípulos (Mc 10.35-41).

Antes de tornar-se apóstolo, João funcionou como o agente pessoal de Jesus para cuidar da família do Mestre.

A Bíblia conta que João foi o único apóstolo que se atreveu a permanecer ao pé da cruz, e Jesus entregou-lhe sua mãe aos seus cuidados (Jo 19.26-27).

Continuou com essa responsabilidade enquanto Maria, mãe de Jesus, viveu.

Segundo algumas interpretações João era o apóstolo que Jesus mais amava. Ele tinha um enorme afeto pelo Senhor e vice-versa.

Foi manifestada nos livros da Bíblia a admiração de João por Jesus. Jesus chamou-lhe o Filho do Trovão e posteriormente ele foi considerado o “Discípulo Amado”.

Ao apóstolo João, junto com o Pedro e o seu irmão Tiago foi concedida uma proximidade especial ao Senhor, pois estes três apóstolos estavam sempre junto com o Senhor nos momentos mais importantes e solenes da Sua vida na terra.

Segundo os registros do "Novo testamento", João foi o apóstolo que seguiu com Jesus, na noite em que foi

preso e foi corajoso ao ponto de acompanhar o seu Mestre até a morte na cruz.
“Então, deixando-o, todos fugiram. Seguia-o um jovem, coberto unicamente com um lençol, e lançaram-lhe a mão. Mas ele, largando o lençol, fugiu desnudo” (Mc 14.50-52).
As heranças deixadas nos escritos de João demonstram uma personalidade extraordinária. De acordo com as descrições ele seria imaginativo nas suas comparações, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falador como discípulo.
É notório o seu amadurecimento na fé através da evolução da sua escrita.
O Evangelho de João era desde o começo chamado de "espiritual", pois nele, comparando com os três outros Evangelhos, são contidos os ensinamentos do Nosso Senhor sobre as verdades mais profundas da fé “sobre a encarnação do Filho de Deus, sobre a Trindade, sobre a redenção dos homens, sobre a ressurreição espiritual, sobre a graça de Espírito Santo e sobre a Comunhão”.
Logo no começo, nas primeiras palavras, João eleva os pensamentos dos fiéis para as alturas de procedência divina do Filho de Deus do Deus Pai: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1).
O apóstolo João explica assim a finalidade do seu Evangelho: "Esses foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e assim crendo tenhais a vida em Seu nome" (João 20:31).
Muitas vezes João deixou transparecer suas emoções nas conversas com Jesus. Certa ocasião ele ficou transtornado porque alguém mais estava servindo em

nome de Jesus. "E nós lho proibimos", disse ele a Jesus, "porque não seguia conosco" (Mc 9.38). Jesus replicou: "Não lho proibais... pois quem não é contra a nós, é por nós" (Mc 9.39,40).

Mas a ousadia de João foi-lhe vantajosa na hora da morte e da ressurreição de Jesus (Jo 18.15), diz que João era "conhecido do sumo sacerdote". Isto o tornaria facilmente vulnerável à prisão quando os guardas do sumo sacerdote prenderam a Jesus.

Ao ouvirem os discípulos que o corpo de Jesus já não estava no túmulo, João correu na frente dos outros e chegou primeiro ao sepulcro.

Contudo, ele deixou que Pedro entrasse antes dele na câmara de sepultamento (Jo 20.1-4,8).

Por muito tempo ele continuou junto a São Pedro. Eles estavam juntos quando o homem é curado no Portão do Paraíso e foram presos juntos e apareceram diante do Sanhedrin juntos.

Uma veia de caridade percorre toda a vida de João e é a grande lei da fé cristã, sem a qual todas, as pretensões a uma Religião Divina seriam em vão e sem valor.

O apóstolo João no seu Evangelho relatou os ensinamentos de Jesus, ditos por ele na Judéia. Estes ensinamentos que eram dirigidos aos escribas cultos eram mais difíceis para a compreensão geral e provavelmente foi por isto que eles não foram relatados nos três primeiros Evangelhos, destinados aos pagãos recém convertidos.

João acompanhou Jesus à sala de julgamento de Caifás (João 18:12-16).

Assim ele foi digno de presenciar a ressurreição da filha de Jairo, a transfiguração do Senhor no monte, ouvir as

Suas palavras sobre os sinais da sua segunda vinda, ser testemunha da sua oração no Getsêmani. E durante a Ceia ele era apoiado no peito do Senhor, conforme ele mesmo testemunha.

Mais tarde João esteve fortemente ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da Igreja de Jerusalém. Ele acompanhou Pedro a Samaria para transmitir o Espírito Santo aos novos convertidos.

Foi o principal apoio de Pedro, no Dia de Pentecostes.

João escreveu o Livro da Revelação do Apocalipse que é tão diferente em pensamento, conteúdo e estilo do genuíno escrito joanino, que parece ser mais um produto dos seus seguidores.

Acredita-se que este Livro da Revelação contém os fragmentos que sobreviveram de uma grande revelação, da qual se perderam grandes partes e outras partes foram retiradas, depois que João o escrevera.

Apenas uma parte fragmentada foi preservada. Por outro lado, alguns teólogos e exegetas afirmam que o caráter fragmentário deste livro resulta de outros dois livros de Apocalipse que foram unidos, resultando no que conhecemos hoje, sendo que um deles já estaria escrito desde o tempo de Nero.

Até o século V as igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da palestina não pareciam ter incluído o apocalipse no cânon das escrituras, prova de que não o consideraram como obra do apostolo.

Apresentava inegável parentesco com os escritos Joaninos, mas também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por seus pontos de vista teológicos (referentes, sobretudo à parúsia de Cristo),

comentário de introdução ao apocalipse na Bíblia de Jerusalém.
Quando a fraqueza apoderou-se dele e ele não mais podiam pregar, era carregado para a assembléia dos fiéis e constantemente ele era ouvido dizer: "Minhas queridas crianças, amai uns aos outros" e quando perguntado por que repetia sempre as mesmas palavras disse: "Porque é o preceito mais importante do Senhor e se vocês o cumprirem será o bastante".
O seu evangelho difere dos outros três que são chamados sinóticos ou semelhantes, pois a sua narrativa enfoca mais o aspecto espiritual de Jesus, ou seja, a vida e a obra do Mestre com base no mistério da encarnação: o verbo feito carne e veio dar a vida aos homens.
Os primeiros fragmentos dos escritos Joaninos foram encontrados em papiros no Egito datando de princípios do segundo século, e muitas escolas acreditam que ele tenha visitado estas áreas. Aparece representado por Michelangelo na cúpula da Basílica São Pedro, em Roma, pela imagem da águia.
De todos os doze apóstolos, João Zebedeu finalmente tornou-se o mais destacado teólogo
João viajou muito, trabalhou incessantemente.
João permaneceu em Jerusalém alguns anos após a Ascensão de Jesus embora algumas vezes ele pregou no exterior, visto que São Paulo (alguns anos após a sua conversão) encontra-se com João e confirma sua missão aos gentios.
Ele provavelmente foi um assistente ao Conselho de Jerusalém.

A tradição diz que seus afazeres apostólicos foram primeiro para os judeus nas províncias de Parthia, onde ele plantou a fé cristã.

Ele voltou de novo a Jerusalém no ano de 62 DC para se reunir e conferenciar com outros apóstolos que ainda viviam.

Depois da morte e martírio de Tiago, o menor (também conhecido como Irmão do Senhor), João teria se dirigido à Ásia Menor, onde dirigiu a importante e influente comunidade cristã de Éfeso tornando-se dirigente das igrejas e congregações, que teria sido fundada por Paulo anos antes.

De acordo com Clemente de Alexandria também ordenou bispos em Éfeso e outras províncias da Ásia Menor.

Ireneu afirmou que os bispos Policarpo e Papias foram seus discípulos.

Antes de começar escrever o seu Evangelho, impôs jejum à igreja de Éfeso e se retirou junto com o seu discípulo Prokhor para um monte, onde escreveu o Evangelho, que leva o seu nome.

Orientou o seu colaborador Natan na redação do chamado "evangelho segundo João", que foi aproximadamente no ano 90 D.C.

É provável que ele tenha colocado bispos em todas as Igrejas da Ásia porque enquanto os apóstolos viveram, eles supriram as igrejas com suas próprias nomeações em virtude do poder recebido do próprio Jesus.

João foi preso em Éfeso e levado para Roma onde conseguiu escapar ao martírio de forma milagrosa.

Tertuliano diz que ele saiu de dentro de um caldeirão de óleo fervendo sem nenhum dano aparente.

Seus perseguidores atribuíram este milagre a feitiçaria e ele foi exilado na ilha de Patmos, ilha no leste do Mar Egeu, por um período de cerca de quatro anos.
Na ilha de Patmos já com idade extremamente avançada, ele teria sido favorecido com uma visão que foi descrita e relatada no Livro das Revelações (Livro do Apocalipse), sendo que este livro é uma soberba conclusão das sagradas escrituras. O livro do Gênesis começa com a odisséia do homem ao ser expulso do Éden e o Livro das Revelações seria uma visão de encorajamento a espera do homem, para o retorno ao Paraíso.
O seu exílio não teve longa duração visto que, com a morte de Domiciano, seus éditos foram declarados nulos pelo Senado Romano por serem suas sentenças muito duras e cruéis.
João estava livre para voltar a Éfeso de novo em 97 DC, já com 92 anos de idade.
A tradição identifica João como o autor do 4° Livro do Evangelho já no século segundo
Com quase toda certeza, João estava presente a morte da Virgem Maria em Éfeso.
Segundo bispo Polícrates de Éfeso em 190(atestada por Eusébio de Cesareia na sua História Eclesiástica, 5, 24), o Apóstolo "dormiu" (faleceu) em Éfeso.
Contudo, conta-se que a mesma estava vazia quando foi aberta por Constantino para edificar-lhe uma igreja.
Este fato vem de encontro à previsão de Cristo de que João beberia do cálice do sofrimento.
Contudo são baseadas nos textos bíblicos que afirmam que este discípulo não passou pela morte, segundo a interpretação de alguns.

Com efeito, é possível ler: Em verdade vos digo que alguns há dos que aqui se encontram que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino. (Mateus 16,28)

De outra parte está também escrito nos Evangelhos: Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: "Senhor, quem é o traidor?" Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: "E quanto a este?" Respondeu-lhe Jesus: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha que te importa? Quanto a ti, segue-me." Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, "Jesus não dissera que tal discípulo não morreria", mas: "Se eu quero que ele permaneça até que eu venha que te importa?" (João 21,18-25).

Interpretações teológicas, contudo, resolvem essa dificuldade bíblica como Jesus afirmando que ele deveria permanecer vivo até a Revelação final do cânon bíblico, o Apocalipse.

A partir daí, anos depois do martírio de Tiago, João casou-se com a viúva do seu irmão. Uma das suas netas, que muito o amava, tomou conta dele nos últimos vinte anos da sua vida.

Ele morreu de morte natural, em Éfeso, no ano 103 d.C. no tempo devido, quando tinha 94 anos.

Ele viveu por 70 anos após a morte de Jesus.

Além do Evangelho segundo João e o livro do Apocalipse, também escreveu as três epístolas de João (1, 2, e 3).

Ele tem o título de mártir, embora ele seja o único apostolo que não morreu martirizado.
Sua festa é comemorada no dia 27 de dezembro.

Tiago (Filho de Alfeu)
O menor

Tiago é referido pelos cristãos romanos no Novo Testamento como irmão gêmeo do apóstolo Judas Tadeu.
Tiago amava o seu Mestre e Jesus o amava, mas ele nunca interrompeu o seu discurso com perguntas.
Ele entendia pouquíssimo sobre as discussões filosóficas e sobre os debates teológicos dos seus companheiros apóstolos, mas rejubiloi- se por se ver incluído naquele grupo de homens poderosos.
Era filho de Alfeu de Cleofas e de Maria de Cleofas, prima-irmã de Maria mãe de Jesus.
É identificado nos Evangelhos como "irmão do Senhor", termo esse usado pelos povos semitas para designar um grau de parentesco próximo (Mc 6,3 e Mt 13,55).
Também conhecido como Tiago Menor (Mr 15:40), para distingui-lo de Tiago Maior (irmão de João) que era mais velho e bem mais alto, e é também conhecido como Saint James, the less.
Tiago é chamado de o Jovem ou o Justo, nome dado a ele na lista dos discípulos feita por Mateus, Marcos e Lucas e ainda mencionado nos Atos dos Apóstolos.
Segundo a igreja Católica, foi o
primeiro bispo de Jerusalém (anos 42 a 62 d.C) , após o martírio de Tiago o Maior.
Tiago foi o nono apóstolo a ser chamado, tendo sido escolhidos por Tiago e João Zebedeu. Ele estava com vinte e seis anos e era casado; Tiago possuía três filhos.

Teve muita influência na comunidade de Jerusalém. No concílio de Jerusalém (At 15,13-29), onde se discutiu o problema da circuncisão e da lei mosaica a serem impostas ou não aos convertidos do paganismo.

Tiago teve um papel importante quando deu sua opinião, aceita por todos (At 15), ele também escreveu uma Epístola, sendo ele o provável autor da "Epístola de Tiago"; que começa chamando a si próprio de "servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo" o que pode indicar que isso era um título oficial da Igreja da época.

Tiago usa o tom de autoridade de quem era bem conhecido na Igreja e acostumado a usar de sua autoridade.

Sua imagem austera sobressai pela Epístola que dirigiu, como uma encíclica, a todas as comunidades cristãs.

Pertencem a ele as tradições Judaico-cristãs preservadas no Evangelho dos Ebionitas, Evangelho dos Hebreus, Elevações de Tiago, na última Epístola Canônica de Tiago e possivelmente em outras obras associadas a seu nome como o Protevangelium, embora haja dúvidas sobre isso.

A sua epístola (carta dos Apóstolos e comunidades cristãs primitivas) apresenta autênticos ensinamentos preservados na tradição apostólica oral, com fortes expressões de admoestações e cujo texto continua atualíssimo.

Foi um observador das normas judaicas, defendendo que estas normas deveriam fazer parte do cristianismo. Com isso, tornou-se adversário de Paulo de Tarso nesta questão, mas também foi conciliador e um pregador fervoroso do ensino de Jesus.

Seus ensinamentos deram origem à sucessão apostólica Cristã-Judaica de Jerusalém, que contribuiu para a sucessão Síria, Jacobita, Armênia e Georgiana.
A sua Liturgia, que se assemelha àquela do Bispo Cyrilo de Jerusalém (386), parece ser um desenvolvimento de 5 séculos através das tradições apostólicas de Jerusalém e é ainda usada por certos ramos da ortodoxia. Durante a perseguição dos cristãos na Palestina.

Pouco se fala sobre Tiago o menor na bíblia, mas existem fartas referências à sua ação e personalidade, contida nos Atos dos Apóstolos e na Carta de Paulo aos Gálatas, que nos permite saber que Tiago era com Pedro a principal figura da Igreja.
O apóstolo Paulo chega a citar seu nome em primeiro lugar, dizendo:" Tiago, Pedro e João, considerados colunas da Igreja" (Gl 2,9).

Foi com ele que Paulo, depois de convertido, se foi encontrar em Jerusalém (Gl 1,18).

Também é mencionado quando sua suposta mãe aparece (Mc 15:40), onde lhe é dado o epíteto "o menor" ou "o mais jovem", dependendo da versão, e em Mt 27:56.

Flávio Josefo em sua obra Antiguidades Judaicas narra que um certo Tiago tomou para si o encargo de dirigir a Igreja de Jerusalém após a partida de Pedro .
Ele participou ativamente do primeiro Concílio da Igreja, que tratava da questão da circuncisão e da pregação do evangelho para os pagãos, evento este que teria ocorrido por volta de 54 d.C.

De fato, tal tradição é reconhecida e confirmada por Eusébio de Cesaréia, que narra ter sido

este apóstolo o líder da comunidade cristã daquele local por cerca de dezoito anos e que sua conduta piedosa e atuante provocou a fúria dos sacerdotes judeus, em especial o sumo sacerdote Anás II, que instigaram a trucidarem o apóstolo.

Dizem as Escrituras que Tiago sempre teve atenção e carinho especiais de Jesus Cristo. Além de considerá-lo um homem de grande elevação espiritual, ainda era seu parente próximo.

Tiago foi testemunha da Ressurreição de Jesus; (I Cor 15,7).

Antes de subir aos céus, Jesus, numa aparição, deu a ele o dom da ciência como recompensa por sua bondade e santidade.

De acordo com Marcos ele estava com as mulheres Maria (chamada de mãe de Tiago por Marcos) e Maria Madalena na crucificação de Jesus (Mc, 16:1).

Ele era o mais controvertido e estudado dos apóstolos.

Tiago amava especialmente a Jesus por causa da simplicidade do Mestre.

Ele não conseguia compreender a mente de Jesus, mas captava o laço de compaixão entre ele e o coração do seu Mestre.

A sua mente não era de uma qualidade elevada; ele poderia, até mesmo com um certo respeito, ser chamado de estúpido, mas tivera nas sua natureza espiritual uma experiência real.

Ele sempre acreditou em Jesus era filho de Deus e que era pessoa do Reino.

Devemos a Tiago, os práticos, sensíveis e prudentes ensinamentos.

Como esta advertência, sempre muito atual: “Se alguém pensa ser religioso, mas não freia sua língua e engana seu coração então é vã sua religião. A religião pura e sem mácula, aos olhos de Deus, nosso Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições e conservar-se puro da corrupção deste mundo" (Tg 1, 26-27).

Sobre a morte de Tiago, que foi o primeiro apóstolo a dar a vida em nome de Jesus, possuímos informações de antiga data.

Uma tradição relatada por Eusébio de Cesareia nos conta que por não renegar e tampouco amaldiçoar o nome de Jesus, foi atirado do Pináculo do Templo e que sobreviveu à queda.

Os historiadores hebreus o apóstolo teria sendo consumado seu martírio depois que sobreviveu a queda mas foi apedrejado e pisoteado com uma pá de pisoeiro no ano 61 ou 62, pelo sumo pontífice Anás II, que se aproveitou da morte do íntegro Papa Festo para eliminar o bispo de Jerusalém.

O historiador judeu contemporâneo Josephus, relata que o Bispo Tiago viveu apenas o suficiente para perdoar os seus assassinos.

Religiosos acham que a catástrofe que acabou mais tarde com Jerusalém foi devido a ira do Senhor com o tratamento dado a este justo homem na primavera de 62.

Tiago, sempre foi considerado um homem de grande pureza, total dedicação e abnegação, vivendo desde o nascimento consagrado a Deus.

Sua vida foi santa e de muita austeridade.

Converteu muitos judeus à fé cristã, antes de receber a coroa do martírio.
Suas relíquias foram colocadas na igreja Apóstolos, em Roma, e sua festa se celebra no dia 3 de maio.

Judas Tadeu
O apóstolo dos angustiados

Seus outros nomes de Tadeu são Judas Lebeus e Judas, irmão de Tiago,
(em grego: Θαδδα□ος, transl. Thaddæus ou Thaddaeus em diferentes versões da Bíblia), ele é às vezes identificado como sendo Judas, "irmão de Jesus, mas não deve ser confundido com Judas Iscariotes, também outro apóstolo, que traiu Jesus.
No Novo Testamento, identifica sendo uma variante de Judá, um nome muito comum entre os judeus da época.
Nas listas apostólicas de Mateus e Marcos, não se fala em Judas, mas em Tadeu (ou, em alguns manuscritos de Mateus 10:3, "Lebeus, de sobrenome Tadeu"). Isto levou muitos cristãos desde os primeiros anos a harmonizar as listas propondo um "Judas Tadeu", conhecido por ambos os nomes. Esta proposta se torna ainda mais plausível pelo fato de
que "Thaddeus" parece ter sido um apelido.
Uma complicação adicional está no fato de que o nome "Judas" foi manchado por Judas Iscariotes.
Já se argumentou que por isso não é surpreendente que Marcos e Mateus se refiram a ele por outro nome.
Lucas também chama Judas o "Zealote" (o fanático).
Alguns escolares acham que o "zealote" seria zeloso e não fanático devido ao fervor com que Judas Tadeu seguia a lei judaica e mais tarde os ensinamentos de Jesus.

Era filho de Alfeu de Cleofas e de Maria de Cleofas, prima-irmã de Maria mãe de Jesus.
Judas Tadeu tinha quatro irmãos: Tiago, José, Simão e Maria Salomé.
O relacionamento da família de Judas Tadeu com o próprio Jesus Cristo, pelo que se consegue perceber na Bíblia é o seguinte: Alfeu (Cleofas) era um dos discípulos a quem Jesus apareceu no caminho de Emaús, no dia da ressurreição.
Maria Cleofas, era uma das piedosas mulheres que tinham seguido a Jesus desde a Galiléia e permaneceram ao pé da cruz, no Calvário, junto com Maria mãe de Jesus.
Judas Tadeu é referido pelos cristãos romanos no Novo Testamento como irmão gêmeo do apóstolo Tiago o menor, sendo natural da Caná da Galiléia, na Palestina.
Devido à notoriedade de Tiago na Igreja primitiva, Judas Tadeu era sempre lembrado como o irmão de Tiago
Dos irmãos dele, Tiago foi um dos doze apóstolos, que se tomou o primeiro bispo de Jerusalém. José, apenas conhecido como o Justo. Simão foi o segundo bispo de Jerusalém, após Tiago. E Maria Salomé, a única irmã, foi mãe dos apóstolos Tiago Maior e João evangelista.
É de se supor que houve muita convivência de Judas Tadeu com o primo e os tios. Essa fraterna convivência, além do parentesco, pode ter levado são Marcos a citar Judas e os irmãos como irmãos de Jesus (Mc 6,3).
João evitava confusão quando se referia a Judas, especialmente porque o outro discípulo chamado Judas não gozava de boa fama.
Mateus e Marcos referem-se a Judas como Tadeu (Mt

10.3; Mc 3.18). Lucas o menciona como "Judas, filho de Tiago" (Lc 6.16; At 1.13).

Foi um dos membros do primeiro time de Jesus, e era o noivo nas Bodas de Caná e alguns estudiosos dizem que este milagre foi a causa de Judas Tadeu se tornar um seguidor de Jesus.

A Bíblia trata pouco de Judas Tadeu. Mas, aponta o importante que Judas Tadeu foi escolhido a dedo, por Jesus, para ser apóstolo. Quando os evangelhos nomeiam os doze escolhidos, consta sempre Judas ou Tadeu entre a relação. O livro dos Atos dos Apóstolos também se refere a ele (At 1,13).

Além dessas vezes em que Judas Tadeu aparece entre os colegas do colégio apostólico, apenas uma vez é citado especialmente nas Escrituras.

Foi no episódio da santa Ceia, na quinta-feira santa, narrado por seu sobrinho João evangelista (Jo 14,22), quando Jesus confidenciava aos apóstolos as maravilhas do amor do Pai e lhes garantia especial manifestação de si próprio, Judas Tadeu não se conteve e perguntou: "Mestre, por que razão hás de manifestar-te só a nós e não ao mundo?" Jesus lhe respondeu afirmando que teriam manifestação dele em todos os que guardassem sua palavra e permanecessem fiéis a seu amor.

Sem dúvida, nesse fato, Judas Tadeu demonstra sua generosa compaixão por todos os homens, para que se salvem todos.

Alem da instituição da eucaristia na última ceia também testemunhou a morte, ressurreição e ascensão do Senhor.

A pregação e o testemunho de São Judas Tadeu, foi realizado de modo enérgico e vigoroso, que atraiu e

cativou os pagãos e povos de outras religiões que se converteram ao cristianismo.
Ele mostrou que sua adesão a Cristo era completa e incondicional, testemunhando sua fé com doação da própria vida.
Depois que os Apóstolos receberam o Espírito Santo, no Cenáculo em Jerusalém, iniciaram a construção da Igreja de Deus, com a evangelização dos povos.
Judas iniciou sua pregação na Galiléia e depois segundo a tradição o Evangelho
na Judeia, Samaria, Idumeia, Síria,
Mesopotâmia e Líbia antiga e outras populações judaicas.
Acredita-se também que ele visitou Beirute, Edessa, sendo que lá foi primeiro a manifestar apoio ao
rei Algarde Edessa, embora o emissário desta última missão seja também identificado por outras fontes como sendo Tadeu de Edessa, um dos Setenta.
Tomou parte no primeiro Concílio de Jerusalém, realizado no Ano 50.
O Historiador Eusébio diz que Jesus uma vez enviou esse discípulo ao rei Abgar da Mesopotâmia a fim de orar pela sua cura. Segundo essa história, Judas foi a Abgar depois da ascensão de Jesus, e permaneceu para pregar em várias cidades da Mesopotâmia.
A seguir baseado nos contos apócrifos da "Paixão de Simão e Judas", foi evangelizar a Síria, Armênia e Mesopotâmia (atual Pérsia), onde ganhou a companhia de outro apóstolo, Simão, o "zelote", que evangelizava o Egito, aparentemente viajando em companhia
do quinto Apóstolo a ir ao Oriente.

Sua pregação tinha muita força, pois era sempre acompanhada do testemunho de sua vida. Ele acreditava e vivia o que pregava. Sua coerência de fé e de vida impressionaram vividamente os pagãos que se convertiam em massa ao Evangelho, por meio dele.

Isso provocou a fúria invejosa de falsos pregadores, de feiticeiros e de ministros pagãos.

Judas escreveu uma das cartas do Novo testamento, sendo esta carta colocada no catálogo dos livros inspirados.

Ele é o autor do menor dos livros do Novo Testamento: "A carta de Judas"; embora no versículo 17 desta carta, deixa uma dúvida de que talvez os apóstolos de Jesus já havia morrido.

A carta de Judas foi escrita por um homem apaixonado e preocupado com a pureza da fé cristã e a boa reputação do povo cristão.

O escritor diz que ele planejava escrever uma carta diferente, mas ouvindo os pontos de vista errados de falsos professores da comunidade cristã ele urgentemente escreveu esta carta para alertar a igreja para acautelar-se contra eles.

Ao que parece, essa carta foi dirigida aos judeus cristãos da Palestina, pouco depois da destruição da cidade de Jerusalém, quando a maioria dos apóstolos já havia falecido.

A brevíssima Carta é uma severa advertência contra os falsos mestres e um convite a manter a pureza da fé. Nos versículos 22-23 propõe pontos fundamentais de um programa de vida cristã: fé, oração, auxílio mútuo, confiança na misericórdia de Jesus Cristo.

A Epístola (carta) desse tão querido apostolo encontra muitas palavras de conforto escritas sob a inspiração do espírito Santo, muito úteis para a vida dos Cristãos
Segundo relata Jerônimo sua morte teria ocorrido junto com a de Simão, o zelote, depois de irem para o Oriente na cidade de Suanir , Pérsia, onde teriam
sido martirizados no ano 70.
Foi martirizado de modo cruel, violento e desumano; morrendo a golpes de machado, pauladas e pedradas, desferidos por sacerdotes pagãos, por se recusar a prestar culto à deusa Diana.
Vários estudiosos das escrituras também acreditam que depois de apedrejado ainda foi usado para terminar de matá-lo uma serra ou um facão.
Assim, Judas Tadeu se tornou mártir. Quer dizer: mostrou sua adesão total a Jesus, testemunhando sua fé com a doação da própria vida, derramando seu sangue pelo Cristo
Devido à forma como foi martirizado, sempre é representado em suas imagens/estátuas segurando um livro, simbolizando a palavra que anunciou, e uma machadinha, o instrumento de seu martírio.
Na arte litúrgica da Igreja Judas Tadeu é mostrado como um homem de meia idade com uma serra ou um livro ou um barco.
Algumas vezes ele é mostrado segurando um remo e algumas vezes um peixe.
Outro atributo de Judas é a maça. Ele também é geralmente mostrado nos ícones com uma chama à volta da cabeça, que representa a sua presença durante o Pentecostes, quando ele recebeu o Espírito
Santo juntamente com os outros Doze apóstolos.

Outro atributo comum é ver Judas Tadeu segurando uma imagem de Jesus Cristo, a imagem de Edessa.
Em algumas ocorrências, ele pode ser visto segurando um rolo ou um livro (supostamente a Epístola de Judas) ou uma régua de carpinteiro.
A Igreja Apostólica Armênia honra Tadeu juntamente com Bartolomeu como padroeiro e responsável por ter levado o Cristianismo à Arménia.
Suas relíquias atualmente são veneradas pelos católicos na Basílica de São Pedro, em Roma, onde teriam sido trasladadas e são veneradas até hoje.
Sua festa litúrgica celebra-se, todos os anos, na provável data de sua morte dia 28 de outubro de 70.
Porem a Igreja Ortodoxa Grega, contudo, distingue Judas de Tadeu, celebrando Judas, "irmão" de Jesus, em 19 de junho, e o apóstolo Tadeu em 21 de agosto.
É invocado como advogado das causas desesperadas e dos supremos momentos de angústia. Essa devoção surgiu na França e na Alemanha no fim do século XVIII.
No Brasil, a devoção a esse santo é muito popular e surgiu no início do século XX.
Aproximadamente nos anos 40, com a fundação da paróquia são Judas Tadeu, no bairro Jabaquara, em São Paulo. Ele é invocado pelos Fiéis, sobretudo nos casos desesperados ou de urgente necessidade.
É o patrono das causas desesperadas e das causas perdidas na Igreja Católica Romana.

Simão Zelote
Ouvido de Deus

Simão, dito Simão, o Zelote ou Simão, o Cananeu, foi um dos discípulos de Jesus Cristo que fazia parte do grupo dos doze apóstolos. É referido como o Cananeu de acordo com oLivro de Mateus e como o Zelote no Livro de Lucas e em Atos dos Apóstolos.Tambem conhecido como o Ouvido de Deus.
Para também distingui-lo de Pedro, que também se chamava Simão, os evangelistas Mateus e Marcos lhe deram o sobrenome de Zelote (Lc 6:15) ou Cananeu.
A palavra grega Cananeu e a palavra Zelote, derivada do aramaico, significam a mesma coisa: "zeloso".
Supõe-se por esse apelido que Simão pertencia à seita judaica conhecida como Zelotes.
Os Zelotes formavam um grupo de pessoas que queria conseguir a independência política dos judeus.
Os Zelotes eram os patriotas de Israel, lutadores pela pátria, que desejavam a imediata libertação política e religiosa de Israel. Alguns estudiosos acreditam que Cananeu deriva de Caná, a terra de Israel.
Ser Zelote era ser membro de um grupo religioso extremamente zeloso por duas instituições consideradas sagradas para os judeus: o templo e a Lei.
O nome Zelote vem de um termo hebraico - kanai que significa ser zeloso por, ou ser ciumento por Deus.
Esse grupo surgiu por volta do ano 6 d.C. e foi liderado por Judas, o Galileu. Eles pretendiam, inicialmente, defender os bens dos judeus que estavam sendo confiscados injustamente por soldados romanos.

Em seguida, acharam que haviam sido escolhidos por Deus para a importante missão de exterminar os ímpios. Na verdade, sempre existiram em Israel pessoas extremamente zelosas pelas coisas de Deus. Quando digo extremamente zelosas estou falando de pessoas que são capazes de matar, de forma impiedosa, para defender os princípios nos quais crêem, como os xiitas e outros grupos radicais do islamismo atual.

A nação de Israel ficou sob o domínio do governo romano durante o tempo de Cristo e havia grupos de judeus que se juntavam, expondo-se a perda de vida e de fortunas, para se libertarem da opressão romana.

Era um homem capaz, de bons ancestrais; e vivia com a sua família em Cafarnaum. Tinha vinte e oito anos quando se uniu aos apóstolos. Era um agitador feérico e também um homem que falava muito sem pensar. Tinha sido mercador em Cafarnaum, antes de voltar toda a sua atenção para a organização patriótica dos zelotes.

Simão era natural de Caná da Galileia, conhecido pessoalmente do Senhor e de sua mãe, porque o povoado de Caná não estava muito distante de Nazaré.

Diz à tradição que Jesus o chamou ao mesmo tempo em que chamou André e Pedro, Tiago e João, Judas Iscariotes e Tadeu (Mt 4.18-22).

"Ele escolheu também André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu; Tadeu, Simão, o Zelador;"(Marcos 3,18).

A tradição também diz que quando Simão participava do casamento de Judas Tadeu, o Senhor Jesus, a sua mãe e os seus discípulos que também tinham sido convidados presenciou o primeiro milagre.

Como havia terminado o vinho para os convidados, o Senhor transformou água em vinho (Jo 2:1-11).
Impressionado por este milagre, passou a crer no Senhor Jesus Cristo como o verdadeiro Deus.
A partir dai seguiu-o com fervor, sujeitando a abandonar sua antiga causa que achava boa por outra causa muito maior.
Essa causa maior obviamente era pregar o Reino de Deus e expor-se a perda de tudo para que os homens fossem livres da opressão do mal.
Desde então recebeu o nome de o "Zelote" ou o "Zeloso", pois, tamanho fervor e entusiasmo que tinha pelo amor a Cristo.
A Simão zelote foi dado o encargo das diversões e do descanso do grupo apostólico; e ele era um organizador muito eficiente das diversões e das atividades de recreação dos doze.
Segundo Marcos 3:13-15, Jesus pessoalmente o escolheu junto com os outros apóstolos
primeiro para ficarem com Ele e então fossem adiante e pregassem.
Sabemos então que lhe foi dado o poder e a ordem para curar os enfermos, levantar os mortos, expulsar demônios, etc.
A força de Simão estava na sua inspirada lealdade.
Quando os apóstolos encontravam um homem ou mulher debatendo-se de indecisão quanto à própria entrada no Reino, eles o mandavam para Simão.
Em geral levava apenas quinze minutos para que esse advogado entusiasta da salvação pela fé em Deus dissipasse as dúvidas e removesse toda indecisão; e

logo se via uma nova alma nascida na “liberdade da fé e no júbilo da salvação”.

A grande fraqueza de Simão estava no lado materialista da sua mente. De judeu nacionalista que era, ele não poderia tão rapidamente transformar-se em um internacionalista de mente espiritualizada. Quatro anos foi um tempo curto demais para que se fizesse tal transformação intelectual e emocional, mas Jesus sempre se manteve paciente com ele.

O Mestre mantinha muitas conversas com Simão, mas nunca teve êxito pleno em fazer um internacionalista, desse ardente judeu nacionalista. Jesus freqüentemente dizia a Simão que era oportuno querer ver melhoradas as ordens social, econômica e política; todavia sempre acrescentava: “Esse assunto nada tem a ver com o Reino do céu.

Devemos dedicar-nos a fazer a vontade do Pai. A nossa obra é sermos embaixadores de um governo espiritual do alto; e não devemos ocupar-nos de imediato com nada que não seja representarmos a vontade e o caráter do Pai divino, que está à frente do governo de cujas credenciais somos portadores”. Era difícil para Simão compreender, mas gradativamente ele começou a captar algo do sentido dos ensinamentos do Mestre

Depois da dispersão das perseguições de Jerusalém, Simão pôs-se temporariamente de retiro. Ele ficara de fato prostrado. Como um nacionalista patriota, ele se havia capitulado em deferência aos ensinamentos de Jesus; e agora estava perdido.

Estava em desespero, mas em poucos anos reanimou as próprias esperanças e saiu para proclamar o evangelho do Reino.

No dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos sob a forma de línguas de fogo, Simão recebeu o dom da palavra que lhe capacitou a pregar o Evangelho a todas as nações.
Recebendo o Espírito Santo junto aos demais, Simão saiu a pregar em diversos lugares, como os outros apóstolos, também percorrendo os caminhos da Palestina pregando o Evangelho, seguindo a tradição sinóptica de que Jesus enviava seus discípulos aos pares foi com Felipe passando pelo Egito, Mauritânia, Líbia, Numidia, Cirenia e Abjásia.
Neste último, uma região localizada na costa nordeste do Mar Negro, ele iluminou com a fé em Cristo numerosos pagãos.
Também esteve na Bretanha, onde converteu à luz do Evangelho muitos descrentes.
Doroteo, Bispo Gaza (300 dC) e Nicéforo, Patriarca de Constantinopla, um respeitado historiador (758-829), também confirmam a presença do Apóstolo em Bretanha.
Algumas tradições o colocam como grande auxiliador no estabelecimento do cristianismo no Egito, juntamente com Marcos e Filipe e na Síria.
Sua pregação era bem parecida com a dos outros quatro Apóstolos que foram para o Oriente, tida por alguns como ascética e judaica, tal como aquelas preservadas na Epístola canônica de Judas.
Foi para a Alexandria e, após trabalhar Nilo acima, ele penetrou no coração da África, chegando à Ásia Menor, pregando em todos os lugares o evangelho de Jesus e batizando os crentes.

Pertenceu ao grupo dos Setenta Apóstolos tendo sucedido Tiago, irmão de João, como bispo de Jerusalém quando Tiago foi morto em 62 d. C. Assim trabalhou até que a velhice e a fraqueza chegassem

Segundo uma notícia de Egésipo, o apóstolo teria sofrido o martírio junto com Judas Tadeu durante o império de Trajano, contando já com a avançada idade de 120 anos.

Sendo seu martírio na cruz ou, segundo outras tradições menos seguras, pela fogueira, na Armênia. Mas a tradição católica diz que Simão foi martirizado sendo cortado ao meio vivo por um serrote.

Depois de morto atestam que o zelote Simão foi sepultado na cidade de Nicósia, perto de Zhiguencia. Os lugarejos indicam que este local está a uns 13 km de Sujumi, não muito distante da costa do Mar Negro. Mais tarde, uma igreja foi construída no local da morte do santo e a sua estrutura foi recuperada em 1875, graças ao fervor de um dos grandes duques da Rússia.

A tradição apostólica da Igreja Católica sustenta que as relíquias de Simão e Judas Tadeu estão depositadas juntas em uma das tumbas da Catedral de São Pedro e São Paulo, em Roma. A sé romana reconhece, entretanto, que fragmentos do que se atribui ter sido o corpo de Simão estejam espalhados através da Europa por diversas igrejas, entre as quais São Saturnino, na Espanha, St. Sernin, na França e - até fins da Segunda Guerra Mundial - na capela do mosteiro St. Norbet, em Colônia, na Alemanha, destruída por bombardeios aliados em fins de 1944.

Segundo a liturgia católica sua festa votiva é celebrada juntamente com a de Judas Tadeu em 28 de outubro. A bravura forjada pelos perigos da vida zelote e o espírito restaurado pela fé em Cristo produziram em Simão um ardoroso missionário que vislumbrou o mundo de seu tempo como uma imensa oportunidade de combater o bom combate da fé (l Tm 6.12).

Judas Iscariotes
O apóstolo da traição

Judas Iscariotes (em hebraico **יהודה איש־קריות**, Yehudhah ish Qeryoth; em grego bíblico Iouda Iskariôth – (Mc 3, 19; 14, 10; Lc 6; 16) - ou Iouda Iskariotes – (Mt 10, 4; Lc 22, 3; Jo 12, 4).

Seu nome verdadeiro era Judas de Simão.

Judas, sendo em grego Ioudas, é uma helenização do nome hebraico Judá (יהודה, Yehûdâh, palavra que significa "abençoado" ou "louvado"), sendo, por sinal, o nome de apóstolo que mais vezes aparece nos Evangelhos (vinte vezes) depois do de Simão Pedro.

São várias as explicações etimológicas que, ao longo dos tempos, foram surgindo para o nome "Iscariotes".

Alguns estudiosos entendem que o nome Judas foi diabolizado no Novo Testamento, com a intenção de agredir o povo judeu, como sendo responsáveis morais pela morte de Cristo.

Durante muito tempo, a Igreja Católica associou a sua figura ao povo judeu por não terem aceitado Cristo como o prometido Messias e esta convicção tornou-se uma das justificativas antissemitistas.

A mais provável é uma conotação política, ligando-o ao grupo dos sicários, uma ramificação do grupo dos zelotes que perpetrava violentos ataques, geralmente com punhais, e daí o seu nome latino de sicarii.

Por isso, se argumenta que Judas Iscariotes, alegadamente, teria sido um membro deste grupo e que

o seu nome seria a transliteração de homem do punhal, em hebraico ish sicari.
Outros derivam o seu nome do aramaico saqar, palavra que significava alguém "mentiroso", que é "falso".
Outra possibilidade é que Iscariotes fosse usado como apelido, em hebraico ish Qeryoth, que significa homem de Queriote (João 6:71; 13:26).Também, podia ser designado filho/descendente/natural de Queriote.
Queriote de acordo com a interpretação inicialmente veiculada por Jerónimo seria o nome simplificado da aldeia, ou mais provavelmente um conjunto de aldeias, de Queriote-Ezron (Josué 15:21), cujo o nome significa "cidades de Ezron" que é localizada na província romana da Judéia (no território da Tribo de Judá) e que é comumente identificada com a moderna Qirbet el-Qaryatein, situada a cerca de 20 km a Sul de Hébron.
Nascido em Kerioth, localidade da Judéia, foi o unico que não era galileu, era filho de Simão de Queriote (Jo 6, 71; 13, 26).
Segundo as tradições foi um dos primeiros a juntar-se a Cristo e provavelmente por isso e por ser um dos poucos instruídos, tomou-se o tesoureiro dos Apóstolos, ou seja, foi designado para cuidar do dinheiro comum.
Sendo escolhido por Natanael.
Quando pequeno, os seus pais mudaram-se para Jericó, onde ele vivia e havia sido empregado nos vários negócios das empresas do seu pai, antes de se tornar interessado na pregação e na obra de João Batista.
Os pais de Judas eram saduceus e, quando o filho deles juntou-se aos discípulos de João, eles o repudiaram.
Quando Natanael conheceu Judas na Tariquéia, este estava à procura de um trabalho junto a uma empresa de

secagem de peixe, na extremidade baixa do mar da Galiléia.

Ele tinha trinta anos e não era casado quando se juntou aos apóstolos. Ele era provavelmente o mais instruído entre os doze e o único judeu na família apostólica do Mestre.

Judas não tinha nenhum traço notável de força pessoal, embora tivesse muitos traços externos aparentes de cultura e de hábitos educados.

Ele era um bom pensador, mas nem sempre um pensador verdadeiramente honesto. Judas realmente não queria entender a si próprio; ele não era realmente sincero ao lidar consigo mesmo.

Foi André que nomeou Judas como tesoureiro dos doze, uma posição para a qual ele estava eminentemente qualificado e, até a época da traição ao seu Mestre, ele desincumbiu- se das responsabilidades do seu posto, honesta, fiel e muito eficientemente.

Sendo o encarregado da bolsa do dinheiro dos apóstolos: “tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava” (João 12, 6).

Para Jesus, Judas foi uma aventura com a fé. Desde o começo, o Mestre compreendeu totalmente a fraqueza desse apóstolo e sabia perfeitamente bem dos perigos de admiti-lo na comunidade.

No entanto, é da natureza dos Filhos de Deus dar a todos os seres criados chances plenas e iguais de salvação e de sobrevivência.

Jesus queria, não apenas que os mortais desse mundo, mas também que os espectadores de inumeráveis outros mundos, soubessem que, quando existem dúvidas quanto à sinceridade, no coração, e à franqueza na

devoção de uma criatura ao Reino, a prática invariável dos Juízes dos homens é receber totalmente o candidato em dúvida. A porta da vida eterna está bem aberta a todos; “quem quer que queira entrar, pode vir”; não há restrições ou qualificações, a não ser a fé daquele que vem.

Apenas esse foi o motivo que levou Jesus a permitir a Judas ir até o fim; e sempre fez todo o possível para transformar e salvar esse apóstolo fraco e confuso. Contudo, quando a luz não é recebida com honestidade e vivida de acordo, ela tende a transformar-se em trevas dentro da alma. Judas cresceu intelectualmente com os ensinamentos de Jesus sobre o Reino, mas não conseguiu progressos na aquisição do caráter espiritual, como lograram os outros apóstolos. Ele não conseguiu fazer um progresso pessoal satisfatório na experiência espiritual.

Judas Iscariotes é sendo sempre apresentado, na listagem dos seus nomes, sempre em último lugar (Mateus 10, 2-4; Marcos 3, 16-19; Lucas 6, 13-16).

Teria demonstrado exteriormente a sua fraqueza na cena da unção com óleo perfumado em Betânia, onde testemunhou que estava mais apegado ao dinheiro do que propriamente aos gestos concretos com que Jesus demonstrava a sua missão.

Foi quando uma mulher por nome Maria derramou ungüento precioso sobre os pés de Jesus. Judas reclamou: "Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se deu aos pobres?" (Jo 12.5).

No versículo seguinte João comenta que Judas disse isto "não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão."

Enquanto os discípulos participavam de sua última refeição com Jesus, o Senhor revelou saber que estava prestes a ser traído e indicou Judas como o criminoso,“Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar”(João 6, 64) e no Salmo 55 tem uma referência ao que viria a suceder com Jesus, que o traidor seria um "amigo íntimo" ,“Pois não era um inimigo que me afrontava; então eu o teria suportado […] Mas eras tu, homem meu igual, meu guia e meu íntimo amigo” (Salmo 55, 12-13).

Disse Jesus a Judas: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (Jo 13.27).

Todavia, os demais discípulos não suspeitavam do que Judas estava prestes a fazer. João relata que "como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa da Páscoa..." (Jo 13.28-29).

Judas traiu o Senhor Jesus, influenciado ou inspirado pelo maligno (Lc 22.3; Jo 13.27).

Os apóstolos amavam Judas pois ele era realmente um deles. Ele sempre acreditou em Jesus, mas muitos pesquisadores duvidam que ele tenha realmente amado Jesus, de todo o coração.

O caso de Judas ilustrava a verdade daquele ditado que diz: “Há um caminho que parece o justo para um homem, mas o fim dele é a morte”.

É de todo possível ser vítima da ilusão pacífica, da adaptação agradável aos caminhos do pecado e da morte. Podeis estar certos de que Judas foi, financeiramente, sempre leal ao seu Mestre e seus

irmãos apóstolos. O dinheiro nunca haveria sido o motivo da sua traição ao Mestre.
De acordo com alguns estudiosos, Judas Iscariotes teria sido membro da seita dos zelotes. No quadro de um Messianismo Político do 1.º Século, estaria convencido de que ele, com todo o seu poder, concretizaria a chegada do Reino tão desejado por Israel.
Mas, com o tempo, teria começado a sentir-se desiludido, porque Jesus não teria correspondido aos seus ideais e expectativas.
Desencantado com Jesus, e assim entregue ao Sinédrio, para assim unir o povo judeu numa revolta contra Roma e desencadear o estabelecimento imediato do Reino de Deus.
Mas acabou sendo enganado pelos sacerdotes que o induziram a mostrar onde estava Jesus a troco de 30 moedas de prata (Mateus 26, 15; 27, 3), que naquele tempo correspondia ao preço de um escravo (Êxodo 21, 32), prometendo que só o prenderiam durante as festividades da Páscoa Judaica.
Lucas escreve “Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze." (Lucas 22: 3)
Depois da última ceia, Jesus foi orar com os apóstolos no jardim de Getsêmani.
Aproximava-se da meia-noite, quando por entre os arvoredos do Getsêmani, ele chegou acompanhado por um destacamento da guarda romana e grande multidão de pessoas, com espadas, paus, lanternas e archotes, vindos por ordem do Sumo Sacerdote José Ben Caifás, para prender Jesus.

O traidor conhecia muito bem os lugares onde O Salvador gostava de ficar e foi fácil localizá-lo. Conforme o combinado, em troca de trinta moedas de prata, identificou-o para os soldados romanos, beijando-o e chamando-o de mestre.

Imediatamente preso os soldados levaram Jesus para a casa de Caifás, onde também se encontrava Anás, seu sogro e diversos outros sacerdotes.

Lá mesmo, improvisaram uma sessão extraordinária do Conselho, o que habitualmente era realizado pela manhã no Templo, com a presença de todos os membros.

Conta Mateus (27:3-10), que ele se arrependeu amargamente depois que viu a crucificação de Jesus, jogou as 30 moedas aos pés dos sacerdotes em seguida.

De acordo com o autor do Evangelho de Mateus, os principais sacerdotes decidiram não colocar essas moedas no Tesouro do Templo de Jerusalém, mas, em vez disso compraram um terreno no exterior da cidade para sepultar defuntos (Mateus 27, 6.7), sendo posteriormente chamado de Campo de Sangue.

Cumpriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, a quem certos filhos de Israel avaliaram, e deram-nas pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor."

Segundo Zacarias, profeta do Antigo Testamento, a vida e o ministério do prometido Messias (ou Cristo) seria avaliado em 30 moedas de prata (Zacarias 11, 12-13).

Isto significava que, segundo a leitura dos acontecimentos feita pelo evangelista Mateus, os líderes

religiosos judaicos foram induzidos a avaliar a vida e ministério de Jesus de Nazaré como dotada de bem pouco valor.
Outros crêem que Judas apenas acreditava que Jesus iria reagir contra os guardas do império romano quando eles fossem pegá-lo.
Se isto ocorresse, os Judeus (que não acreditavam que Jesus era o Messias) iriam se unir a eles e assim derrotar Roma.
Os Judeus não acreditavam em Jesus, pois eles viam Messias como um libertador que viria de espada e destruiria Roma.
Como Jesus veio em paz algumas pessoas não acreditaram e continuaram a dizer que Messias ainda viria dessa vez com uma espada na mão.
(Mateus 27:5) relata que Judas Iscariotes ao sentir remorsos decide suicidar-se por enforcamento: “E Judas, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar”.
No livro dos Atos 1:18, o seu autor conta que caiu de cabeça para baixo, rebentando ruidosamente nos rochedos pelo meio: “Ora, ele adquiriu um campo com o salário da sua iniqüidade; e precipitando-se, caiu prostrado e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram”.
Procurando-se harmonizar e combinar os dois relatos da sua morte pode-se dizer que Judas tentara ser enforcado, mas que a corda ou o ramo da árvore onde esta estava atada teria se quebrado.
Seria esse o mesmo campo que posteriormente a sua morte seria comprado pelos sacerdotes e chamado de Campo de Sangue como já foi dito.

Porem a palavra “precipitando-se” causa algumas opiniões sobre sua morte.
A palavra precipitar segundo o dicionário Michaelis significa “lançar (-se) de um lugar elevado” (suicídio) ou “precipitou-se nessa aventura sem medir as conseqüências” (a pressa sem planejamento pode ter ocasionado um acidente).
Então parece que na tentativa de um suicídio quando quebrou o galho da arvore, um "acidente", evitou que cometesse tamanho pecado.
Mas quando caiu prostrado e arrebentou pelo meio pode ter sido um acidente ou um suicídio.
A grande maioria dos estudiosos acredita que foi suicídio, pois não tendo conseguido da primeira vez desesperado pulou do alto.
Pedro fez uma declaração sobre a traição de Judas Iscariotes, seu suicídio e sua ida para o inferno depois da morte e ressurreição de Jesus:
"Homens irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus; Porque foi contado conosco e alcançou sorte neste ministério. Ora, este adquiriu um campo com o galardão da iniqüidade; e, precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. E foi notório a todos os que habitam em Jerusalém; de maneira que na sua própria língua esse campo se chama Aceldama, isto é, Campo de Sangue. Porque no livro dos Salmos está escrito: Fique deserta a sua habitação, E não haja quem nela habite, Tome outro o seu bispado. É necessário, pois, que, dos homens que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e

saiu dentre nós, Começando desde o batismo de João até ao dia em que de entre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha da sua ressurreição. E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, Para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos" (Atos 1:16-26).

No folclore brasileiro é tradição a malhação de Judas no sábado de aleluia: um boneco de palha é enforcado em um poste ou galhos de árvores e depois de derrubado a tiros é estraçalhado ou queimado pelo povo.

Depois de quase 1700 anos foi encontrado a única cópia conhecida de um documento que foi publicado em 6 de abril de 2006 pela revista National Geographic. (O conteúdo, divulgado pela revista é motivo de acalorados debates dentro e fora da Igreja Católica e, acima de tudo, revela quão pouco ainda sabemos sobre a vida de Jesus Cristo).

É conhecido como o Evangelho de Judas sendo um evangelho apócrifo, atribuído a autores gnósticos nos meados do século II, composto de 26 páginas de papiro escrito em copta dialectal que revela as relações de Judas com Jesus Cristo sob uma outra perspectiva: Judas não teria traído Jesus, e sim, atendido a um pedido deste ao denunciá-lo aos romanos.

É o manuscrito, autentificado como datando do século III ou IV (220 a 340 D.C.), é uma cópia de uma versão mais antiga redigida em grego.

Contrariamente à versão dos quatro Evangelhos oficiais, este texto clama que Judas era o discípulo mais fiel a Jesus, e aquele que mais compreendia os seus ensinamentos.

O seu conteúdo consiste basicamente em ensinamentos de Jesus para Judas, apresentando informações sobre uma estrutura hierárquica de seres angelicais e uma outra versão para a criação do universo.

Sendo que o Evangelho de Judas foi descoberto nos anos 1970 numa caverna no Egito e resistiu ao tempo graças ao clima seco da região, apesar de ter sido roubado e contrabandeado.

Em 2000, o documento chegou às mãos de uma comerciante grega de antiguidades e, no ano seguinte, foi entregue à Fundação Mecenas, na Suíça, para ser restaurado e traduzido.

O acordo envolveu a National Geographic, que teria pago cerca de 1 milhão de dólares pelos direitos de publicação da história.

Desde então o manuscrito passou por diversas mãos até ser entregue em 2001 à Fundação Mecenas, em Basiléia, na Suíça.

O texto era em egípcio antigo (o copta) teria sido escrito pelos cainitas, uma seita herética do início do cristianismo.

Há registros sobre a existência do Evangelho de Judas desde o século 2, quando Irineu, bispo de Lyon, na Gália romana, escreveu um tratado intitulado Contra as Heresias, no qual condena os cainitas por venerarem

Judas. “Eles (os cainitas) produziram uma história fictícia, a qual chamam de Evangelho de Judas”, afirma o texto, escrito no ano 180. Estudiosos apontam que o manuscrito recentemente traduzido pelo suíço Rodolphe Kasser, um dos maiores especialistas em língua copta do mundo, é do século 4 e seria uma versão do original grego do século 2 a que se refere Irineu.

O bispo de Lyon indicou os quatro evangelhos canônicos de Mateus, de João, de Marcos e de Lucas como os únicos que os cristãos deveriam ler.

Sua lista acabou se tornando a política oficial da Igreja e perdura até hoje.

Os demais manuscritos dos primórdios do cristianismo foram considerados apócrifos (não reconhecidos pela Igreja). Acredita-se que os autores dos textos apócrifos pertenciam, em sua maioria, ao gnosticismo, movimento religioso que rivalizou com a Igreja Católica nos primeiros séculos depois de Cristo

Por essa razão, Judas sempre foi tido como um dos grandes vilões da Bíblia. Basta olhar no dicionário: Judas é sinônimo de traidor, do indivíduo que trai a confiança dos outros.

Mateus
O primeiro evangelista

Mateus Evangelista (**מתי/מתתיהו**, "Dom de Javé" ou "Presente de Deus", hebraico padrão e vocalização de Tibérias: Mattay ou Mattiyahu; grego da Septuaginta Ματθαιος, Matthaios;grego moderno: Ματθαίος, Matthaíos) é, pelo relato dos Padres da Igreja Católica, o autor do Evangelho de Mateus.

Em hebraico Mateus é o mesmo que Matias ou Matatias, significando presente (mathath) de Javé (Iah) ou dom de Deus, de acordo com o seu próprio Evangelho (9:9-13).

Mateus foi o apóstolo chamado Levi ou Matheus de Levite porque seu nome original era Levi, filho de Alfeu.

Estudiosos crêem que o nome de Mateus era Levi antes de se decidir-se a seguir a Jesus, e que Jesus lhe deu um novo nome, que significa "dádiva de Deus". Outros sugerem que Mateus era membro da tribo sacerdotal de Levi.

Sendo que ele pode ter tido algum grau de parentesco com o discípulo Tiago, visto que se diz de cada um deles ser "filho de Alfeu" (Mt 10.3; Mc 2.14).

Às vezes Lucas usa o nome Levi para referir-se a Mateus (Lc 5.27-29).

Mateus nasceu na Galilea e pertencia a uma família de coletores de impostos, ou publicanos, e era ele próprio, um coletor alfandegário em Cafarnaum, onde vivia.

Nos tempos de Jesus, o governo romano coletava diversos impostos do povo palestino.

Pedágios pra transportar mercadorias por terra ou por mar eram recolhidos por coletores particulares, os quais pagavam uma taxa ao governo romano pelo direito de avaliar esses tributos.
Os cobradores de impostos auferiam lucros cobrando um imposto mais alto do que a lei permitia.
Os coletores licenciados muitas vezes contratavam oficiais de menor categoria, chamados de publicanos, para efetuar o verdadeiro trabalho de coletar.
Os publicanos recebiam seus próprios salários cobrando uma fração a mais do que seu empregador exigia.
Normalmente um publicano cobrava 5% do preço da compra de artigos normais de comércio, e até 12,5% sobre artigos de luxo.
Mateus cobrava impostos também dos pescadores que trabalhavam no mar da Galiléia e dos barqueiros que traziam suas mercadorias das cidades situadas no outro lado do lago.
O judeus considerava impuro o dinheiro dos cobradores de impostos, por isso nunca pediam troco.
Se um judeu não tinha a quantia exata que o coletor exigia, ele emprestava de um amigo.
Mateus estava com trinta e um anos e era casado, possuía quatro filhos.
Era um bom homem de negócios, adaptando-se bem a qualquer meio social; e havia sido dotado com a capacidade de fazer amigos e de se dar muito bem com uma grande variedade de pessoas.
Foi chamado por Jesus junto ao mar da Galiléia, em Cafarnaum durante a ocupação romana, que iniciou em 63 a.C. com a conquista de Pompeu, como está escrito em seu evangelho dizendo que Jesus se aproximou

deste improvável discípulo quando ele esta sentado em sua coletoria.
Jesus simplesmente ordenou a Mateus: "Segue-me!" Ele deixou o trabalho pra seguir o Mestre (Mt 9.9).
Mateus coletava impostos do povo hebreu para Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia quando estava trabalhando como publicano a serviço de Herodes Antipas.
Ele coletava pedágio na estrada entre Damasco e Aco e tinha a oportunidade de, também, cobrar impostos dos pescadores.
Os judeus que enriqueciam desta maneira era desprezados e considerados párias.
Os judeus desprezavam os publicanos como agentes do diabo império romano.
Mas os judeus dividiam os cobradores de impostos em duas classes, a primeira era a dos gabbai, que lançavam impostos gerais sobre a agricultura e arrecadavam do povo impostos de recenseamento. O Segundo grupo compunha-se dos mokhsa era judeus, daí serem eles desprezados como traidores do seu próprio povo. Mateus pertencia a esta classe.
Não era permitido aos publicanos prestar depoimento no tribunal, e não podiam pagar o dízimo de seu dinheiro ao templo.
Um bom judeu não se associaria com publicanos (Mt 9.10-13).
Porém, como um coletor de impostos, ele deve ter alfabetizado em aramaico (ainda que provavelmente não em grego e nem em latim).
Após o chamado, Mateus convidou Jesus para um banquete em sua casa. Ao ver isto, os escribas e

os fariseus criticaram Jesus por cear com coletores de impostos e pecadores. A provocação fez Jesus responder, “Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento.” (Lucas 5:29).

Evidentemente, Mateus era um homem rico, porque tinha dado um banquete em sua própria casa.

O simples fato de Mateus possuir casa própria indica que era mais rico do que o publicano típico.

Por causa da natureza de seu trabalho, temos certeza que Mateus sabia ler e escrever. Os documentos de papiro, relacionados com impostos, datados de cerca de 100 dC, indicam que os publicanos eram muito eficientes em matéria de cálculos.

Era um homem de alguma posse, o único que tinha um certo recurso entre os do corpo apostólico.

Por isso apesar de sua profissão anterior de coletor de impostos, foi Judas Iscariotes, porém, que teve o encargo de caixa da pequena comunidade apostólica.

Sendo que sua presença no grupo de apóstolos indicava que Jesus buscava salvação de todos, independente de origem, trajetória, família etc.

E ele aproveitou a oportunidade e transformou-se em um discípulo fiel, preocupado em demonstrar os judeus que seu Mestre, descendente da tribo de Davi, era o Messias esperado.

André apontou-o como o representante financeiro dos apóstolos.

Apesar de sua profissão anterior de coletor de impostos, foi Judas Iscariotes, porém, que teve o encargo de caixa da pequena comunidade apostólica.

De um certo modo Mateus era o agente fiscal e o porta-voz de publicidade da organização apostólica.

Era um bom julgador da natureza humana e um eficaz homem de propaganda. É difícil visualizar a sua personalidade, mas foi um discípulo sincero e cada vez mais crente na missão de Jesus e na certeza do Reino.

Jesus nunca deu a Levi um apelido, mas os seus companheiros apóstolos comumente referiam-se a ele como o "angariador de dinheiro".

Mateus recebia as oferendas voluntariamente feitas pelos discípulos crentes e ouvintes imediatos dos ensinamentos do Mestre, mas ele nunca solicitou fundos abertamente às multidões.

Ele fazia todo o seu trabalho financeiro de um modo silencioso e pessoal e levantava a maior parte do dinheiro entre os da classe mais provida de crentes interessados.

Ele praticamente deu a sua modesta fortuna ao trabalho do Mestre e aos seus apóstolos, mas eles nunca souberam dessa generosidade, salvo Jesus, que por si sabia tudo sobre isso.

Mateus hesitava em contribuir abertamente para os fundos apostólicos por medo de que Jesus e os seus companheiros pudessem considerar o seu dinheiro como sendo sujo; e assim ele doou muito, mas em nome de outros crentes.

Durante os meses iniciais, quando Mateus percebia que a presença dele era como que uma provação para os apóstolos, ele ficou fortemente tentado a fazer com que todos viessem a saber que os seus fundos muitas vezes supriam-nos do pão diário, mas não cedeu a essa tentação.

Quando a evidência do desdém pelo publicano tornou-se evidente, Levi fervia de vontade de revelar a eles a

sua generosidade, mas sempre conseguia manter-se em silêncio.
Quando os fundos para a semana eram menores do que o estimado, Levi sempre lançava mão, e pesadamente, dos próprios recursos pessoais.
E também, algumas vezes quando estava muito interessado nos ensinamentos de Jesus, ele preferia permanecer para ouvir essas instruções, mesmo sabendo que teria de cobrir ele mesmo, por ter deixado de ir angariar os fundos necessários.
Mateus gostaria que Jesus pudesse saber que grande parte do dinheiro vinha do seu bolso, mas ele mal imaginava que Jesus sabia de tudo.
Os apóstolos todos morreram sem saber que Mateus era o seu benfeitor e em um tal grau que, quando ele viajou para proclamar o evangelho do Reino, depois do começo das perseguições, estava praticamente sem nenhum dinheiro.
Da sua atividade após o Pentecostes, conhece-se somente as admiráveis páginas do seu evangelho, primitivamente redigido em aramaico.
O ministério de Mateus no novo testamento é bastante complexo de atestar.
Quando ele é mencionado, é geralmente junto com Tomé. Como discípulo, ele seguiu Cristo e foi uma das testemunhas da Ressurreição e da Ascensão.
Depois, Mateus, Maria, Tiago e outros seguidores próximos a Jesus se recolheram ao cenáculo em Jerusalém.
Foi na mesma época que Tiago sucedeu a Jesus como líder da igreja de Jerusalém.

Eles permaneceram nas redondezas de Jerusalém e proclamaram que Jesus, filho de José, era o Messias prometido nas profecias.

Acredita-se que estes primeiros cristãos judeus eram chamados de nazarenos. É quase certo que Mateus era um deles, uma vez que tanto o novo testamento quanto o Talmud assim atestam.

Mais tarde, ele viajaria pelas nações gentias presumivelmente seguindo as ordens de Jesus (Mateus 28:16-20) e espalhou os ensinamentos de Jesus entre os etíopes, macedonianos, persas epartos.

Depois de pregar em Jerusalem foi para a Etiópia, Síria quando escreveu o Evangelho quando escreveu o primeiro evangelho por volta dos anos 60 provavelmente em Hebraico ou em Aramaico na sua forma original.

Todo o seu evangelho é destinado a provar o verdadeiro reconhecimento de que Cristo era o Messias.

Mateus no seu Evangelho provê um retrato extremamente bem feito de Cristo, inclusive sua genealogia, ministério, paixão, e ressurreição.

Os pais da igreja colocaram o Evangelho de Mateus no começo do cânon do novo testamento provavelmente por causa do significado que lhes atribuíam.

O relato de Mateus mostra Jesus como o cumprimento das profecias do antigo testamento. Acentua que Jesus era o Messias prometido.

Assim Mateus pregou por quinze anos o Evangelho em hebraico para a comunidade judaica na Judeia.

De todos os evangelhos, o de Mateus tem sido, provavelmente, é o de maior influência.

A literatura cristã do segundo século faz mais citações do Evangelho de Mateus do que de qualquer outro. Segundo estudiosos e adicionalmente, Jerónimo (em De Viris Illustribus, cap 3) e Eusébio de Cesareia citam também Mateus como autor do Evangelho dos Hebreus. O "Evangelho dos Hebreus" ou, às vezes chamado de, "Evangelho dos Apóstolos" e acredita-se que ele foi o original "Mateus grego" encontrado na Bíblia. Porém, esta interpretação foi contestada por estudiosos modernos como Bart Ehrman e James Edwards.

Os padres da Igreja Epifânio de Salamina e Jerônimo de Strídon mencionam um evangelho primordial, o hoje perdido Evangelho dos Hebreus, que foi parcialmente preservado nos escritos deles, e que teria sido escrito por Mateus.

Epifânio, porém não afirma por si que o autor seria Mateus, ele apenas afirma que esta era a crença dos heréticos Ebionitas.

Muitos estudiosos hoje em dia, notavelmente Raymond E. Brown, acreditam que "o evangelho canônico de Mateus foi escrito em grego por alguém que não foi testemunha ocular e cujo nome é desconhecido para nós e que dependia de fontes como o Evangelho de Marcos e a fonte Q", uma teoria conhecida como Prioridade de Marcos. Há opiniões divergentes, como a de Craig Blomberg.

Os cristãos do tempo de Mateus ainda se consideravam judeus e, como tais, eles adoravam no Templo e reverenciavam e Lei dada por Deus a Moisés. Eles também reverenciavam uma tradição oral chamada Torah Shebeal Peh, que interpretava a lei escrita.

Foi neste contexto cultural (chamado de Sitz im Leben) que a tradição oral cristã nasceu, conforme Jesus e rabinos cristãos desenvolveram a "mensagem" (evangelios) oral interpretando a lei escrita.

Quando o Segundo Templo em Jerusalém foi destruído em 70 d.C., esta tradição oral não era mais possível e se tornou necessário escrevê-la, o que ocorreu na Mishnah (parte do que seria posteriormente o Talmude).

Acredita-se que Mateus traduziu a "tradição oral cristã" (ou Logia) na forma escrita antes de partir para Roma.

Orígenes afirma que o primeiro evangelho foi escrito por Mateus. Este evangelho foi escrito em hebraico em Jerusalém para ser utilizado por cristão-judeus e traduzido para o grego, embora esta não tenha sobrevivido.

Uma cópia do original hebraico era mantido na Biblioteca Teológica de Cesareia Marítima.

A comunidade nazarena transcreveu uma cópia para Jerónimo, que a utilizou em sua obra De Viris Illustribus.

Segundo o que sabiam os seus antigos companheiros do apostolado, ele já estaria perdido, no entanto ele continuou pregando e batizando, na Síria, na Capadócia, na Galátia, na Bitínia e na Trácia.

E foi na Trácia, na Lisimáquia, que alguns judeus, não crentes, conspiraram com os soldados romanos para consumar a sua morte.

Porem foi na Pártia e na Etiópia e que foi martirizado na cidade Nadabá em 60 d.C. aonde sofreu seu martírio, apedrejado, queimado e decapitado, de onde as relíquias teriam sido transportadas para Paestum e logo depois

levadas para a cidade italiana de Salerno, cujas notícias se perderam por mais de um século e foram reencontradas em 1080 e postas na cripta da catedral pelo papa Gregório VII, onde ainda hoje se encontram.
A data de 1080 é historicamente confirmada pela carta que o Papa escreveu em 18 de setembro daquele ano ao arcebispo de Salerno, Alfano, em que é mencionado o achado. Relíquias menores de Mateus são conhecidas também em Roma.
Uma, levada a Roma pelo futuro papa Vítor III em 1050 como presente a Cêncio Frangipane, estava num relicário de prata (hoje vazio), encontrado durante um reconhecimento em maio de 1924 no escoadouro sob o altar da cripta da igreja de Cosme e Damião.
Especialistas consideraram mais tarde que uma parte de um braço de Mateus se encontra em Maria Maior (Roma), levadas para lá provavelmente como presente pelo papa Paulo V (1605-1621).
E esse publicano regenerado morreu triunfante, na fé de uma salvação que com tanta certeza ele havia aprendido com os ensinamentos do Mestre, durante a sua recente permanência na Terra.
A igreja romana celebra sua festa em 21 de setembro, e a grega em 16 de novembro e seu símbolo como evangelista é um anjo segurando uma lança, uma moeda e uma pena.
Ele é o padroeiro dos contadores, oficiais alfandegários, fiscais financeiros, conselheiros fiscais, operadores em bolsa de valores, economistas, guardas de segurança de valores, coletores de impostos e cobradores de impostos.

Felipe
O apostolo místico

De acordo com João, evangelista (1:43-51) Felipe era natural de Betsaida , a cidade de André e seu irmão Pedro e também pertencia ao grupo de discípulos que acompanhavam João Batista.

Felipe vinha de uma família de sete filhos, três meninos e quatro meninas. Ele era o segundo, depois da ressurreição ele batizou a sua família inteira no Reino.

Toda a família de Felipe era de pescadores.

O seu pai era um homem muito capaz, um pensador profundo, mas a sua mãe era de uma família bastante simples.

Felipe estava presente quando João indicou Jesus como o "Cordeiro de Deus". Cristo chamou Felipe de discípulo no dia seguinte a escolher André e Pedro como seus discípulos.

No Evangelho de João nos dá a informação pormenorizada acerca de Felipe.

Jesus encontrou-se com ele pela primeira vez em Betânia, do outro lado do Jordão (Jo 1.28).

É interessante notar que Jesus chamou a Filipe individualmente enquanto chamou a maioria dos outros em pares.

Sendo sido chamado quando Jesus e os seus quatro primeiros apóstolos (Pedro, André, Tiago e João) estavam no caminho de volta, vindo do local em que João batizava no Jordão, até Caná da Galiléia.

Felipe já conhecia Jesus há algum tempo pois vivia em Betsaida, mas não lhe tinha ocorrido que Jesus fosse

realmente um grande homem, até aquele dia no vale do Jordão em que ele disse: “Segue-me”.
Porem Felipe foi também, de um certo modo, influenciado pelo fato de André, Pedro, Tiago e João já haverem aceitado Jesus como o Libertador.
Filipe estava com vinte e sete anos quando se juntou aos apóstolos, ele havia se casado recentemente, mas não tivera filhos até então.
Porem segundo a tradição, através de Eusébio de Cesaréia, teve quatro filhas durante sua vida.
Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas todos se referem a Felipe na sua lista usualmente colocando-o no quinto lugar logo após Pedro, André, Tiago e João.
De acordo com João (1:43), diz-se que Filipe foi chamado por Jesus para ser seu seguidor e foi Felipe que apresentou Natanael a Jesus (Jo 1.45-51), e Jesus também chamou a Natanael (ou Bartolomeu) para seguí-lo.
Tinha uma agradável personalidade, mas era um discípulo hesitante em forçar o seu ponto de vista ao outros.
De acordo com o Evangelho segundo João (1:43), diz-se que Filipe foi chamado por Jesus para ser seu seguidor e que foi ele quem apresentou Natanael a Cristo.
No Evangelho de João aparece como grande amigo do apóstolo Bartolomeu e cita que ele ficou profundamente impressionado sobre o mistério da Trindade relatado por Jesus, durante a última ceia.
O apelido que os apóstolos deram a ele significava “curiosidade”.

Felipe estava sempre querendo que tudo se lhe fosse mostrado.
Ele nunca parecia ver longe, diante de qualquer questão.
Ele não era necessariamente obtuso, mas faltava-lhe imaginação.
Essa falta de imaginação era a grande fraqueza do seu caráter.
Ele era um indivíduo comum e terra a terra.
Felipe não era um homem de quem se podia esperar que fizesse grandes coisas, mas ele era um homem que podia fazer coisas pequenas de um modo grande, fazia-as bem e aceitavelmente.
Apenas umas poucas vezes, em quatro anos, ele deixou de ter comida à mão para satisfazer as necessidades de todos.
Mesmo as muitas demandas de emergência que resultavam da vida que viviam, raramente o pegaram desprevenido.
O serviço de intendência da família dos apóstolos foi administrado inteligente e eficientemente.
Tinha uma agradável personalidade, mas era um discípulo hesitante em forçar o seu ponto de vista ao outros.
Quando os apóstolos estavam organizados para o serviço, Filipe foi feito intendente, o seu dever era zelar para que nunca lhes faltassem suprimentos.
E ele cuidou bem do almoxarifado. A sua característica mais forte era a minuciosidade metódica, era tanto matemático quanto sistemático.
O ponto forte de Filipe era a confiabilidade metódica; o seu ponto fraco era a total falta de imaginação, a

ausência de capacidade de colocar dois ao lado de dois para obter quatro.
Ele era matemático, abstratamente, mas não possuía imaginação construtiva. Era quase que inteiramente carente de alguns tipos de imaginação. Ele era o homem comum típico, de todos os dias.
Havia muitos desses homens e mulheres em meio às multidões que vinham ouvir Jesus ensinar e pregar, e para eles era um grande conforto observar alguém, como eles próprios, elevado a uma posição de honra, nos conselhos do Mestre, eles ficavam encorajados com o fato de que alguém, como eles próprios, tinha já encontrado um lugar de importância nos assuntos do Reino.
E Jesus aprendeu muito sobre o modo como algumas mentes humanas funcionam, quando ele escutava tão pacientemente às perguntas tolas de Felipe e quando aquiescia aos inúmeros pedidos do seu intendente para que se "lhe fosse mostrado o como".
Freqüentemente os Cristãos mais usados são aqueles comparativamente desconhecidos, mas que são fiéis em cumprir pequenas coisas. Que elogio maior se pode fazer a um homem, senão dizer que trouxe seu irmão a Jesus Cristo. Pense no poder evangelístico que teríamos hoje se todos os Cristãos pudessem trazer todos os seus irmãos e irmãs a Cristo.
Felipe não é relacionado tão freqüentemente à vida de Cristo, como se vê o de Pedro, Tiago e João.
Entretanto, quando realmente estudamos sobre ele, constatamos que foi verdadeiramente um grande Apóstolo.

O primeiro ato de Filipe que vemos registrado na Bíblia é seu testemunho a Natanael sobre Jesus Cristo. (João 1:45).
O evangelho de João oferece mais informação sobre Felipe.
Sendo que o primeiro foi no episódio da multiplicação dos pães aonde tinha de alimentar as multidões que tinha aproximadamente 5 mil pessoas para ouvir Jesus, e foi aonde dirige a bem conhecida pergunta a Jesus: "Onde compraremos pão, para que esta gente possa comer?" Filipe não entende o significado da pergunta e depois de haver dado uma olhada para a multidão disse: "Duzentos denários de pão não seriam suficientes para que cada um receba um pedaço." (6:5-7).
O segundo foi quando o desejo de vários Gregos de conhecerem e encontrarem Jesus, dirigiu-se a Filipe e pediu-lhe que o apresentasse a Jesus. Filipe solicitou a ajuda de André e juntos levaram os homens para conhecê-lo (Jo 12.20-22).
A sua incapacidade de adaptar-se a uma situação nova ficou bem ilustrada nesse caso porque quando os gregos vieram até ele dizendo: “Senhor, nós desejamos ver Jesus”. Ora, Filipe teria dito: “vem”, a qualquer judeu que fizesse tal pedido. Aqueles homens, no entanto, eram estrangeiros e Filipe não conseguiu se lembrar de nenhuma instrução dos seus superiores a respeito de uma tal situação, então a única coisa que ele conseguiu pensar em fazer foi consultar o André, e então os dois acompanharam os gregos até Jesus.
E a terceira foi a memorável conversa dele com Jesus na última refeição quando Filipe disse : "Senhor,

mostrai a nós o Pai e isto será o suficiente para nós" par a o que Jesus respondeu: "Estou tão longe de você, por tanto tempo que você ainda não me reconhece, Felipe? Todo aquele que me vê, está vendo o Pai!...." (Jo 14.8-14).

Esses três breves lampejos são tudo o que vemos acerca de Filipe antes da crucificação e ressurreição de Jesus.

Foi evidente que Filipe tinha uma grande falta de sabedoria. Referindo-se a Jesus, por exemplo, como o filho de José (João 1:45), aparentemente, acreditava que era impossível alimentar as multidões (João 6:5-7)e, demorou a perceber a divindade de Jesus Cristo (João 14:8, 9).

Essa falta de percepção, porém, foi compensada pelo fato de que colocou sua ignorância diante de Jesus Cristo e obteve respostas.

Embora ele não foi tão perceptivo como eram alguns dos Apóstolos, ele parece não ter sido tão argumentativo como foi Pedro, segundo a ocasião descrita em (Mateus 16:21-23).

Poucos detalhes se conhece das atividades de Felipe após a Ascensão do Senhor .

Eusébio e outros escritores e estudiosos preservaram tradições variadas sobre a vida de Felipe após a morte de Jesus.

A igreja tem preservado muitas tradições a respeito de seu último ministério e morte. Segundo algumas delas, ele pregou na França, em Cartago, no Norte da África, e outras dizem que ele pregou no sul da Rússia e em Frigia, na Ásia Menor, onde a mulher de um pro cônsul romano se converteu, ou até na Índia.

Felipe continuou o seu trabalho durante as horas de provações da morte de Jesus, participou da reorganização dos doze, e foi o primeiro a ir em frente no intuito de conquistar almas para o Reino, fora das fileiras imediatas dos judeus, tendo tido muito êxito no seu trabalho com os samaritanos e em todos os seus trabalhos posteriores em nome do evangelho.

Depois pregou durante vinte anos em Escitia e venceu o demônio que habitava nos ídolos, depois partiu para Hierápolis, na Ásia Menor.

Onde patrocinou um fato prodigioso. Filipe teria sido obrigado a reverenciar o deus Marte, acendendo-lhe um incenso.

Naquele instante, surgiu de trás do altar pagão uma cobra, que matou o filho do sacerdote-mor e mais dois comandados seus.

Mas o apóstolo, com um gesto, os fez ressuscitar e matou a cobra. Esse e outros milagres de Felipe foram responsáveis pela conversão de muitos pagãos ao cristianismo.

Essa tradição seria contada por Eusébio de Cesaréia, que afirma que ele teria realizado muitos milagres, inclusive revivido, não ressuscitado, assim como com Lázaro.

Em Hierápolis viveu com sua esposa e suas quatro filhas, que eram profetizas. Duas delas tornaram-se muito respeitadas por suas previsões.

As suas duas filhas sendo a mais velha chamada Lea foram mencionadas por Polycrates, bispo de Éfeso e muito reverenciadas nos primeiros anos da igreja católica.

A esposa de Felipe, era um membro eficiente do corpo feminino, tornou- se ativamente ligada ao marido no seu trabalho de evangelização, depois da sua partida para fugir das perseguições de Jerusalém.

Eusébio e outros escritores e estudiosos preservaram tradições variadas sobre a morte de Felipe.

Clemente da Alexandria informa que Felipe morreu como um mártir durante o reinado do imperador Domiciano (81-96) sendo preso e torturado pelo pro cônsul e depois crucificado de cabeça para baixo e, a seguir, apedrejado no ano 80 d.C em Hierápolis na Ásia Menor.

Sua esposa ficou ao pé da cruz de Felipe, encorajando-o a proclamar as boas-novas, até mesmo para os seus assassinos e, quando lhe faltaram forças, ela começou a contar a história da salvação pela fé em Jesus e foi silenciada apenas quando os judeus irados correram até ela apedrejando-a até a morte.

As relíquias de Felipe teriam sido transportadas num dia 3 de maio a Roma e colocadas juntas com as de Tiago Menor, na igreja dos Apóstolos. Este seria o motivo pelo qual a Igreja latina festeja os dois apóstolos no mesmo dia.

A festa de Felipe então é celebrada no dia 3 de maio.

Em Julho de 2011 os arqueólogos encontraram tumba de Felipe.

A descoberta aconteceu em Pamukkale, antiga Hierápolis, em Anatólia Ocidental (Turquia), cidade em que Felipe morreu, também é local turístico conhecido por suas águas termais.

A descoberta foi realizada pela missão arqueológica italiana empreendida desde 1957, composta hoje por

uma equipe internacional, dirigida desde o ano 2000 por Francesco D'Andria, professor da Universidade de Salento.

"Tentamos encontrar há anos o túmulo de Felipe.Finalmente a encontramos entre os escombros de uma igreja que escavamos há cerca de um mês", explicou o arqueólogo, acrescentando que a tumba ainda não foi aberta.

"Um dia será aberta, sem dúvida. Esta descoberta é de grande importância para a arqueologia e o mundo cristão", afirmou ainda.

Um resultado importante na busca da tumba de Felipe recorda L'Osservatore Romano, já tinha sido alcançado em 2008, quando a equipe encontrou a rua que os peregrinos percorriam para chegar ao sepulcro do apóstolo.

Agora se chegou a esta nova meta.

"Junto ao Martyrion (edifício de culto octogonal, construído no lugar onde Felipe foi martirizado), encontramos uma basílica do século V de três naves", explica o diretor da missão.

"Esta igreja foi construída ao redor de um túmulo romano do século I, que evidentemente gozava da máxima consideração, já que mais tarde se decidiu edificar ao seu redor uma basílica. Trata-se de uma tumba em forma de nicho, com uma câmara funerária."

Colocando em relação esses e muitos outros elementos, "chegamos à certeza de ter encontrado a tumba do apóstolo Felipe, que era meta de peregrinação a este lugar", afirma D'Andria.

No século IV, Eusebio de Cesareia escreveu que duas estrelas brilhavam na Ásia: João, sepultado em Éfeso, e Felipe, “que descansa em Hierápolis”.

Tomar cuidado, pois há uma tendência de confundir Filipe o Apóstolo com o evangelista que foi a Samaria para pregar e que batizou o eunuco etíope.

Houve dois Felipes. Esse último foi escolhido dentre os discípulos para livrar os Apóstolos do peso de servirem às mesas (Atos 6:2-5).

Portanto, não teria sido um dos doze.

Visto que no tempo da dispersão, quando os discípulos foram pregar em todo lugar (Atos 8:4), os Apóstolos permaneceram em Jerusalém (Atos 8:1), é provável que aquele Filipe que foi para Samaria (Atos 8:5) não seja o Apóstolo, mas o Filipe escolhido em Atos 6:5.

Tomé
O apostolo do ascetismo

Tomé (ou Tomás) que também era chamado Dídimo, foi um dos doze apóstolos originalmente escolhidos por Jesus, segundo os Evangelhos sinóticos e os Atos dos apóstolos (Mt 10:3, Mc 3:18, Lc 6:15).
Alguns teólogos têm mantido discordâncias a respeito da verdadeira identidade de Tomé. Tomé ou Tomás não era propriamente um prenome, mas sim a palavra equivalente a gêmeo, vindo do aramaico Tau'ma (תום), e posteriormente traduzida para o grego Didymus.
João também diz que ele era chamado Dídimo (Jo 20.24). A palavra grega para "gêmeos" assim como a palavra hebraica t'hom significa "gêmeo". A Vulgata Latina empregava Dídimo como nome próprio.
Tradições sírias também alegam que o nome completo do apóstolo era Judas Tomé, ou Jude Tomé.
Essa palavra aparece composta com o prenome Judas nalguns trechos bíblicos. Muito se discute de quem esse Judas Tomé seria irmão gêmeo.
Outros, inclusive, acreditam se tratar de Judas Tadeu, irmão de Tiago Menor, tendo-se confundido-o com uma terceira pessoa apenas porque seu nome teria aparecido com a alcunha Gêmeo algumas vezes em vez de Tadeu.
No evangelho de Tomé dito 11 tambem nos mostra essa versão, então Jesus diz a ele "Quando éreis um, vos tornaste dois", criando o entendimento de que Jesus estava na verdade indicando que Judá e Tomé eram a mesma pessoa, uma vez que Tomé não era propriamente um nome, mas uma tradução que indicava "gêmeo".

No entanto, a primeira frase desse Atos segue os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, distinguindo os apóstolos Judas Tomé e Judas Tadeu.
Poucos textos determinam o irmão gêmeo de Tomé, apesar de que no Livro de Tomé o Adversário, parte dos manuscritos do Evangelho de Tomé que está presente na biblioteca de Nag Hammadi, identifica-se Jesus como seu irmão "Agora, haja vista que foi dito ser tu meu gêmeo e verdadeiro companheiro, examina-te a ti mesmo".
Alguns dizem ter visto nos Atos de Tomé (escrito na Síria oriental entre os séculos II e III) uma identificação de Tomé com o apóstolo Judas Tadeu, filho de Tiago.
Tomé era natural da Galiléia e pescador quando Jesus o encontrou e o admitiu entre seus discípulos.
Era o terceiro apóstolo em idade depois de Pedro, pois quando se juntou aos apóstolos Tomé estava com vinte e nove anos, era casado, e possuía quatro filhos sendo escolhido por Filipe.
Anteriormente ele havia sido carpinteiro e pedreiro, mas, sendo pescador, ultimamente residia na Tariquéia, situada na margem oeste do Jordão, onde o rio flui do mar da Galiléia, e era considerado como o cidadão líder dessa pequena aldeia.
Apesar da pouca instrução, possuía uma mente perspicaz e de bom raciocínio, era filho de pais excelentes, que viviam em Tiberíades.
A vivência inicial de Tomé no lar havia sido pouco ditosa, os seus pais não eram de todo felizes na vida de casados, e isso teve reflexo na experiência adulta de Tomé.

Ele cresceu com uma disposição, bastante desagradável, para a discussão. Até mesmo a sua esposa ficou contente quando o viu juntar-se aos apóstolos, pois se sentiu aliviada com o pensamento de que o seu marido pessimista estaria longe de casa à maior parte do tempo. Ainda existe uma lenda fictícia muito remota dele ter sido filho de Jesus, pois segundo Simcha Jacobovici e Charles Pellegrino em seu livro a tumba da família de Jesus, existia a preocupação, da parte de Jesus, que o seu filho fosse morto depois de sua morte.

A grande questão era a de que o Império Romano tinha um especial cuidado em perseguir a prole de qualquer um que representasse ameaça para a soberania do império e isso significava dizer que poderia ser morto filho, esposa e neto, entretanto irmão não entrava nessa lista e isso fez com que o nome gêmeo fosse acrescentado ao de Juda(s) para que não houvesse a suspeita sobre o mesmo ser filho.

Tomé tornou-se conhecido como “o incrédulo Tomé”, mas os seus companheiros apóstolos não o consideravam um incrédulo crônico.

São três as grandes passagens do apóstolo Tomé no livro sagrado.

A primeira é quando Jesus é chamado para voltar à Judéia e acudir Lázaro que tinha morrido. Seu grupo tenta impedir que se arrisque, pois havia ameaças dos inimigos e Jesus poderia ser apedrejado. Mas ele disse que iria assim mesmo e, aflito, Tomé intima os demais: "Então vamos também e morramos com ele!" (Jo 11:16). Alguns interpretam esse como uma antecipação ao conceito teológico paulínio de morrer com Cristo.

Na segunda passagem, demonstra melancolia e incerteza na ultima Ceia. Jesus reuniu os discípulos no cenáculo e os avisou de que era chegada a hora do cumprimento das determinações de seu Pai. Falou com eles em tom de despedida, conclamando-os a segui-lo: "Para onde eu vou vocês sabem. E também sabem o caminho". Tomé queria mais detalhes, talvez até tentando convencer Jesus a evitar o sacrifício: "Se não sabemos para onde vais, como poderemos conhecer o caminho?". Jesus retruca a ele aos pedidos de Filipe com uma complexa exposição de seu relacionamento com o Pai e sua resposta passou para a história: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se vocês me conhecem, conhecerão também meu Pai..." (Jo 14:5-7).

E a terceira e definitiva passagem foi a que mais marcou a trajetória do apóstolo. Foi justamente quando todos lhe contaram que o Cristo havia ressuscitado, pois ele era o único que não estava presente ao evento. Tomé disse que só acreditaria se visse nas mãos do Cristo o lugar dos cravos e tocasse-lhe o peito dilacerado. A dúvida em pessoa, como se vê. Mas ele pôde comprovar tanto quanto quis, pois Jesus lhe apareceu e disse: "Põe o teu dedo aqui e vê minhas mãos!... Não sejas incrédulo, acredita!" Dessa forma, sua incredulidade tornou-se apenas mais uma prova dos fatos que mudaram a história da humanidade (Jo 20:24-29).

Após ver Jesus vivo, Tomé professa sua fé em Jesus, a partir de então ele é considerado Tomé o Crente.

Após essa passagem se dá origem a expressão que Tomé o Incrédulo bem como de diversas tradições

populares similares, tal como Fulano é feito Tomé: precisa ver para crer..

É bem verdade que a sua mente era do tipo lógico, cético, mas ele tinha uma forma de lealdade corajosa que proibia aos seus conhecidos mais próximos considerá-lo como um cético por leviandade.

Possuidor da única mente de fato analítica dos doze, Tomé era realmente o cientista do grupo apostólico.

Tomé também nutria um vestígio de suspeita, que tornava sobremaneira difícil relacionar-se pacificamente com ele.

Pedro havia ficado bastante perturbado por causa de Tomé, a princípio, queixando-se a André, seu irmão, pelo fato de que Tomé era "mesquinho, desagradável e sempre suspeitando de tudo".

Entretanto, quanto mais os seus companheiros conheciam Tomé, mais gostavam dele. Descobriram que ele era estupendamente honesto e inflexivelmente leal.

Era perfeitamente sincero e inquestionavelmente verdadeiro, mas era levado por um pendor natural para encontrar erros em tudo e havia crescido como um pessimista de verdade. A sua mente analítica padecia de uma suspeita aflitiva. Tomé estava rapidamente perdendo a fé no seu semelhante quando se ligou aos doze e, assim, entrou em contato com o caráter nobre de Jesus.

Essa associação com o Mestre começou imediatamente a transformar toda a disposição interior de Tomé, causando grandes mudanças nas suas reações mentais para com os seus semelhantes.

Embora na nossa memória a presença de Tomé faça sempre pensar em incredulidade e nos lembre daqueles que "precisam ver para crer", sua importância não se resume a permitir a inclusão na Bíblia da dúvida humana.

Ela nos remete, também, a outras fraquezas naturais do ser humano, como a aflição e a necessidade de clareza e pé no chão. Mas, e principalmente, mostra a aceitação dessas fraquezas por Deus e seu Filho no projeto de sua vinda para nossa salvação.

Na organização dos doze, Tomé ficou encarregado de estabelecer e ordenar o itinerário, e ele foi um diretor à altura do trabalho e dos movimentos do corpo apostólico. Era um bom executivo, um excelente homem de negócios, limitado todavia pelos seus múltiplos humores, era um homem em um dia e no próximo já se tornava outro.

Quando se uniu ao grupo tinha inclinação para a melancolia meditativa, mas o contato com Jesus e os apóstolos curou-o amplamente dessa introspecção mórbida.

Jesus experimentava bastante satisfação com a companhia de Tomé e mantinha muitas e longas conversas pessoais com ele.

A presença de Tomé, entre os apóstolos, foi um grande conforto para todos os céticos honestos e encorajou muitas mentes perturbadas a virem para o Reino, mesmo que não pudessem compreender completamente tudo sobre os aspectos espirituais e filosóficos dos ensinamentos de Jesus.

A admissão de Tomé no grupo dos doze foi uma proclamação permanente de que Jesus ama até mesmo àqueles que duvidam sinceramente.
Tomé é o grande exemplo de um ser humano que tem dúvidas, que se confronta com elas, e que vence.
Possuía uma grande mente, não era um crítico maligno. Era um pensador lógico, e era uma prova de rigor para Jesus e para os seus irmãos apóstolos.
Se Jesus e a sua obra não fossem verdadeiros, não poderiam ter segurado junto deles, desde o princípio, e até o fim, um homem como Tomé.
Ele tinha um senso muito agudo e seguro do factual. Ao primeiro sintoma de fraude ou de ilusão, Tomé tê-los-ia abandonado a todos.
Temperamento audacioso e cheio de generosidade, percorreu as etapas da fé e professou que Jesus era realmente Deus e Senhor.
Durante algum tempo, ele chegou às profundezas do desespero, mas retomou a sua coragem, permaneceu solidário com os apóstolos e esteve presente junto com eles para acolher Jesus no mar da Galiléia. Por um momento, ele sucumbiu à sua depressão e à dúvida, mas finalmente retomou a sua fé e coragem. Ele deu conselhos sábios aos apóstolos, depois de Pentecostes, e, quando a perseguição dispersou os crentes, ele foi para Chipre, Creta, costa norte da África e Sicília, pregando as boas-novas do Reino e batizando os crentes.
Pregando entre os Medos e os Partas, povos que habitavam a Pérsia.

Eusébio de Cesareia do século IV, depois da morte de Jesus , também afirma ter sido Tomé o apóstolo dos partos.
Da mesma forma que se acredita que Pedro e Paulo disseminaram as sementes do cristianismo pela Grécia e Roma, Marcos pelo Egito e João pela Síria e Ásia Menor, Tomé teria levado a Palavra à Pérsia e à Índia, onde é reconhecido como fundador da Igreja dos Cristãos Sírios Malabares ou Igreja dos Cristãos de Tomé, tendo sido o primeiro dos Cristão do Leste, como retrata os Atos de Tomé, escrito em torno do ano 200 d.C e segundo as pistas encontradas por são Francisco Xavier no século XVI.
As várias denominações da moderna da Igreja oriental dos Cristãos de Tomé atribuem suas origens à sua tradição oral, datada de fins do século II, que alega ter Tomé chegado a Maliankara, próxima à vila de Moothakunnam, na região de Paravoor Thaluk, em 52 d.C.
Esse vilarejo está localizado a 5 km de Kodungallur, no Estado indiano de Kerala, e contém as igrejas dedicadas a São Tomé popularmente conhecidas como Ezharappallikal (Sete igrejas e meia).
Essas igrejas estão em Cranganor, Coulão, Niranam, Nilackal (Chayal),Kokkamangalam, Kottakkayal (Paravoor), Palayoor (Chattukulangara) e Thiruvithamkode, a meia-igreja.
Durante os primeiros séculos da colonização na América, vicejou-se a lenda de que Tomé teria miraculosamente vindo ao novo continente e estabelecido contato com os indígenas. Novamente,

como "prova" da passagem dele, diversos sinais tidos como pegadasseriam atribuídos a Tomé.
Basicamente, a figura da mitologia indígena Sumé (um homem branco que teria visitado em tempos pré-colombianos) foi identificada e fundida com Tomé.
Como "prova" das passagens de Tomé pelo mundo, são-lhe atribuídas formas e marcas em pedras que se assemelham a pegadas, algumas de tamanho gigantesco. É o caso, por exemplo, da lenda sobre a "pegada" no Pico de Adão.
Segundo alguns estudiosos Católicos na passagem de Maria, um texto da Alta Idade Média atribuído a José de Arimateia, Tomé foi a única testemunha da Assunção de Maria aos céus. Os outros apóstolos foram miraculosamente transportados a Jerusalém para observar sua morte.
Tomé, que já estava na Índia, após o funeral fora transportado à tumba dela, onde testemunhou o corpo de Maria subir aos céus, jogando-lhe seu cinto.
Numa inversão à imagem de ceticismo vinculada a Tomé, os outros apóstolos é que duvidaram de seu relato até verem a tumba vazia e o cinto. O recebimento do cinto por Tomé é representado várias vezes na arte medieval e pré-Tridentina.
Tomé teve momentos difíceis durante os dias do interrogatório e da crucificação.
Historiadores acreditam que o apóstolo foi morto alvejado por lanças de quatro soldados, quando orava. Sucumbiu como líder e mártir, como o crente fiel que Jesus lhe pediu.
E Tomé continuou a pregar e a batizar, até que foi preso pelos agentes do governo romano e acabou sendo

martirizado e morto pelo rei de Milapura, na cidade indiana de Malta, onde ficam o monte Tomé e a catedral de mesmo nome, supostamente local de seu sepultamento.
Poucas semanas antes da sua morte ele havia começado a escrever sobre a vida e os ensinamentos de Jesus.
Afirma-se que ele foi sepultado em Mylapore, hoje subúrbio.
Seu nome é lembrado pelo próprio título da igreja Martoma ou "Mestre Tome".
Suas relíquias seriam venerados na Síria e, depois, levadas para o Ocidente e preservadas em Ortona, na Itália
Um pontífice determinou o dia dedicado a Tomé e um templo a ele foi erguido.
As tradições tomasianas ganharam corpo na liturgia siríaca.
Durante o século IV, o memorial erguido no suposto local do martírio de Tomé atraiu peregrinos a Edessa, para a veneração de seus restos.
Nos anos de 380 d.C..
Egeria descreveu sua visita ao local em carta enviada à sua irmandade (Itineraria Egeriae): Nós chegamos em Edessa em nome de Cristo nosso Senhor, e, em nossa chegada, dirigimo-nos diretamente à igreja e memorial de Tomé.
Lá, conforme os costumes locais, orações foram feitas e outras coisas costumeiras aos lugares santos; nós também lemos algo relevante a Tomé em si. A igreja de lá é muito grande, muito bonita e recém-construída, merecedora de ser a casa do Senhor, e como havia

muito que eu desejava ver, foi-me necessário lá permanecer por três dias.
É festejado pelos católicos em 3 de julho.

Matias (O substituto)
O 13º apostolo

O nome Matias é uma variante do hebraico Matatias, que significa "dom de Deus".
Existe alguma confusão entre Mathias e Mateus(Mattheus) em alguns escritos antigos.
Matias era natural de Belém e um dos descendentes da tribo de Judá.
Sua infância foi em Jerusalém, dedicou-se à meditação da Lei de Deus através do estudo dos livros sagrados e, sob a orientação de Simeão, o Receptor de Deus, foi instruído na vida e nas virtudes. Em tudo, procurava ser agradável a Deus, seguindo estritamente o caminho dos Divinos Mandamentos.
Matias foi contado entre os setenta e dois outros discípulos que "o Senhor designou e enviou, dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde ele tinha de ir" (Lc 10,1), tendo antes seguido Jesus desde o começo de sua vida pública, testemunhando e vivendo todo o drama da sua paixão, morte e ressurreição.
Após a morte de Judas Iscariotes, o Traidor, Matias foi o escolhido para ocupar seu lugar, completando o grupo dos Doze Apóstolos. Sua Eleição foi descrita nos Atos dos Apóstolos, assim:
"É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição.
Apresentaram então dois: José, chamado Barsabás e

Matias. E fizeram esta oração: ‘Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostra-nos qual destes dois escolheste para ocupar o lugar que Judas abandonou, no ministério do apostolado, para dirigir-se ao lugar que era o seu’ lançaram sortes sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então contado entre os doze apóstolos (At 1,21-26)”.

Depois de orarem em conjunto, lançaram sortes e Matias foi escolhido.

Sua eleição significou, na hierarquia cristã, ter sido o primeiro bispo ou recipiente da sucessão apostólica.

Esta ocorrência, apenas poucos dias antes do derramamento do espírito santo, no dia de Pentecostes do ano 30 ou 33 DC, consoante as opiniões de alguns estudiosos, foi à última ocasião mencionada na Bíblia em que se recorreu a sortes para se saber a escolha de Deus num determinado assunto.

Segundo as palavras de Pedro registradas em Atos 1:21, 22, Matias havia sido seguidor de Jesus durante os três anos e meio do seu ministério e havia estado intimamente associado com os apóstolos.

Após a sua escolha, ele foi "contado com os onze apóstolos" pela congregação e quando o livro de Atos logo depois fala dos "apóstolos" ou dos "doze", isso incluía Matias.

Após a descida do Espírito Santo, os apóstolos fizeram a distribuição dos lugares aonde deviam levar o Evangelho tornando-se um apóstolo ardoroso como os demais sendo testemunha do Ressuscitado.

De acordo com Nicéforo e os martirológicos gregos Matias primeiro pregou o Evangelho na Judéia, Palestina, Ásia Menor, Capadócia, nas praias do Mar

Cáspio, em Jerusalém e seguindo para a Etiópia que pode ter sido uma parte da Macedônia ou Armênia, que teve fortes ligações com Felipe, Tomé e outros evangelistas dessa Etiópia e, posteriormente, fundando um bispado.

Estabeleceu o fundamento para o Cristianismo Egípcio e de acordo com seus ensinamentos, os filósofos esotéricos cristãos do segundo século, Alexandria e os alexandrianos, Basilides e seu filho Isadore, estabeleceram a forma gnóstica de misticismo que é característica dessa interpretação.

As outras informações existentes sobre Matias fazem parte das tradições e dos escritos da época. Esses registros, entretanto, são apenas fragmentos com algumas citações e frases, que foram recuperadas e segundo os teólogos são de sua autoria. De fato, existe uma certa confusão entre os apóstolos: Matias e Mateus em alguns escritos antigos.

Poucos relatos existem mais sobre sua vida, mas a tradição diz que ele tenha sofrido perseguições e martirizado sendo morto a pedradas e decapitado em Colchis, perto do Mar Negro em Jerusalém por ordem do sumo sacerdote Ananías, e recebeu a coroa de mártir, oferecendo sua vida por amor a Cristo, no ano 63, testemunhando sua fidelidade a Jesus.

Outras fontes históricas confirmam a comunicação do martirologio grego e acrescentam que Matias morreu em Sebastópolis, onde foi sepultado perto do templo do sol.

A Sinopse de Doroteu contém esta tradição:

"Matthias in interiore Æthiopia, ubi Hyssus maris portus et Phasis fluvius est, hominibus barbaris et

carnivoris praedicavit Evangelium. Mortuus est autem in Sebastopoli, ibique prope templum Solis sepultus."
Cuja tradução é:
"Matias pregou o Evangelho aos bárbaros e canibais no interior da Etiópia, onde a Baía de Hyssus se encontra, na foz do Rio Fásis. Ele faleceu em Sebastopólis e está sepultado aqui, próximo ao Templo do Sol."
Já a tradição, narrada por Hipólito de Roma, informa que Matias teria morrido em idade avançada em Jerusalém.
Também dizem que sendo um dos cinco Apóstolos na Armênia seria mais provável que ele, e não Mateus, que tenha sido condenado e martirizado pelo Sanhedrin judaico na Pérsia.
Também dizem que se dirigiu para região da Cólquida (agora conhecida como Geórgia Caucasiana), onde foi crucificado. Um marco localizado nas ruínas da fortaleza romana de Gônio, atual Apsaros, nas modernas regiões georgianas de Adjara indicam que Matias estará sepultado naquele lugar.
A história deixa-nos, portanto, por completo na ignorância e duvida relativamente ao tempo e ao lugar da morte ou Martírio de Matias.
Porem a mãe de Constantino, o Grande, Helena, trouxe as relíquias de Matias para Roma. Uma parte destas relíquias é venerada na Igreja Maria Maggiore em Roma e outra na Igreja antiqüíssima de Matias em Tréveris que em alemão significa Trier na Alemanha, cidade que a tradição diz ter sido evangelizada por ele e da qual os devotos o têm como seu padroeiro.

Matias era comemorado no dia 24 de fevereiro, mas atualmente sua festa ocorre no dia 14 de maio.
Na arte litúrgica da igreja Católica Matias é retratado como um velho apóstolo segurando uma alabarda.
Porem ele é freqüentemente confundido com Mateus que segura uma lança e uma moeda.

Paulo de Tarso
O apóstolo dos gentios

Paulo de Tarso, também chamado de Apóstolo Paulo, Saul ,Saulo de Tarso e São Paulo,
O nome original de Paulo era "Saulo" (em hebraico: שָׁאוּל- Sha'ul; tiberiano: Šā□ûl - "o que se pediu, o que se orou por" e traduzido em grego antigo Σαούλ - Saul - ou Σα□λος - Saulos), nome que divide com o bíblico Rei Saul, um outro benjaminita e primeiro rei de Israel, que foi sucedido pelo Rei Davi, da tribo de Judá.

O uso de "Paulo" (em grego: Πα□λος - Paulos; em latim: Paulus ou Paullus - "baixo"; "curto") aparece nos "Atos" pela primeira vez quando ele começou sua primeira jornada missionária em território desconhecido.

Paulus era um sobrenome romano e alguns argumentam que Paulo o adotou como seu primeiro nome.

Outra teoria, apontada pelo Vaticano, afirma que era costume para os judeus romanizados da época adotarem um nome romano e o pai de Paulo provavelmente quis agradar à família dos Pauli.

Por fim, há ainda os que consideram possível a homenagem a Sérgio Paulo e mais provável que a mudança esteja mais relacionada a um desejo do apóstolo em se distanciar da história do Rei Saul, que perseguiu Davi.

Nasceu em Tarso na Cilícia, era judeu e cidadão romano. Paulo nasceu entre o ano 5 e 10 da era cristã, em Tarso, capital da Cilícia, na Ásia Menor, cidade aberta às influências culturais e às trocas comerciais

entre o Oriente e o Ocidente. Descende de uma família de judeus da diáspora, pertencente à tribo de Benjamim, que observava rigorosamente a religião dos seus pais, sem recusar os contactos com a vida e a cultura do Império Romano.

Os pais deram-lhe o nome de Saul (nome do primeiro rei dos judeus) e o apelido Paulo. O nome Saul passou para Saulo porque assim era este nome em grego. Mais tarde, a partir da sua primeira viagem missionária no mundo greco-romano, Paulo usa exclusivamente o sobrenome latino Paulus.

Segundo suas próprias palavras, era um fariseu.

Pois descendia de uma família hebreus da tribo de Benjamin, que haviam obtido a cidadania romana, de grandes posses e prestígio político. Seus pais, sendo como eram, fiéis à lei mosaica, o mandaram logo para Jerusalém para ser educado lá.

Fariseu fervoroso, recebeu na circuncisão o nome de Saulo e teve como preceptor um dos mais sábios e notáveis rabinos daquele tempo, o grande Gamaliel, neto do ainda mais famoso Hilel, de quem recebeu as lições sobre os ensinos do Antigo Testamento. Foi este Gamaliel, cujo discurso se contém nos Atos dos Apóstolos 5. 34-39, que aconselhou o Sanedrim a não tentar contra a vida dos apóstolos. Ele possuía alguma coisa estranha ao espírito farisaico, a qual se avizinhava da cultura grega. Em seu discurso demonstrava um espírito tolerante e conciliador, característico da seita dos fariseus.

Em "Atos dos Apóstolos", Paulo afirma ter nascido mesmo em Tarso (na província de Mersin, na parte meridional da Turquia central) e faz breves menções à

sua família. Um sobrinho é mencionado em Atos 23:16 e sua mãe é citada entre os que moram em Roma em Romanos 16:13. É ali também que o apóstolo confessa que “Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, os entregava à prisão.”(Atos 8:3).

Mesmo tendo nascido em Tarso, foi criado em Jerusalém, "aos pés de Gamaliel", que é considerado um dos maiores professores nos anais do Judaísmo" e cujo equilibrado conselho em Atos 5:34-39, para que os judeus se contivessem na fúria contra os discípulos, contrasta com a temeridade de seu estudante que, após a morte de Estevão, saiu num rompante perseguindo os Criatãos .

Recebeu a sua primeira educação religiosa em Tarso tendo por base o Pentateuco e a lei de Moisés. A partir do ano 25 d.C. vai para Jerusalém onde frequenta as aulas de Gamaliel, mestre de grande prestígio, aprofundando com ele o conhecimento do Pentateuco escrito e oral.

Em Atos 13:6-13, Paulo aparece, juntamente com Barnabé e João Marcos, conversando com Sérgio Paulo, um oficial romano em Chipre que será convertido por ele.

Aprende a falar e a escrever aramaico, hebraico, grego e latim. Pode falar publicamente em grego ao tribuno romano, em hebraico à multidão em Jerusalém (Act 21,37.40) e catequizar hebreus, gregos e romanos.

Apóstolo do ceistianismo nascido em Tarso, cidade principal da Cilícia, o mais importante nome para a perduração dos ensinamentos de Cristo.

Celebrizou-se por seus vastos conhecimentos rabínicos.
Aprendeu o ofício de fazedor de tendas, das que se usavam nas viagens.
Recebeu uma educação subordinada às tradições e às doutrinas da fé hebraica e, embora fosse filho de um fariseu, At 23, tornou-se um cidadão romano.
Pelos seus dizeres na epístola aos filipenses 3. 4-7, aparentemente ocupava posição de grande influência que lhe dava margem para conseguir lucros e grandes honras.
Tornou-se membro do concílio, At 26. 10, e logo depois recebeu a comissão do sumo sacerdote para perseguir os cristãos, 9. 1, 2; 22. 5.
Apareceu no cenário da história cristã, como presidente da execução do diácono Estêvão o protomártir do Cristianismo, a cujos pés as testemunhas depuseram suas vestimentas At 7. 58.
Na Bíblia aparece então no 7º capítulo do livro Atos dos Apóstolos, guardando as vestes do diácono, que foi apedrejado, concordando, portanto, com a condenação.
Depois disso, empreendeu forte perseguição aos cristãos. Na sua posição odiava a nova seita, não só desprezando o crucificado Messias, como considerava os seus discípulos um elemento perigoso, tanto para a religião como para o Estado. Este seu ódio mortal contra os discípulos de Jesus durou até ao momento da sua conversão, que aparece no 9º capítulo.
Pois antes de se converter ao Cristianismo era conhecido como Saulo e perseguia os discípulos de Jesus nos arredores de Jerusalém, quando teve uma visão de Jesus envolto numa luz incandescente e desde então começou suas pregações do Cristianismo.

A conversão de Paulo pode ser datada entre os anos de 30 e 36 pela referência que ele fez em uma de suas epístolas.

A conversão de Paulo é uma das mais importantes da história da Igreja. Mostra-nos o poder da graça divina, capaz de transformar Saulo, perseguidor da Igreja, no "Apóstolo Paulo" por excelência, que tem a iniciativa da evangelização dos pagãos.

De acordo com os "Atos dos Apóstolos", sua conversão (metanoia) ocorreu na "estrada para Damasco".

Ele e seus companheiros viajavam pelos desertos da Galiléia e quando, ao meio-dia, o sol ardente estava no seu zênite, At 26. 13, repentinamente uma luz vinda do céu, mais brilhante que a luz do sol caiu sobre eles, derrubando-os. Todos se ergueram, mas ele continuou prostrado por terra. Ouviu-se então uma voz que dizia em língua hebraica: "Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra o aguilhão". Respondeu ele então: "Quem és tu Senhor?" E veio a resposta: "Eu sou Jesus a quem tu persegues. Levanta-te e vai à cidade e aí se te dirá o que te convém fazer". Os companheiros que o seguiam ouviam a voz sem nada ver, nem entender. Ofuscado pelo intenso clarão da luz, foi conduzido pela mão dos companheiros. Entrou em Damasco e hospedou-se na casa de Judas, onde permaneceu três dias sem ver, sem comer e nem beber, orando e meditando sobre a revelação divina. Guiado pelo Senhor, o judeu convertido Ananias, foi visitar-lhe e ao se encontrar com o grande perseguidor, recebeu a confissão da sua nova fé. Certo de sua conversão Ananias impôs-lhe as mãos, fê-lo recobrar a visão e o batizou. Batizado, foi

para o deserto da Arábia, onde orou e fez penitência por três anos. A partir de então, com a juventude e a energia que o caracterizava, e para grande espanto dos judeus, começou a pregar nas sinagogas que Jesus era o Cristo, Filho de Deus vivo, 9 10-22. Regressou à Jerusalém, onde sofreu a desconfiança dos que não acreditavam na sua repentina conversão e instalou-se em Antióquia, na Síria, de onde fez três grandes viagens missionárias, ao longo de 25 anos.

Como Paulo também era cidadão romano, o que lhe conferia uma situação legal privilegiada.

Após a sua conversão, Paulo foi para Damasco, onde os "Atos" afirmam que foi curado de sua cegueira e batizado por Ananias de Damasco.

Paulo afirma em 2 Coríntios 11:32 que foi em Damasco que ele escapou por pouco da morte, indo em seguida primeiro para a Arábia e depois de volta para Damasco. Esta viagem de Paulo para a Arábia não é mencionada em nenhum outro lugar no Novo Testamento e alguns autores acreditam que ele tenha na realidade viajado até o Monte Sinai para meditar no deserto.

Ele descreve em Gálatas como, três anos após a sua conversão, ele viajou para Jerusalém, onde se encontrou com Tiago, o Justo, e ficou com Simão Pedro por 15 dias.

Nos Atos, relatam-se três viagens de Paulo sendo a primeira, liderada primeiro por Barnabé que levou Paulo de Antioquia até Chipre, passando depois pela Ásia Menor (Anatólia) e de volta a Antioquia. Em Chipre, Paulo refuta e cega Elimas, o mago, que estava criticando seus ensinamentos. Deste ponto em diante, Paulo é descrito como sendo o líder do grupo.

Sua segunda viagem missionária partiu para Jerusalém, onde estava sendo realizado o concílio com os outros apóstolos no qual a obrigatoriedade da circuncisão foi retirada. A maior parte dos acadêmicos concorda que houve uma reunião vital entre Paulo e a igreja de Jerusalém em algum momento entre os anos de 48 e 50, descrita em Atos 15:2 e geralmente entendido como o mesmo evento mencionado por Paulo em Gálatas 2:1. A principal questão discutida ali foi se os gentios convertidos precisavam ou não ser circuncidados, conforme o relato nos Atos e em Gálatas.

Paulo alega em sua epístola que terá sido neste encontro que Pedro, Tiago e João aceitaram a missão de Paulo aos gentios.

Com o objetivo de levar a Antioquia o resultado do concílio, os fiéis realizaram uma eleição para escolher dois mensageiros que acompanhariam Paulo e Barnabé nessa missão. Os eleitos então foram Silas e Judas, "chamado Barsabá".

Paulo, Barnabé, Judas e Silas partiram então de Jerusalém levando os decretos dos apóstolos aos fiéis em Antioquia e nas províncias romanas da Síria e Cilícia. Chegando a Antioquia, eles cumprem a missão que lhes foi dada, sendo que Judas retorna para Jerusalém e desaparece da história, enquanto Silas permanece na cidade.

Na Antioquia, Paulo e Barnabé tiveram uma dura discussão sobre se deveriam levar João Marcos com eles. Nos Atos, é mencionado que o menino já os tinha deixado em uma viagem anterior para retornar para casa. Paulo acreditava que ele ainda não estava pronto para este tipo de evangelização e, por isso, ele e

Barnabé decidiram se separar. Barnabé acabou levando João Marcos consigo e Silas se juntou a Paulo.
Paulo e Silas viajaram para diversas cidades diferentes, como Tarso, Derbe e Listra (todas na Ásia Menor). Nesta última, eles encontraram Timóteo, um discípulo que tinha uma boa reputação, e decidiram levá-lo com eles. Em Filipos (na Grécia), uma multidão incitada por homens insatisfeitos com a conversão de uma escrava que dava muitos lucros aos seus patrões com suas adivinhações se insurgiu contra os missionários, açoitando e prendendo Paulo e Silas. Após um milagroso terremoto, os portões da prisão se abriram e os dois puderam escapar, o que levou por sua vez à conversão do carcereiro.
Eles seguem então para Bereia, de onde Paulo segue para Atenas, deixando ali Silas e Timóteo.
Na capital grega, Paulo prega no areópago contra os muitos ídolos que encontra, converte Dionísio, o Areopagita e parte .
Por volta de 50 a 52, Paulo passou 18 meses em Corinto, onde reencontrou Timóteo e Silas. A referência nos Atos ao procônsul Gálio permite inferir a data (vide Inscrição de Gálio).
Lá ele trabalhou com Silas e Timóteo e Paulo conheceu Priscila e Áquila, que se tornaram fiéis crentes e ajudaram Paulo em suas viagens missionárias. A dupla seguiu Paulo e seus companheiros até Éfeso e o grupo permaneceu ali para iniciar aquela que seria a mais forte e fiel igreja cristã daquele tempo.
A cidade foi um importante centro da cristandade a partir do ano 50. Em 52, os missionários viajaram para Cesareia Mazaca para cumprimentar a igreja que

se formara ali, viajando em seguida para o sul até Antioquia, descansando ali por um ano antes de iniciarem uma terceira viagem missionária.

A terceira viagem missionária de Paulo iniciou passando por toda a região da Galácia e da Frígia para reforçar a fé e ensinar para os fiéis, além de repreender os que estavam em erro.

Quando ele chegou em Éfeso, ficou ali por pouco menos de três anos e realizou uma série de milagres, como curas e exorcismos. O apóstolo seguiu então para a Macedônia, passando novamente por Corinto, onde permaneceu por três meses.

Quando ele estava pronto para retornar para a Síria, mudou de ideia por conta de um plano que os judeus tinham feito contra sua vida, voltando então para a Macedônia e terminando sua viagem em Cesareia.

Embora Paulo tenha escrito sobre uma visita que fez a Illyricum, ele estava se referindo ao que hoje chamamos de Illyria Graeca, parte da província romana da Macedônia, onde hoje está atualmente a Albânia.

Paulo e seus companheiros seguiram então para Roma, naquela que foi provavelmente a última das viagens missionárias, em 60.

A viagem começou em Jerusalém, onde os irmãos foram recebidos em festa. Lá, Paulo foi espancado e quase morto, preso e enviado para Cesareia Marítima, onde esteve detido durante aproximadamente um ano e meio. Foi transferido depois para Roma, a seu pedido, e solto após o comandante saber que ele era um cidadão romano. Paulo passou então a pregar na capital imperial.

Ele passou mais dois anos em prisão domiciliar, contando esta vez, Paulo passou entre cinco e seis anos preso em celas ou prisioneiro em casa.

Apesar do acordo encontrado no Concílio de Jerusalém, como tinha entendido Paulo, o apóstolo relata como ele depois confrontou publicamente Pedro, no que ficou conhecido como "Incidente em Antioquia", por causa da relutância dele em realizar suas refeições com os cristãos gentios em Antioquia.

Escrevendo depois sobre o incidente, relata ter dito a Pedro e os demais presentes “Se tu, sendo judeu, vives como gentio, e não como judeu, como obrigas os gentios a viver como os judeus?” (Gálatas 2:11-14).

Paulo também menciona que até mesmo Barnabé, seu companheiro de viagem até aquele momento, ficou do lado de Pedro.

O resultado final do incidente permanece incerto.

A Enciclopédia Católica afirma que "o relato de Paulo sobre o incidente não deixa dúvidas de que Pedro viu justiça na reprimenda". Em contraste, a obra "From Jesus to Christianity", de L. Michael White, alega que "o confronto com Pedro foi um falha completa, uma bravata política, e Paulo logo deixou Antioquia como persona non grata para nunca mais voltar"

Juntamente com Simão Pedro e Tiago, o Justo, ele foi um dos mais proeminentes líderes do nascente cristianismo.

Treze epístolas no Novo Testamento são atribuídas a Paulo, sendo ele o maior propagador do cristianismo depois de Cristo, mas a sua autoria em sete delas é contestada por estudiosos
modernos. Agostinho desenvolveu a ideia de Paulo que

a salvação é baseada na fé e não nas "obras da Lei". A interpretação de Martinho Lutero das obras de Paulo influenciou fortemente sua doutrina de "sola fide". Sua liderança, influência e legado levaram à formação de comunidades dominadas por grupos gentios que adoravam o Deus de Israel, aderiam ao código moral judaico, mas que abandonaram o ritual e as obrigações alimentares da Lei Mosaica por causa dos ensinamentos de Paulo sobre a vida e obra de Jesus e seu "Novo Testamento", fundamentados na morte de Jesus e na sua ressurreição.

Ele próprio confessa, por diversas vezes, que foi perseguidor implacável das primeiras comunidades cristãs. Por causa disso atribui a si mesmo o título de "o menor entre os Apóstolos" e ainda, de "indigno de ser chamado Apóstolo".

Mas Deus, que conhecia a sua retidão, tornou-o testemunha da morte de Estevão, cena entre todas comovente, descrita nos Atos dos Apóstolos. A visão de Estevão apontando para os céus abertos e Cristo, aí reinando, domina a vida toda de Paulo, o grande missionário do Cristianismo.

Elaborou uma teologia cristã e ao lado dos Evangelhos suas epístolas são fontes de todo pensamento, vida e mística cristãs.

As treze epístolas no novo testamento formam como que a Teologia é exposta por um Apóstolo. Jamais apareceu outro homem sobre a terra que fundamentasse tão bem a nossa fé em Cristo, presente na História, como também, presente em nossa própria existência.

Durante esse período escreveu as cartas aos Filipenses, aos Colossenses, aos Efésios e a Filêmon. Inocentado

(63) passou pela Espanha, visitou suas comunidades no Oriente, onde foi preso e novamente levado para Roma (67) sob a acusação de seguir uma religião ilegal. São desse último período as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito. Por ordem de Nero desta vez não teve perdão e foi condenado à morte, mas por ser um cidadão romano não deve ter sido crucificado e, sim, decapitado.

Nas cartas que escreveu às comunidades que fundou, mostrou-se o grande teólogo empenhado em elaborar uma síntese do mistério cristão que atravessasse os tempos. esses documentos caracterizam-se por conterem valiosas regras de vida completamente atemporais, que jamais perderão seu significado se praticados para garantirem a harmonia em qualquer sociedade, em qualquer época. Também em seus ensinamentos observa-se o esclarecimento da distinção entre judaísmo e cristianismo e a difusão deste último no mundo grego.

Não era apóstolo oficialmente, mas foi considerado o apóstolo do gentios por causa da sua grande obra missionário nos países gentílicos. Ele dizia de si mesmo: "Eu trabalhei mais que todos os apóstolos... e ai de mim se não evangelizar!", mas também dizia: "Eu sou o menor dos apóstolos... não sou digno de ser assim chamado".

Paulo é chamado “o Apóstolo” por ter sido o maior anunciador do cristianismo depois de Cristo. Entre as grandes figuras do cristianismo nascente, a seguir a Cristo, Paulo é de fato a personalidade mais importante que conhecemos.

É uma das pessoas mais interessantes e modernas de toda a literatura grega, e a sua Carta aos Coríntios é das obras mais significativas da humanidade.
Quando Paulo chegou em Jerusalém em 57 com uma coleta de dinheiro que tinha feito para a comunidade loca e, segundo Atos, ele foi recebido calorosamente. Porém, o relato continua afirmando que ele foi interrogado por Tiago por ensinar a "todos os judeus que estão entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem seus filhos nem andem segundo os nossos ritos"(Atos 21:22). Paulo então realizou um ritual de purificação para não dar aos judeus nenhum motivo para acusá-lo por não seguir os mandamentos da Lei.
Tiago, irmão de Jesus, líder dos cristãos de Jerusalém, que avisou Paulo sobre os riscos de pregar contra a Torá em Jerusalém.
Foi um dos mais influentes escritores do cristianismo primitivo, cujas obras compõem parte significativa do Novo Testamento. A influência que exerceu no pensamento cristão, chamada de "paulinismo", foi fundamental por causa do seu papel como proeminente apóstolo do Cristianismo durante a propagação inicial do Evangelho pelo Império Romano.
Ireneu de Lyon acreditava que Pedro e Paulo tinham sido os fundadores da Igreja de Roma, sendo eles a nominarem Lino como bispo e sucessor:
Paulo, porém, não foi bispo de Roma e nem levou o cristianismo para lá, pois já havia cristãos em Roma quando ele chegou lá. É evidente também que Paulo já tinha escrito uma epístola para a Igreja de Roma antes de ter visitado a cidade. Porém, Paulo pode ter tido um

importante papel na formação da Igreja na capital romana.

Nos versículos iniciais da Epístola aos Romanos, Paulo nos dá uma litania de sua própria alegação apostólica e de suas convicções pós-conversão sobre a ressurreição de Cristo.

Os seus próprios textos nos dão alguma ideia sobre o que ele pensava de sua relação com o Judaísmo. Se por um lado se mostrava crítico, tanto teologicamente quanto empiricamente, das alegações de superioridade moral ou de linhagem dos judeus[nota s], por outro defendia fortemente a noção de um lugar especial reservado aos filhos de Israel.

Vários autores cristãos da Antiguidade, a tradição e alguns historiadores, entre eles John Fox, já propuseram mais detalhes sobre a morte de Paulo.

I Clemente, uma carta escrita pelo bispo de Roma, Clemente, por volta do ano 90 d.C. relata o seguinte sobre Paulo:

"Por causa de inveja e brigas, Paulo, pelo exemplo, mostrou a recompensa da resistência paciente. Após ele ter sido preso por sete vezes, ter sido exilado, apedrejado e ter pregado no ocidente e no oriente, ele recebeu o reconhecimento que era o prêmio da sua fé, tendo ensinado a retidão para o mundo inteiro e tendo chegado aos confins do ocidente. E quando ele já tinha dado seu testemunho perante os governantes, partiu deste mundo e foi para um lugar sagrado, tendo encontrado um notável padrão de resistência paciente".

Eusébio de Cesareia, que escreveu no século IV d.C., afirma que Paulo foi decapitado durante o reino do imperador romano Nero.

Este evento tem sido datado ou no ano de 64 d.C., quando Roma foi devastada por um incêndio, ou alguns anos depois, em 67 d.C.

O apócrifo Atos de Pedro sugere que Paulo sobreviveu a Roma e viajou para o oeste, para a Hispânia. Alguns mantêm o ponto de vista que ele poderia ter visitado a Grécia e a Ásia Menor após a sua viagem à Hispânia e que ele pode ter sido finalmente preso em Troas e enviado a Roma para ser executado.

Mas segundo a Bíblia Paulo foi levado ao céu, ouviu e viu coisas que Deus proibiu que ele dissesse [2Co 12:4b], mas então ele ainda permaneceu vivo na Terra, pois estava escrevendo a carta [2Co 1:1].

A tradição cristã mantém que Paulo foi enterrado com São Pedro ad Catacumbas na Via Ápia e lá permaneceu até seu corpo ser levado para a Basílica de São Paulo Extra-Muros, em Roma.

O venerável Beda, em sua Historia eclesiastica gentis Anglorum, escreveu que o Papa Vitaliano, em 665, deu algumas relíquias de Paulo (incluindo a cruz feita com as correntes que o prenderam) ao rei Oswiu da Nortúmbria, no norte da Inglaterra.

Ainda segundo a tradição, o túmulo de Paulo estaria localizado na Basílica de São Paulo Extra-Muros, em Roma.

Escavações foram realizadas conforme o relato feito em um comunicado da Agência Católica Internacional de Imprensa (APIC - Agence de Presse Internationale Catholique), de 17 de fevereiro de 2005.

Um sarcófago que pode conter as relíquias do apóstolo Paulo foi identificado na Basílica de São Paulo Extra-

Muros, de acordo com Giorgio Filippi, chefe do departamento epigráfico do Museu do Vaticano.
Sob o altar elevado, está uma laje de mármore do século IV, que sempre esteve visível, contém uma inscrição Paulo Apostolo Mart (Paulo Apóstolo Mártir). A placa tem três furos e provavelmente está relacionada com o culto funerário de Paulo.
De acordo com Giorgio Filippi, esses buracos foram usados para a "criação de relíquias" por meio de simples contato com o túmulo do apóstolo.
Ao longo da Via Ostiense, um santuário foi erguido sobre o túmulo do apóstolo Paulo ainda no século I d.C. Como já fizera com Pedro, o imperador romano Constantino, o Grande, começou, no início do século IV, a construir uma basílica para abrigar o túmulo.
Então, em 386, meio século após a do imperador e por conta do afluxo de peregrinos, uma basílica ainda maior foi construída por ordem dos imperadores Valentiniano II, Teodósio I e Arcádio.
Em junho de 2009 o Papa Bento XVI anunciou os resultados das escavações ali realizadas. O sarcófago em si não foi aberto, mas foi examinado por meio de uma sonda e revelou pedaços de incenso e de linho, azul e púrpura, assim como pequenos fragmentos de osso, que foram datados por radio carbono como sendo do século I ou II d.C.
De acordo com o Vaticano, isto é uma evidência a favor da tradição de que ali está efetivamente o túmulo de Paulo.
Duas festas litúrgicas foram criadas em homenagem a Paulo sendo a primeira em 25 de janeiro que foi

instituída na Gália, no século VIII, para lembrar a conversão do Apóstolo e entrou no calendário romano no final do século X e a segunda é lembrando no seu martírio dia 29 de junho.
Depois da Maria, Paulo junto com Pedro e João Batista são precisamente os Apóstolos com comemorados mais freqüentemente pela Igreja Católica e com maior solenidade no ano litúrgico.

João Batista
O apostolo precursor

Segundo a narração do Evangelho de Lucas, João Batista era filho do sacerdote Zacarias e Isabel(ou Elizabete), prima de Maria, mãe de Jesus.
João Batista (Judeia, 2 a.C. - 27 d.C.) foi um pregador judeu, do início do século I, citado pelo historiador Flávio Josefo e os autores dos quatro Evangelhos da Bíblia. Os cristãos há muito interpretam a vida de João Batista como uma preparação para o advento de Jesus e as circunstâncias de seu nascimento, relatados no Novo Testamento, são também milagrosos.
O único relato bíblico sobre o nascimento do profeta está no Evangelho de Lucas.
Os pais de João eram Zacarias, um sacerdote judeu e Isabel que não tinham filhos e já haviam passado da idade de tê-los.
Durante uma jornada de trabalho servindo no Templo de Jerusalém, ele foi escolhido por sorteio para oferecer incenso no Altar Dourado no Santo dos Santos.
O Arcanjo Gabriel apareceu para ele e anunciou que ele e sua esposa iriam dar à luz uma criança e que ele deveria chamá-lo de João. Porém, por não ter acreditado na mensagem de Gabriel, ele ficou mudo até o nascimento de seu filho.
Os seus parentes quiseram então dar-lhe o nome do pai e Zacarias, sem poder falar, escreveu: "Seu nome é João" e sua voz voltou.

Depois de ter obedecido ao comando de Deus, ele recebeu o dom da profecia e previu o futuro de João. O cântico que Zacarias profere em se guinda, chamado Benedictus, é utilizado até hoje nos serviços litúrgicos de diversas denominações cristãs.
Na Anunciação, quando o Arcanjo Gabriel apareceu para Maria para informá-la que ela iria conceber seu filho Jesus através do Espírito Santo, ele também a informou de que Isabel, sua prima, já estava grávida de seis meses.
Maria então viajou para visitar Isabel. O Evangelho de Lucas relata que o bebê "chutou" no ventre de Isabel quando ela cumprimentou Maria.
João nasceu numa pequena aldeia chamada Aim Karim, a cerca de seis quilômetros lineares de distância a oeste de Jerusalém.
Segundo interpretações do Evangelho de Lucas, era um nazireu de nascimento. Outros documentos defendem que pertencia à facção nazarita da Palestina, integrando-a na puberdade, era considerado, por muitos, um homem consagrado. De acordo com a cronologia neste artigo, João teria nascido no ano 7 a.C.; os historiadores religiosos tendem a aproximar esta data do ano 1º, apontando-a para 2 a.C..
Segundo o registo do Evangelho segundo Lucas, Isabel estaria com 6 meses de gestação quando foi visitada por Maria. E Maria já sabia estar grávida o que carecia pelo menos de 1 mês para o efeito. Considerando estes dados, poderíamos dizer que os meninos teriam 5 meses de diferença, o que remeteria o nascimento de João para o segundo mês do mesmo ano – Fevereiro de 7 a.C..

Então João Batista nasceu aos 25 de março, do ano 7 a.C., sendo que por cinco meses, Isabel manteve o segredo sobre a visitação de Gabriel

Excetuando-se a visita de Gabriel a Isabel e o sonho de Zacarias, não houve nada de inusitado ou sobrenatural relacionado ao nascimento de João Batista.

Como era prática ritual entre os judeus, o seu pai Zacarias teria procedido à cerimônia da circuncisão, ao oitavo dia de vida do menino.

Ele cresceu como uma criança comum, dia a dia e ano a ano, na pequena aldeia conhecida naqueles dias como a Cidade de Judá, localizada a cerca de seis quilômetros a oeste de Jerusalém.

A sua educação foi grandemente influenciada pelas ações religiosas e pela vida no templo, uma vez que o seu pai era um sacerdote e a sua mãe pertencia a uma sociedade chamada "as filhas de Abraão", as quais cumpriam com determinados procedimentos importantes na sociedade religiosa da altura.

Aos 6 anos de idade, de acordo com a educação sistemática judaica, todos os meninos deveriam iniciar a sua aprendizagem "escolar". Em Judá não existia uma escola, pelo que terá sido o seu pai e a sua mãe a ensiná-lo a ler e a escrever, e a instruí-lo nas atividades regulares.

O acontecimento mais notável na primeira infância de João foi a visita, em companhia dos seus pais, a Jesus e à família de Nazaré. Essa visita ocorreu no mês de junho, do primeiro ano a.C., quando ele tinha pouco mais de seis anos de idade.

Aos 14 anos há uma mudança no ensino. Os meninos, graduados nas escolas da sinagoga, iniciam um novo ciclo na sua educação.

Como não existia uma escola em Judá, os seus pais terão decidido levar João a Engedi (atual Qumram) com o fito de este ser iniciado na educação nazarita.

João terá efetuado os votos de nazarita que incluíam abster-se de bebidas intoxicantes, e deixar o cabelo crescer, e o não tocar nos mortos. As ofertas que faziam parte do ritual foram entregues em frente ao templo de Jerusalém como caracterizava o ritual.

Engedi era a sede ao sul da irmandade nazarita, situava-se perto do Mar Morto e era liderada por um homem, reconhecido, de nome Ebner.

Depois dessas cerimônias e de fazer os votos de abstenção de todas as bebidas intoxicantes, de deixar o cabelo crescer e de abster-se de tocar nos mortos, a família rumou para Jerusalém, onde, diante do templo, João completou as oferendas que eram requeridas dos que faziam os votos dos nazaritas.

Aos dezesseis anos, João, em conseqüência de ter lido sobre Elias, ficou tão fortemente impressionado com o profeta do monte Carmelo, que decidiu adotar a sua maneira de vestir.

Daquele dia em diante, João sempre usava uma veste de pele e um cinturão de couro.

Aos dezesseis anos, ele tinha mais de um metro e oitenta de altura e estava já quase plenamente desenvolvido.

Com os seus grandes cabelos soltos e o seu modo peculiar de vestir-se, ele era de fato um jovem pitoresco. E seus pais esperavam grandes coisas do

único filho deles, uma criança prometida e um nazarita para toda a vida.
De Jerusalém, João retornou à sua casa, para cuidar das ovelhas de seu pai e cresceu até virar um homem forte e de caráter nobre.
Após uma doença de muitos meses Zacarias morreu em julho, no ano 12 d.C., quando João tinha um pouco mais de dezoito anos. Essa foi uma época de grande embaraço para João, pois o voto nazarita o proibia de ter contato com os mortos, ainda que da própria família.
Embora João estivesse empenhado em cumprir as restrições do seu voto, a respeito da contaminação por meio dos mortos, ele duvidava que tivesse sido totalmente obediente às exigências da ordem nazarita, portanto, depois que o seu pai tinha sido enterrado, ele foi a Jerusalém, onde, no nicho nazarita da praça das mulheres, ele ofereceu os sacrifícios necessários para a sua purificação.
Em setembro desse ano, Isabel e João fizeram uma viagem a Nazaré para visitar Maria e Jesus. João estava quase se decidindo a começar o trabalho da sua vida, quando foi exortado, não apenas pelas palavras de Jesus mas também pelo seu exemplo, “a retornar à sua casa, tomar conta da sua mãe, e esperar pela “chegada da hora do Pai””.
Após despedir-se de Jesus e Maria, no fim da agradável visita, João não viu Jesus de novo até o evento do seu batismo no Jordão.
Em 17 de agosto, do ano 22 d.C., quando João tinha vinte e oito anos, sua mãe subitamente faleceu e foi sepultada em Hebrom. Os amigos de Isabel, sabendo das restrições nazaritas a respeito do contato com os

mortos, ainda que na própria família, fizeram todos os arranjos para o enterro de Isabel, antes de mandarem buscar João.

João ofereceu todos os seus bens de família à irmandade nazarita e aliviou-se de todas as responsabilidades sociais, iniciando a sua preparação para aquele que se tornou um "objetivo de vida", pregar aos gentios e admoestar os judeus, anunciando a proximidade de um "Messias" que estabeleceria o "Reino do Céu".

Ao retornar a Engedi, após o funeral da sua mãe, entregou os seus rebanhos à confraria e afastou-se do mundo exterior para jejuar e orar.

João conhecia apenas os velhos métodos de aproximar-se da divindade; ele conhecia apenas os registros como os de Elias, Samuel e Daniel.

Elias era o seu ideal de profeta. Elias havia sido o primeiro dos mestres de Israel a ser considerado um profeta e João verdadeiramente acreditava que devia ser, ele próprio, o último dessa longa e ilustre linhagem de mensageiros dos céus.

A profecia aponta para a obra de preparo feita por João. Ele é a voz do deserto clamando: "Preparai o caminho do Senhor" (Isaías 40:3).

Malaquias disse que João haveria de preparar "o caminho diante" do Senhor (Malaquias 3:1-2). O preparo espiritual de João é um indício da natureza espiritual do reino.

João começa a sua obra identificando-se. "Eu não sou o Cristo" (João 1:20), disse ele.

Ele é aquela voz que prepara o caminho do rei (João 1:23).

Um anjo resumiu a obra de João: "Irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado" (Lucas 1:17).

Por dois anos e meio, João viveu em Engedi e persuadiu a maioria da confraria de que "o fim da idade estava bem próximo"; de que "o Reino do céu estava para se mostrar".

Em todo esse período, João leu suficientemente as escrituras sagradas que encontrou na casa dos nazaritas em Engedi.

Estava especialmente impressionado com Isaías e com Malaquias, o último dos profetas até aquela época. Leu e releu os cinco últimos capítulos de Isaías, e acreditava nessas profecias.

E então ele leria em Malaquias: "Cuidai, Eu vos enviarei Elias, o profeta anterior à vinda do grande e terrível dia do Senhor; e ele fará os corações dos pais irem contra os filhos e os corações dos filhos irem contra os pais, de medo que Eu venha e golpeie a Terra com uma maldição". E foi unicamente por causa dessa promessa feita em Malaquias, de que Elias iria retornar que João viu-se impedido de sair pregando sobre o Reino vindouro e de exortar os seus companheiros judeus a fugirem da ira que viria.

João estava amadurecido para a proclamação da mensagem do Reino vindouro, mas essa expectativa da vinda de Elias o deteve por dois anos mais. E sabia que ele não era Elias. O que então Malaquias havia querido dizer? A profecia seria literal ou figurada? Como poderia ele saber a verdade? Finalmente ousou pensar

que, como o primeiro dos profetas era chamado Elias, então o último deveria ser conhecido, finalmente, pelo mesmo nome.

Entretanto ainda tinha dúvidas, dúvidas suficientes para não se permitir jamais vir a chamar a si mesmo de Elias. Pois como foi dito anteriormente foi a influência de Elias que levou João a adotar os seus métodos de ataque direto e áspero aos pecados e vícios dos seus contemporâneos vestindo-se como Elias, e esforçava-se para falar como Elias; em todos os aspectos externos, ele era como o profeta de outrora.

Até no Novo Testamento, pelas palavras de Lucas, refere mesmo que existia uma incidência do Espírito de Elias nas ações de João.

Era um filho da natureza e de tal modo robusto e pitoresco, que era um destemido e ousado pregador da retidão.

João não era iletrado, conhecia bem as escrituras sagradas judias, mas não tinha cultura. Sabia como pensar claro, possuía um discurso poderoso e era um denunciador inflamado. Dificilmente seria um exemplo para a sua idade, mas constituía-se em uma reprovação eloqüente.

Finalmente vislumbrou o método de proclamar a nova era, o Reino de Deus; decidiu que ele era mesmo quem se iria transformar no arauto do Messias; colocou de lado todas as dúvidas e partiu de Engedi, em um dia de março do ano 25 d.C., para começar a sua curta mas brilhante carreira como pregador público.

Viajou pela costa ocidental do mar Morto e rio Jordão acima, do lado oposto de Jericó, na antiga parte rasa sobre a qual Joshua e os filhos de Israel passaram para

entrar pela primeira vez na terra prometida; e, atravessando até o outro lado do rio, ele estabeleceu-se próximo da entrada dessa parte rasa e começou a pregar ao povo que atravessava o rio em um sentido e no outro. Esse era o vau mais freqüentado para travessias do Jordão.

O Discurso principal de João era a respeito da vinda do Messias. Grandemente esperado por todos os judeus, o Messias era a fonte de todas as esperanças deste povo em restaurar a sua dignidade como nação independente. Os judeus defendiam a idéia da sua nacionalidade ter iniciado com Abraão, e que esta atingiria o seu ponto culminar com achegada do Messias. João advertia os judeus e convertia gentios, e isto tornou-o amado por uns e desprezado por outros.

Importante notar que João não introduziu o batismo no conceito judaico, este já era uma cerimônia praticada. Para todos aqueles que ouviam João, ficava claro que ele era mais do que um pregador.

A grande maioria daqueles que escutavam aquele homem estranho, vindo do deserto da Judéia, partia acreditando que tinha ouvido a voz de um profeta. Não era de se espantar que as almas desses judeus cansados, mas esperançosos, ficassem profundamente excitadas com esse fenômeno.

Nunca, em toda a história dos judeus, os filhos devotos de Abraão haviam desejado tanto a "consolação de Israel", nem tinham, mais ardentemente, antecipado "a restauração do reino". Em toda a história dos judeus, nunca a mensagem de João, "o Reino do céu está ao alcance das mãos", teria podido exercer um apelo tão profundo e universal como na época em que ele

apareceu, tão misteriosamente, na margem dessa travessia ao sul do Jordão.

Ele batizava todos os seus crentes no Jordão "para a remissão dos seus pecados". Embora o batismo não fosse uma cerimônia nova entre os judeus, eles nunca tinham visto o batismo ser feito como João o realizava agora.

Havia muito que vinha sendo uma prática batizar assim os prosélitos gentios, para admiti-los na comunidade da parte externa da praça do templo, mas nunca tinha sido pedido aos judeus, eles próprios, que se submetessem ao batismo do arrependimento.

Apenas de quinze meses foi o período desde a época em que João começara a pregar e a batizar, até sua detenção e a sua prisão, instigadas por Herodes Antipas; mas nesse curto período de tempo ele pôde batizar bem mais de cem mil penitentes.

João pregou por quatro meses no vau de Betânia, antes de partir para o norte, subindo o Jordão. Dezenas de milhares de ouvintes, alguns apenas curiosos, mas muitos sinceros e sérios, vieram para ouvi-lo de todas as partes da Judéia, da Piréia e de Samaria. Alguns vieram até mesmo da Galiléia.

Em maio desse ano, enquanto ele ainda se detinha no vau de Betânia, os sacerdotes e os levitas enviaram uma delegação para inquirir de João se ele pretendia ser o Messias, e com a autoridade de quem ele pregava. A esses inquisidores João respondeu com estas palavras: "Ide e dizei aos vossos senhores que vós escutastes a 'voz de alguém que grita no deserto', como anunciou o profeta ao dizer: 'preparai o caminho do Senhor, fazei uma estrada plana e reta até o nosso Deus. Cada vale

deverá ser preenchido, cada monte e colina deverão ser cortados; o chão acidentado deverá tornar-se plano, enquanto os locais encrespados devem tornar-se um vale plano; e toda a carne verá a salvação de Deus'".

João era um pregador heróico, mas sem tato.

Um dia, quando ele estava pregando e batizando, na margem ocidental do Jordão, um grupo de fariseus e alguns saduceus destacaram-se e apresentaram-se para o batismo.

Antes de levá-los até a água, João, dirigindo-se coletivamente a eles, disse: "Quem vos avisou para partir, como víboras diante do fogo, da ira que virá? Eu batizarei a vós, mas vos previno que vos será necessário produzir os frutos do arrependimento sincero, se quiserdes receber a remissão dos vossos pecados.

Não é suficiente dizer-me que Abraão é o vosso pai. Eu declaro que, dessas doze pedras aqui diante de vós, Deus pode fazer surgir filhos dignos para Abraão. E, agora mesmo, o machado já está derrubando as árvores, até às suas raízes. Cada árvore que não dá bom fruto está destinada a ser cortada e jogada ao fogo". (As doze pedras às quais se referia eram as célebres pedras do memorial levantado por Joshua, para comemorar a travessia das "doze tribos" nesse mesmo ponto, quando eles entraram pela primeira vez na terra prometida.)

João deu aulas aos seus discípulos e durante essas aulas ele os instruía sobre os detalhes da nova vida e esforçava-se para responder às suas inúmeras perguntas.

Aconselhou aos educadores ensinar sobre o espírito tanto quanto sobre as letras da lei. Ele ensinou os ricos a alimentar os pobres; aos coletores de impostos, ele disse: "Extorquir não mais do que o que vos é devido".

Aos soldados, ele disse: “Não cometais a violência e não arrecadeis nada de modo indevido, contentai-vos com os vossos soldos”. E ao mesmo tempo a todos aconselhava: “preparai-vos para o fim das idades, o Reino do céu está ao alcance das mãos”.

Pessoalmente para João, o batismo de Jesus terá sido o seu auge experiencial. João terá ficado admirado por Jesus se ter proposto para o batismo. Esta experiência motivou a sua fé e o seu ministério adiante.

João batizava em Pela, quando Jesus se aproximou, na margem do rio Jordão. A síntese bíblica do acontecimento é resumida, mas denota alguns fatores fundamentais no sentimento da experiência de João.

Nesta altura João encontrava-se no auge das suas pregações. Teria já entre 25 a 30 discípulos e batizava judeus e gentios arrependidos. Neste tempo os judeus acreditavam que Deus castigava não só os iníquos, mas as suas gerações descendentes. Eles acreditavam que apenas um judeu poderia ser o culpado do castigo de toda a nação.

O batismo para muitos dos judeus não era o resultado de um arrependimento pessoal. O trabalho de João progredia.

Os relatos Bíblicos contam a história da voz que se ouviu, quando João batizou Jesus, dizendo “este é o Meu filho amado no qual ponho toda a minha complacências”.

Refere que uma pomba esvoaçou sobre os dois personagens dentro do rio, e relacionam essa ave com uma manifestação do Espírito Santo.

Este acontecimento sem qualquer repetição histórica tem servido por base a imensas doutrinas religiosas.

Em dezembro do ano 25 d.C., quando João chegou à vizinhança de Pela, na sua caminhada Jordão acima, o seu renome havia sido espalhado por toda a Palestina; e o seu trabalho transformara-se no principal assunto da conversa em todas as cidades em torno do lago da Galiléia.

Jesus havia falado favoravelmente à mensagem de João, e isso havia levado muitos de Cafarnaum a aderir ao culto do arrependimento e do batismo de João. Tiago e João, os pescadores filhos de Zebedeu, haviam ido até lá em dezembro, pouco depois de João ter assumido a sua postura de pregador, perto de Pela, a fim de se oferecerem para o batismo.

Eles iam ver João uma vez por semana e traziam de volta a Jesus notícias frescas e de primeira mão sobre o trabalho do evangelista.

Tiago e Judas, irmãos de Jesus, haviam falado em ir até João para o batismo; e agora que Judas tinha vindo a Cafarnaum para os ofícios de sábado, ambos, ele e Tiago, depois de ouvirem o discurso de Jesus na sinagoga, decidiram aconselhar- se com ele a respeito dos seus planos.

Isso foi no sábado, à noite, aos 12 de janeiro do ano 26 d.C. Jesus pediu a eles que adiassem a conversa até o dia seguinte, quando ele iria dar-lhes a sua resposta. Jesus dormiu pouquíssimo naquela noite, ficando em comunhão íntima com o Pai nos céus. E preparara tudo para almoçar com os seus irmãos e para aconselhá-los a respeito do batismo de João.

Naquela manhã de domingo Jesus estava trabalhando como de costume na marcenaria dos barcos. Tiago e Judas haviam chegado com o almoço e estavam

esperando por ele no depósito das madeiras, pois não era ainda a hora da pausa do meio-dia e sabiam que Jesus era muito pontual nessas questões.
Pouco antes do descanso do meio-dia, Jesus deixou de lado as suas ferramentas, tirou o seu avental de trabalho e simplesmente anunciou aos três que trabalhavam com ele: "É chegada a minha hora". Ele foi até os seus irmãos, Tiago e Judas, e repetiu: "A minha hora chegou,vamos até João". E então eles partiram imediatamente para Pela, comendo o almoço enquanto viajavam. Isso foi no domingo, 13 de janeiro. Eles pararam à noite no vale do Jordão e, no dia seguinte, chegaram no local em que João batizava, por volta do meio-dia.
João mal havia começado a batizar os candidatos do dia. Dezenas de arrependidos estavam na fila, à espera da sua vez, quando Jesus e os seus dois irmãos entraram nessa fila de homens e mulheres sinceros que passaram a crer no Reino que viria, segundo a pregação de João. João tinha perguntado aos filhos de Zebedeu sobre Jesus. E havia ouvido falar sobre as observações de Jesus a respeito da sua pregação, e estava, dia após dia, esperando vê-lo entrar em cena, mas não esperava acolhê-lo na fila dos candidatos ao batismo.
Absorvido pelos detalhes de um batismo rápido daquele grande número de convertidos, João não levantou os olhos para ver Jesus, até que o Filho do Homem estivesse bem diante dele.
Quando João reconheceu Jesus, as cerimônias foram suspensas por um momento, enquanto ele cumprimentava o seu primo na carne e perguntava: "Mas por que vieste até dentro da água para saudar-

me?" E Jesus respondeu: "Para submeter-me ao teu batismo". João replicou: "Mas sou eu que tenho necessidade de ser batizado por ti. Por que vieste até a mim?" E Jesus murmurou a João: "Sê tolerante comigo agora, pois cabe a nós darmos esse exemplo aos meus irmãos que estão aqui comigo, e para que o povo possa saber que é chegada a minha hora".

Havia um tom de autoridade e de ultimato final na voz de Jesus. João estava trêmulo de emoção no momento em que se preparou para batizar Jesus de Nazaré, no Jordão, ao meio-dia daquela segunda-feira, 14 de janeiro, do ano 26 d.C. Assim, João batizou Jesus e seus dois irmãos, Tiago e Judas.

E quando João havia já batizado esses três, ele dispensou os outros naquele dia, anunciando que ele iria reassumir os batismos no dia seguinte ao meio-dia. Quando o povo já partia, os quatro homens ainda de pé dentro d'água ouviram um som estranho; e logo surgiu uma aparição momentânea exatamente por sobre a cabeça de Jesus, e eles ouviram uma voz dizendo: "Este é o meu Filho adorado, em quem eu muito me comprazo". Uma grande mudança produziu-se no semblante de Jesus que os deixou, saindo d'água em silêncio, indo na direção das colinas a leste. E nenhum homem viu Jesus de novo por quarenta dias.

João seguiu Jesus até uma distância suficiente para contar a ele a história da visita de Gabriel à sua mãe, antes que ambos nascessem, do modo como por tantas vezes ele havia escutado dos lábios da sua mãe. E permitiu a Jesus continuar o seu caminho depois que disse: "Agora sei com certeza que és o Libertador". Mas Jesus nada respondeu.

A inovação de João terá sido a abertura da cerimônia à conversão dos gentios, causando assim muita polêmica.
Numa pequena aldeia de nome "Adão" João pregou a respeito "daquele que viria", do qual não seria digno nem de apertar as alparcas (as correias das sandálias).
Nessa aldeia também, João acusou Herodes e repreendeu-o no seu discurso, por este ter uma ligação com a sua cunhada Herodíades, que era mulher de Felipe, rei da Ituréia e Traconites (irmão de Herodes Antipas I).
Esta acusação pública chegou aos ouvidos do tetrarca e valeu-lhe a prisão e a pena capital por decapitação alguns meses mais tarde.
O aprisionamento de João ocorreu na Pereia, a mando do Rei Herodes Antipas I no 6º mês do ano 26 d.C.. Ele foi levado para a fortaleza de Macaeros (Maqueronte), onde foi mantido por dez meses até ao dia de sua morte.
O motivo desse aprisionamento apontava para a liderança de uma revolução.
Herodias, por intermédio de sua filha, conseguiu coagir o Rei na morte de João, e a sua cabeça foi-lhe entregue numa bandeja de prata e depois foi queimado em uma fogueira numa das festas palacianas de Herodes.
Já que Herodias tinha fracassado em causar a morte de João, por apelo direto a Herodes, ela estabeleceu para si mesma a tarefa de levar João à morte por meio de um plano astuto.
No decorrer das festividades e entretenimentos daquela noite, Herodias apresentou a sua filha para dançar diante dos convivas. Herodes estava muito encantado com a dança da donzela e, chamando-a diante de si, disse: "Tu és encantadora. Estou muito satisfeito

contigo. Pede a mim, neste meu aniversário, o que desejares, que eu darei a ti, ainda que seja a metade do meu reino". E Herodes fazia tudo isso sob a influência de muito vinho. A donzela retirou-se e perguntou à sua mãe o que deveria ela pedir a Herodes. Herodias disse: "Vá a Herodes e peça a cabeça de João Batista". E a jovem donzela, retornando à mesa do banquete, disse a Herodes: "Eu peço que me entregues imediatamente a cabeça de João Batista, em uma bandeja".

Herodes ficou cheio de medo e de tristeza, no entanto, havia dado a sua palavra diante de todos os que se assentavam para banquetear-se com ele, e, por isso, não podia negar o pedido. E Herodes Antipas enviou um soldado com a ordem de trazer a cabeça de João. E João teve então a sua cabeça decepada, naquela noite, na prisão e o soldado trouxe a cabeça do profeta em uma bandeja e apresentou-a à jovem donzela, no fundo da sala de banquete. E a donzela deu a bandeja à sua mãe. Quando os discípulos de João ouviram sobre isso, vieram à prisão buscar o corpo de João e, depois de colocá-lo em um túmulo, foram embora e contaram tudo a Jesus.

Os discípulos de João trataram do sepultamento do seu corpo e de anunciar a sua morte ao seu primo Jesus. Antes de morrer João teve uma experiência solitária e um tanto amarga, na prisão. A poucos dos seus seguidores foi permitido vê-lo. Ele ansiava por encontrar Jesus, mas tinha de contentar-se em ouvir os relatos da sua obra através daqueles seguidores seus que se haviam transformado em crentes do Filho do Homem. Muitas vezes era ele tentado a duvidar de Jesus e da sua missão divina. Se Jesus era o Messias,

por que nada fez para libertá-lo desse inconcebível aprisionamento? Por mais de um ano e meio esse homem rude de Deus, amante do ar livre, definhou naquela prisão desprezível. E essa experiência foi um grande teste para a sua lealdade e fé em Jesus. De fato, toda essa experiência foi mesmo um grande teste para a fé que João possuía em Deus. Muitas vezes ele foi tentado a duvidar até mesmo da autenticidade da sua própria missão e experiência.

Após ter estado na prisão por muitos meses, um grupo de discípulos seus veio até ele e, após contar sobre as atividades públicas de Jesus, disse: "Então, vê tu, Mestre, pois aquele que estava contigo no alto Jordão prospera e recebe todos que vêm a ele. Ele festeja até mesmo com publicanos e pecadores. Tu deste um testemunho corajoso sobre ele, e ainda assim ele nada faz para a tua libertação". Mas João respondeu aos seus amigos: "Esse homem nada pode fazer que não tenha sido dado a ele pelo seu Pai nos céus. Vós vos lembrais bem de que eu disse: 'Não sou eu o Messias, mas sou um que foi enviado antes a preparar o caminho para ele'. E isso eu fiz. O que possui a noiva é o noivo, mas o amigo do noivo, que está próximo dele e o escuta, rejubila-se grandemente por causa do ruído da sua voz. Essa minha alegria, portanto, cumpriu-se. Ele deve crescer, mas eu devo diminuir. Sou desta Terra e já passei a minha mensagem. Jesus de Nazaré desceu à Terra, vindo dos céus, e está acima de todos nós. O Filho do Homem desceu de Deus e as palavras de Deus ele irá dizer a vós. Pois o Pai nos céus não mede o espírito que dá ao seu próprio Filho. O Pai ama o Seu Filho e irá logo colocar todas as coisas nas mãos desse

Filho. Aquele que acredita no Filho tem a vida eterna. E essas palavras que eu disse são verdadeiras e perduráveis".

Esses discípulos ficaram assombrados com o pronunciamento de João, tanto que partiram em silêncio. João ficara também muito agitado, pois percebeu que tinha acabado de fazer uma profecia. Nunca mais ele duvidou completamente da missão e da divindade de Jesus.

Mas foi um desapontamento sentido, para João, que Jesus não tivesse enviado a ele nenhuma palavra, que não tivesse vindo vê-lo e que não tivesse exercido nenhum dos seus grandes poderes para libertá-lo da prisão. Jesus, no entanto, sabia de tudo isso, E, sendo assim, mantinha um grande amor por João, mas sendo agora conhecedor da sua natureza divina e sabendo plenamente das grandes coisas que estavam em preparação para João quando ele partisse deste mundo e, também, sabendo que o trabalho de João, na Terra, havia acabado ele obrigou-se a não interferir na evolução natural da carreira do grande pregador profeta.

Essa longa espera na prisão estava tornando-se humanamente intolerável. Uns poucos dias antes da sua morte, João novamente enviou mensageiros de confiança a Jesus, perguntando: "O meu trabalho está feito? Por que me enlanguesço na prisão? És verdadeiramente o Messias, ou devemos procurar outro?" E quando esses dois discípulos levaram essa mensagem a Jesus, o Filho do Homem respondeu: "Ide a João e dizei a ele que não me esqueci dele; e que ele deve suportar tudo isso também, pois o conveniente é que cumpramos tudo o que é reto. Dizei a João o que

vós vistes e ouvistes que as boas-novas são pregadas aos pobres e, finalmente, dizei ao amado precursor da minha missão na Terra, que ele será abundantemente abençoado na idade que está para vir se ele, de mim, não encontrar ocasião para duvidar e cair". E essa foi a última palavra que João recebeu de Jesus. E essa mensagem confortou-o grandemente e muito fez para estabilizar a sua fé e para prepará-lo para o trágico fim da sua vida na carne, que veio pouco tempo depois dessa ocasião memorável.

O Dia de João é um dos mais antigos festivais do cristianismo, já aparecendo no concílio de Agde, em 506 d.C., como um dos principais festivais da época, um feriado e, como o Natal, era celebrado com três missas: uma pela manhã, uma ao meio-dia e outra no pôr-do-sol.

O nascimento de João Batista no dia de 24 de junho ocorre três meses depois da celebração da Anunciação, em 25 de março e seis meses antes do Natal, que celebra o nascimento de Jesus. Obviamente, o objetivo das festas não é marcar a data exata destes eventos, mas sim comemorá-los de forma interligada.

O nascimento de João Batista é um feriado importante no calendário dos católicos, mantido pelas Igrejas Católica, Anglicana e Luterana. No rito romano ela é celebrada como uma solenidade desde 1970 e como uma festa de primeira classe na forma do rito vigente até 1962. Ela tem precedência sobre o domingo se cair em um. As igrejas reformadas e igrejas livres dão menos proeminência para esta festa.

A razão na doutrina católica é que João, como Jeremias e Maria, foi purificado do pecado

original antes de seu nascimento, embora o nascimento de João não seja imaculado como no caso de Maria.
A questão naturalmente surge sobre o motivo da celebração se realizar no dia 24 ao invés do dia seguinte, uma explicação mais provável do motivo pelo qual a festa cai em 24 e junho está no modo de contagem romano, que procedia de trás para frente a partir das "calendas" (primeiro dia) do mês seguinte. O Natal era "o oitavo dia das calendas de janeiro" (Octavo Kalendas Januarii).
Consequentemente, o nascimento de João foi colocado no "oitavo dia antes das calendas de Julho". Porém, como junho tinha apenas 30 dias, a festa caiu finalmente no dia 24 de junho.
Além da comemoração religiosa, muitos costumes regionais associados com o nascimento de João Batista são, na realidade, mais relacionados com a concomitante celebração do meio do verão (solstício), resquícios dos tempos pré-cristãos.
O professor de história e ministro de gabinete, Boshidar Dimitrov, relatou que o relicário foi achado pelo professor Kazimir Popkonstantinov e sua equipe durante as escavações no monastério da ilha São Ivan, localizada em águas do Mar Negro.
Foram encontradas seis falanges dos dedos, parte da mandíbula superior, um dente, um osso do calcanhar e vários ossos menores de João Batista.
Indicou-se que este tem a forma de um sarcófago e está datado a começos do século V.
A autenticidade das relíquias foi confirmada. O professor Popkonstantinov afirmou que o valor do achado do relicário e da pequena caixa com inscrições

em grego é enorme.
Informou-se que as relíquias serão expostas na igreja de São Jorge da localidade turística costeira de Sosopol.
Os arqueólogos búlgaros acreditam que os restos foram levados ao convento no século IV D.C. através de Constantinopla, hoje Istambul.
Tem uma inscrição em grego no elmo de pedra contém uma referência à 24 de junho, data em que supostamente João Batista teria nascido.
“Descobrimos que as relíquias de João Batista são exatamente o que os arqueólogos esperavam”, disse Bozhidar Dimitrov, ministro da Bulgária, sem documentações comprobatórias, além de um ex-diretor do Museu Histórico Nacional, que estava presente quando a urna de pedra foi aberta.
“Foi confirmado que se trata de partes do seu esqueleto.”
Outros especialistas questionam a alegação, dizendo que testes de datação por carbono eram necessários antes que os ossos sejam confirmados como pertencentes ao batizador de Cristo.
Muitos países ao redor do Mediterrâneo requisitaram os restos de João, incluindo a Turquia, Montenegro, Grécia, Itália e Egito.